



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA
Rua Barão de Jeremoabo, nº 147, Campus Universitário – Ondina, Salvador-BA CEP: 40170-115
tel.: (71) 3283-6255 fax: (71) 3283-6256 e-mail: pglbta@ufba.br

MÁRIO JORGE PEREIRA DA MATA

**VEJO O FUTURO REPETIR O PASSADO: A DISSEMINAÇÃO DO
“NOVO” DISCURSO CONSERVADOR NO BRASIL**

**SALVADOR
2022**



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA
Rua Barão de Jeremoabo, nº 147, Campus Universitário – Ondina, Salvador-BA CEP: 40170-115
tel.: (71) 3283-6255 fax: (71) 3283-6256 e-mail: pglbta@ufba.br

MÁRIO JORGE PEREIRA DA MATA

**VEJO O FUTURO REPETIR O PASSADO: A DISSEMINAÇÃO DO
“NOVO” DISCURSO CONSERVADOR NO BRASIL**

Tese apresentada à Comissão Examinadora do Curso de Doutorado em Letras – Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia – como requisito para obtenção de título de doutor.

Orientador: Prof. Dr. Julio Neves Pereira

SALVADOR
2022

Mata, Mário Jorge Pereira da.

Vejo o futuro repetir o passado: a disseminação do “novo” discurso conservador no Brasil /

Mário Jorge Pereira da Mata. - 2022.

148 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Júlio Neves Pereira.

Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2022.

1. Análise do discurso. 2. Análise do discurso - Aspectos políticos. 3. Ideologia. 4. Conservantismo - Brasil. 5. Nova Direita (Ciência política). I. Pereira, Júlio Neves. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDD - 401.410981

CDU - 81'42:32(81)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA
Rua Barão de Jeremoabo, nº 147, Campus Universitário – Ondina, Salvador-BA CEP: 40170-115
Tel.: (71) 3283-6255 Fax: (71) 3283-6256 E-mail: pglta@ufba.br

Membros da Comissão Julgadora de defesa da tese de Mário Jorge Pereira da Mata, intitulada *Vejo o futuro repetir o passado: a disseminação do “novo” discurso conservadorismo Brasil*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia.

COMISSÃO JULGADORA

Prof. Dr. Julio Neves Pereira
Orientador (PPGlinc)

Prof. Dr. André Luiz Gáspari
Examinador Externo

Profa. Dra. Palmira V. Bahia Heine Alvarez
Examinadora Externa

Profa. Dra. Adriana Santos Batista
Examinadora Interna

Profa. Dra. Renata Aiala de Mello
Examinadora Interna

A todos progressistas que lutaram e lutam, a fim de que tenhamos uma sociedade mais equitativa, plural e inclusiva. Para minha família que, a seu modo, sempre está presente nos momentos mais importantes de minha vida.

AGRADECIMENTOS

Profa. Dra. Iracema Luiza de Souza pelo tratamento carinhoso e pelo acolhimento nos momentos bons e ruins ao longo da pesquisa e da formulação da tese. Obrigado por ter contribuído para o meu amadurecimento acadêmico, por abrir portas profissionais, pelos aconselhamentos, enfim, pela amizade, no sentido mais rico e irrestrito que essa palavra pode ter. Sou grato por ter conduzido o processo de orientação com leveza e precisão. Grato também por ter partilhado seu conhecimento e experiências e pela capacidade de me ouvir e de me compreender.

Prof. Dr. Julio Neves Pereira por ter conduzido o processo de orientação com notável ética e profissionalismo. Fui um felizado em ter suas colaborações em minha tese. Detalhes que foram acrescentados após leituras atentas de meu texto, o que deixou evidente o seu respeito e carinho com meu trabalho. Obrigado por me apresentar sugestões e caminhos que só me enriqueceram como pessoa e como analista do discurso, pelas muitas palavras de incentivo e pelas observações mais ríspidas, porém necessárias, a fim de que o nível da pesquisa não oscilasse.

Profa. Dra. América Cesar pelo incentivo, a fim de que alcançasse meus objetivos, pelo entusiasmo em me orientar nas diversas questões sobre a linguagem. Por ter me aceitado e me orientado no exercício do tirocínio, confiando a mim a condução de uma de suas turmas. Momento enriquecedor no qual pude discutir questões sobre discurso e gêneros discursivos, além de me aperfeiçoar minha prática docente.

Profa. Dra. Ludmila Antunes pela parceria duradoura e pelas contribuições profissionais. Muito obrigado pela amizade que se perdeu no tempo. Algo que não se sabe quando começou, contudo não se enxerga o fim. Feliz por deixar os meus trabalhos em suas mãos, uma vez que os textos são um pouco de nós mesmos. Divido minhas conquistas com você.

Profa. Dr. Emília Barreto por ter participado de minha banca de qualificação, contribuindo com uma análise minuciosa da estrutura do texto, bem como pelas intervenções metodológicas as quais minimizaram as incoerências teóricas. Pelo desprendimento em ceder bibliografia, para que minha tese apresentasse consistência teórica e argumentos fortalecidos.

Prof. Dr. André Luís Gáspari pela gentileza em fazer parte do quadro de professores que fizeram parte da qualificação. Pela dedicação na leitura de meu trabalho. Obrigado pela orientação precisa e pelas oportunas intervenções no desenvolvimento do texto. Pelas palavras

de incentivo as quais me impulsionaram para uma segunda etapa da construção da tese com mais confiança e tranquilidade.

Professores do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da UFBA pelas contribuições diretas e indiretas ao meu trabalho. Sou muito grato também por proporcionarem a ampliação do meu horizonte cultural e pelas contribuições na área da linguística, principalmente, a **Profa. Dra. Edleise Mendes** por ter sido a primeira docente do programa, além da orientação, que teve atenção para com meu trabalho, discutindo-o, enriquecendo-o, sinalizando possíveis caminhos metodológicos que pudessem ser trilhados por mim ao longo da pesquisa.

Meus companheiros de turma do doutorado obrigado pela companhia, sobretudo, pelas contribuições para minha formação pessoal e intelectual. Grato pelos momentos de descontração os quais suavizaram a jornada árdua de um curso de pós-graduação. Paralelo a isso, sou grato também pelas conversas e pelos debates os quais ampliavam minha perspectiva como docente, como linguista e, por consequência, como analista do discurso.

Instituto Federal Baiano instituição da qual me orgulho em fazer parte. Agradeço aos seus gestores que, na medida do possível, flexibilizaram minha atuação no Instituto, a fim de que pudesse me dedicar, parcial e, em seguida, integralmente as minhas atividades do doutorado. Aos meus colegas de trabalho que, em algumas oportunidades, sobrecarregaram-se, a fim de que eu pudesse cumprir os pré-requisitos da pós-graduação com tranquilidade.

Minha família pelo apoio incondicional em todos os momentos, pelas palavras de incentivo. Sou muito grato pelo suporte para que pudesse desenvolver esse e outros projetos. Por acrescentar tantas alegrias aos meus dias e a minha existência. Agradecimento especial à **minha mãe, Vanda Pereira da Mata**, por compartilhar comigo seu amor, pela atenção, pelo carinho e tolerância tão raros em uma sociedade marcada por extremismos e competitividade.

VEJO O FUTURO REPETIR O PASSADO: A DISSEMINAÇÃO DO “NOVO” DISCURSO CONSERVADOR NO BRASIL

RESUMO

O cenário atual político e ideológico brasileiro se encontra fortemente atravessado por um crescente discurso conservador atribuído, muitas vezes, à “nova direita brasileira”. Nesse cenário, é “comum” professores, artistas, sindicalistas, estudantes, por sua vez, serem vistos como inimigos do Brasil próspero, do país homogêneo, da terra ocupada por “cidadãos de bem”. No entanto, discursos de natureza conservadora estão materializados em documentos oficiais do período da ditadura militar no Brasil e, por meio da interdiscursividade, estão hoje presentes, sobretudo, em espaços virtuais. Ao considerar a história brasileira, fortemente marcada pelo regime ditatorial, vê-se que a reascensão do conservadorismo configura um problema social sério e que necessita de maior investigação. Assim, o presente estudo objetivou compreender os efeitos de sentido do “novo” discurso conservador no Brasil, uma vez que sua disseminação promove ações reacionárias que se constituem num risco à sociedade como, por exemplo, a naturalização de gestos de censura. Para isto, analisaram-se os *Sumários do Comunismo Internacional* do SNI (Serviço Nacional de Informações), ao passo que foram selecionadas partes de vídeos de *youtubers* brasileiros em relativa atividade e que se autodeclaram adeptos ao pensamento conservador da nova direita brasileira. Este paralelo mostrou-se imprescindível, pois indicou a aproximação ideológica encontrada em ambos os registros, mesmo com um hiato de tempo de 47 anos. Em seus respectivos canais, foram analisados vídeos que versam sobre três episódios, a saber: (1) suspensão da exposição Santander; (2) proibição da performance no MASP; (3) implementação da escola sem partido. Investigou-se, assim, por meio da Análise do Discurso preconizada por Michel Pêcheux e desenvolvida por EniOrlandi, a opacidade do texto, bem como suas condições de produção e filiações ideológicas, além de explorar as cenas da enunciação, a partir das contribuições de Dominique Maingueneau e das discussões promovidas por Ruth Amossy sobre as imagens de si no discurso. Assim, a partir da análise apresentada, portanto, pôde-se refletir que o conservadorismo brasileiro se constitui em um problema social que expõe em sua proposta a falta de razoabilidade, o negacionismo frente às evidências científicas e, por fim, o desrespeito aos avanços sociais na área dos direitos humanos, o que, de certa forma, configura um quadro no qual as diferentes desigualdades tendem a se manter. Enfim, esse estudo demonstrou que, no Brasil, especificamente pré-ditadura de 1964 e período pré-eleição de 2018, há aproximações entre os discursos de contexto de obscurantismo e de negacionismo, seja com expressões ou com ações que remetem ao progressismo, as quais foram rechaçadas e combatidas em documentos oficiais e nas redes sociais, respectivamente.

Palavras-chave: Discurso. Conservadorismo. Ideologia.

I SEE THE FUTURE REPEAT THE PAST: THE SPREAD OF THE “NEW” CONSERVATIVE DISCOURSE IN BRAZIL

ABSTRACT

The current political and ideological scenario in Brazil is heavily crossed by a growing conservative discourse often attributed to the “new Brazilian right”. In this scenario, it is “common” for teachers, artists, union members, students, in turn, to be seen as enemies of a prosperous Brazil, of the homogeneous country, of the land occupied by “good citizens”. However, discourses of a conservative nature are materialized in official documents from the period of the military dictatorship in Brazil and, through interdiscursivity, they are present today, above all, in virtual spaces. When considering Brazilian history, strongly marked by the dictatorial regime, one sees that the resurgence of conservatism is a serious social problem that needs further investigation. Thus, the present study aimed to understand the meaning effects of the “new” conservative discourse in Brazil, since its dissemination promotes reactionary actions that constitute a risk to society, such as the naturalization of censorship gestures. For this, the *Summaries of International Communism* of the SNI (National Information Service) were analyzed, while Brazilian YouTubers in relative activity and self-declared supporters of the conservative thinking of the new Brazilian right were selected. This parallel proved to be essential, as it indicated the ideological approximation found in both records, even with a 47-year time lag. In those Youtubers’ channels, we analyzed videos in which they talked about three episodes, namely: (1) suspension of the Santander exhibition; (2) prohibition of performance at MASP; (3) implementation of the non-party school. Thus, it was investigated, through the Discourse Analysis recommended by Michel Pêcheux and developed by Eni Orlandi, the opacity of the text, as well as its production conditions and ideological affiliations, in addition to exploring the scenes of enunciation, based on the contributions of Dominique Maingueneau and the discussions promoted by Ruth Amossy about the images of the self in the discourse. Thus, from the analysis presented, it could be reflected that Brazilian conservatism constituted a social problem that exposes in its proposals the lack of reasonableness, the denial of scientific evidence and, finally, the disrespect for social advances in the area of human rights, which, in a way, configures a framework in which different inequalities tend to remain. Finally, this study showed that, in Brazil, specifically in the pre-dictatorship of 1964 and the pre-election period of 2018, there are similarities between the discourses in the context of obscurantism and denial, either with expressions or actions that refer to progressivism, which were rejected and fought against in official documents and on social networks, respectively.

Keywords: Discourse. Conservatism. Ideology.

JE VOIS L'AVENIR RÉPÉTER LE PASSÉ : LA DIFFUSION DU « NOUVEAU » DISCOURS CONSERVATEUR AU BRÉSIL

RÉSUMÉ

Le scénario politique et idéologique actuel au Brésil est fortement traversé par un discours conservateur croissant souvent attribué à la « nouvelle droite brésilienne ». Dans ce scénario, il est « courant » que les enseignants, les artistes, les syndicalistes, les étudiants, tour à tour, soient perçus comme les ennemis du Brésil prospère, du pays homogène, de la terre occupée par les « bons citoyens ». Cependant, des discours de nature conservatrice se matérialisent dans des documents officiels de la période de la dictature militaire au Brésil et, à travers l'interdiscursivité, ils sont présents aujourd'hui, surtout, dans des espaces virtuels. Lorsque l'on considère l'histoire brésilienne, fortement marquée par le régime dictatorial, on voit que la résurgence du conservatisme est un grave problème social qui nécessite une enquête plus approfondie. Ainsi, la présente étude visait à comprendre les effets de sens du « nouveau » discours conservateur au Brésil, puisque sa diffusion promeut des actions réactionnaires qui constituent un risque pour la société, telles que la naturalisation des gestes de censure. Pour cela, les *Résumés du Communisme International* du SNI (Service National d'Information) ont été analysés, tandis que des *YouTubers* brésiliens en activité relative et des partisans autoproclamés de la pensée conservatrice de la nouvelle droite brésilienne ont été sélectionnés. Ce parallèle s'est avéré essentiel, car il indiquait l'approximation idéologique trouvée dans les deux enregistrements, même avec un décalage de 47 ans. Dans leurs chaînes respectives, des vidéos analysées étaient celles qui traitent de trois épisodes, à savoir : (1) la suspension de l'exposition Santander ; (2) interdiction de représentation au MASP ; (3) la mise en œuvre de l'école sans parti. Ainsi, il a été investigué, à travers l'Analyse du discours préconisée par Michel Pêcheux et développée par Eni Orlandi, l'opacité du texte, ainsi que ses conditions de production et ses affiliations idéologiques, en plus d'explorer les scènes d'énonciation, à partir des apports de Dominique Maingueneau et les discussions promues par Ruth Amossy sur les images de soi dans le discours. Ainsi, à partir de l'analyse présentée, il pourrait être reflété que le conservatisme brésilien constituait un problème social qui expose dans ses propositions le manque de caractère raisonnable, le déni des preuves scientifiques et, enfin, le manque de respect pour les avancées sociales dans le domaine des droits de l'homme qui, en quelque sorte, configure un cadre dans lequel tendent à subsister différentes inégalités. Enfin, cette étude a montré qu'au Brésil, en particulier la pré-dictature de 1964 et la période préélectorale de 2018, il existe des similitudes entre les discours dans le contexte de l'obscurantisme et du déni, soit avec des expressions ou des actions qui font référence au progressisme, qu'ils ont été rejetés et combattus dans des documents officiels et sur les réseaux sociaux, respectivement.

Mots-clés : Discours. Conservatisme. Idéologie.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1:	Trechos da carta do Capelão da 7ª Região Militar, alusivo ao 37º aniversário da Intentona Comunista	43
Figura 1:	Seção do <i>Sumário</i>	90
Figura 2:	À esquerda, fotografia digital da Capa do <i>Sumário</i> de janeiro de 1972, à direita, fotografia digital da seção do <i>Sumário</i> com “descrição” dos comunistas	91
Quadro 2:	Transcrição da seção do <i>Sumário</i> “Conheça o inimigo”	91
Figura 3:	Exposição <i>Queermuseu</i> no Santander Cultural em Porto Alegre (RS) Reprodução/Facebook, 2017	93
Quadro 3:	Trechos transcritos de vídeos de <i>youtubers</i> ultradireitistas brasileiros	93
Figura 4:	À esquerda, Canal conservador do <i>YouTube</i> Rua Direita; à direita, divulgação de palestra do <i>youtuber</i> Arthur Vidal	94
Quadro 4:	Comparação dos enunciados	94
Quadro 5:	Trechos do <i>Sumário do Comunismo Internacional</i>	101
Quadro 6:	Trechos do vídeo de Kim Katagiri	102
Quadro 7:	Comunicação transcrita do <i>Sumário</i> de fevereiro de 1973	111
Quadro 8:	Cotejo entre sequências discursivas com sentidos conservadores	116
Quadro 9:	Sequências discursivas para análise de implícitos	118
Quadro 10:	Trechos de desqualificação e silenciamento do discurso progressista	120

SIGLAS

ADLF	Análise do Discurso de Linha Francesa
AI	Ato Institucional
AIE	Aparelho Ideológico de Estado
ARE	Aparelho Repressivo do Estado
CODI	Centro de Operações de Defesa Interna
DOI	Destacamento de Operações de Informações
INC	Instituto Nacional do Cinema
LGBTQI+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer e Intersexuais
MEC	Ministério da Educação e Cultura
PT-SP	Partido dos Trabalhadores de São Paulo
SNI	Serviço Nacional de Informação
STF	Superior Tribunal Federal
TFP	Tradição, Família e Propriedade
UNB	Universidade de Brasília

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 O POLÍTICO E A ANÁLISE DO DISCURSO	22
1.1 SUJEITO, CONTEXTO E FORMAÇÃO DISCURSIVA	23
1.2 IDEOLOGIA E DISCURSO	27
1.3 INTERDISCURSO E MEMÓRIA	31
1.4 A REVOLUÇÃO NOS ARQUIVOS	34
1.5 ARQUIVO E MEMÓRIA	37
2 DITADURA MILITAR E A SUPOSTA SUBVERSÃO DOS VALORES MORAIS DA SOCIEDADE BRASILEIRA	41
2.1 DITADURA MILITAR, CONSERVADORISMO E CULTURA	41
2.2 IDEOLOGIA DO REGIME REPRESSOR: REFLEXOS CULTURAIS	49
2.3 CORRENTES DE RESISTÊNCIA	58
3 A ATUAÇÃO DOS <i>YOUTUBERS</i> NA DISSEMINAÇÃO DO PENSAMENTO CONSERVADOR NO BRASIL	62
3.1 OS <i>YOUTUBERS</i> BRASILEIROS E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS CONSERVADORES	65
3.2 <i>YOUTUBER</i> ULTRADIREITISTA: LUGAR SOCIAL E DISCURSIVO A PARTIR DA PROJEÇÃO DE SUA IMAGEM (<i>ETHOS</i>) NO DISCURSO	72
3.3 <i>ETHOS</i> E ARGUMENTAÇÃO	75
3.4 <i>YOUTUBERS</i> E A MANIPULAÇÃO DA LINGUAGEM	77
3.5 <i>YOUTUBERS</i> : INFLUÊNCIAS POLÍTICAS E IDEOLÓGICAS	80
3.6 CONSERVADORISMO NO AMBIENTE VIRTUAL	84
4 A RE(SIGNIFICAÇÃO) DO DISCURSO CONSERVADOR NO BRASIL	86
4.1 “VEJO O FUTURO REPETIR O PASSADO”	88
4.2 O QUE FAZ, O QUE PENSA E O QUE DIZ O INIMIGO: CONSTITUIÇÃO DE UMA FORMAÇÃO DISCURSIVA	89

4.3	DISCURSO OFICIAL E <i>YOUTUBERS</i> BRASILEIROS: INTERDISCURSOS DA IDEOLOGIA CONSERVADORA	99
5	DISCURSO CONSERVADOR: MEMÓRIA, IMPLÍCITOS E SILENCIAMENTO	109
5.1	MEMÓRIA DISCURSIVA E INTERDISCURSO	116
5.2	IMPLÍCITOS E SILENCIAMENTOS	118
5.3	A CENA CONSERVADORA: SUJEITO E GÊNEROS DO DISCURSO	125
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
	REFERÊNCIAS	144
	Anexo A – COMUNISMO INTERNACIONAL - SUMÁRIO INFORMATIVO - 02/FEVEREIRO 1973	148

INTRODUÇÃO

O cenário político e social brasileiro tem se caracterizado por um progressivo aumento na presença e na valoração de discursos políticos de caráter explicitamente conservador. Discursos dessa natureza, permeados por noções que almejam a retomada de comportamentos patriotas e de uma suposta ordem social, surgem com maior intensidade a partir daqueles que falam, atualmente, do lugar da autodeclarada nova direita brasileira. Uma parcela da população brasileira, inclusive, já ecoa o clamor pela volta dos militares ao poder, o que caracteriza um golpe de estado, o retorno do período de exceção.

No âmbito do debate político, o conservadorismo, geralmente, é associado às variadas posições contrárias aos avanços das pautas progressistas. É implicado como conservador o indivíduo ou grupo político contrário, por exemplo, à luta pela universalização dos direitos e às demandas pela socialização da democracia. Tal posição, também definida de conservadorismo liberal à brasileira¹, costuma estar associada à ideologia do mercado, que envolve desde a defesa da mercantilização cada vez maior da vida social, até a agenda de combate ao avanço dos direitos humanos. No 1º semestre de 2020, por exemplo, o mundo sofreu com as duras consequências da pandemia de COVID-19; no entanto o governo ultraconservador brasileiro minimizou o número de vítimas da doença, negligenciou medidas de combate à COVID 19, enquanto pregava uma suposta normalidade social, a fim de atender a interesses econômicos. Nas instituições menos acadêmicas, por esta razão, o conservadorismo é entendido como uma das instâncias do capitalismo, uma vez que seu conteúdo político/ teórico com frequência aparece fundido ao pensamento liberal. Liberalismo e conservadorismo são compreendidos, genericamente, como sinônimos.

Foi o conservadorismo mercantilizado, portanto, que se constituiu em um dos pilares ideológicos dos governos correspondentes ao período de Ditadura Militar no Brasil. Período de 21 anos nos quais direitos civis eram desrespeitados em suposta proteção da moral e dos bons costumes da sociedade e da defesa de um Estado brasileiro forte que, por sua vez, segundo os militares e seus apoiadores, representava os anseios da coletividade nacional. Dessa forma, a centralização da censura artística, a aplicação intransigente da lei, a politização de temas morais e o exercício da censura política integravam o plano do Governo

¹O Mestre em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Geraldo do Couto Neto, produziu um artigo no qual conceitua o conservadorismo brasileiro e investiga a atuação da “nova direita” no *YouTube*. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/agora/article/view/26411>>. Acesso em: 10 ago. 2020.

Federal de assumir o controle nacional da cultura e, assim, conter a difusão de mensagens políticas.

No que tange até os primeiros anos da década de 1960, a censura pública – apoiada no conservadorismo – encontrava-se sob a responsabilidade das unidades federativas e participava do cotidiano dos núcleos artísticos, bem como das atividades sindicais e políticas do país. Amparava-se na legislação ostensiva vigente, além de contar com o apoio de parcela da sociedade, definindo-se como guardião dos valores morais.

Com o golpe militar, a atividade censória passou por um processo de ressignificação da prática preexistente que não só consolidou a centralização do órgão na capital federal, como também assumiu a censura política. Ao papel de mantenedora dos valores morais e dos princípios éticos, assimilou-se a preocupação com a manutenção da ordem política e da segurança nacional, justificativas incorporadas na reestruturação do organismo a partir do final da década de 1960 (GÁSPARI, 2002).

Sob essa ótica, discursos disseminados no período de exceção, sobretudo, os produzidos por órgãos oficiais ou por agentes públicos chancelavam ações arbitrárias e violentas promovidas pelo Estado brasileiro. Esse movimento de censura e de truculência passa a ser compilado e analisado por pesquisadores, a partir do momento em que há mais acessibilidade aos arquivos, antes restritos. Em um desses arquivos, encontram-se documentos referentes ao processo impellido contra meu pai Walter da Mata², à época acusado de praticar atos subversivos por conta de suas atividades sindicais e políticas.

De posse da referida documentação é que esta pesquisa dá seus primeiros passos. Lê-se nela as interpretações e as acusações arbitrárias atribuídas a práticas como reuniões, greves ou qualquer tipo de organização de classe ou movimento partidário. Após a leitura desses registros, refletiu-se sobre quais ideologias estavam inseridas nos discursos e nas práticas sociais associados à repressão estatal. A partir dessa documentação, no projeto inicial da tese de doutoramento, seria analisado o discurso da censura quando utilizado para cercear direitos

²WALTER DA MATTA (1924-1981), pai de Mario da Mata, iniciou suas atividades políticas nos anos 50 atuando no Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Carnes e Derivados da Bahia (inclusive como presidente deste). Em 1962 foi candidato a Deputado Estadual pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB), compondo chapa de oposição ao Governo do Estado liderada por Waldir Pires. Em 29 e 30 de abril de 1963, integrou grupo que representa a Bahia no II Congresso Brasileiro dos Trabalhadores na Indústria. Em abril de 1964, foi recolhido ao Parque da 6ª Região Militar, onde permaneceu em poder dos militares até junho do mesmo ano. Tem seus direitos políticos cassados pelos AI1, AI2 e AI5. Após sair da prisão, dá prosseguimento a sua atuação política liderando e organizando o movimento de trabalhadores na Indústria Química, através de sua entidade representativa – o Sindiquímica, ao lado de Walter Ribeiro da Silva (presidente) e de Jacques Wagner (ex-governador do Estado da Bahia). Faleceu aos 8 dias do mês de setembro de 1981, em decorrência de complicações cardíacas, no Hospital Jorge Valente (Salvador).

de sindicalistas e de que maneira esse discurso atuava na produção de pareceres que tolham a circulação de textos teatrais. Por conta de questões burocráticas, o trabalho teve de ser interrompido, contudo a necessidade de se investigar sentidos que circulavam no período da Ditadura Militar e refletir sobre seus efeitos tornou-se cada vez mais recorrente.

Constatava-se, na ampliação da pesquisa, que no âmbito do serviço censório, a prática da censura política orientava-se não só pelas diretrizes do Ministério da Justiça e da Polícia Federal, como também pelas determinações da Comunidade de Informações e das autoridades políticas. A ascendência da comunidade de informações sobre a censura de diversões públicas intensificou-se na primeira metade da década de 1970 e concentrou-se nas matérias de teor político, sobretudo, nos setores de teatro, de cinema e de música.

A Comunidade de Informações considerava as transformações de costumes parte de um plano de expansão do comunismo que utilizava a degradação dos valores morais e decadência da sociedade como estratégia política de tomada do poder. Nessa fase, já não mais existiam diferenças evidentes entre decadência moral e transgressão política, tudo fazia parte de um movimento internacional de ruptura política.

Em tempos mais recentes, após eleger, em 2014, o Congresso mais conservador em cinco décadas, a sociedade brasileira atingiu o ápice do conservadorismo dos últimos anos em dezembro de 2016, segundo uma pesquisa divulgada pelo Ibope³. De acordo com o levantamento, 54% dos brasileiros têm posições tradicionais em relação a questões como legalização do aborto, casamento entre pessoas do mesmo sexo, pena de morte e redução da maioridade penal.

Dessa forma, a bancada do Boi, Bíblia e Bala, apelidada de BBB, pela deputada Érica Kokay do Partido dos Trabalhadores (PT), domina o congresso. Os legisladores filiados ao grupo colocam em curso o projeto para reduzir a maioridade penal, afrouxar as regras de preservação do meio ambiente e facilitar o comércio e a aquisição de porte de armas, dentre outras práticas reacionárias. Essa união caracteriza a tentativa de fortalecimento por meio de um discurso homogêneo e ações conjuntas que vão da aprovação de projetos conservadores ao travamento de pautas que envolvam direitos de minorias e promoção de igualdade.

A corrente conservadora, a partir de então, não para de se fortalecer. Patrocinada por grupos empresariais, semelhante ao período da Ditadura Militar, componentes da extrema direita brasileira, organizam-se por diferentes regiões do país. Influenciam quase todas as decisões políticas que envolvam questões sociais e econômicas, sobretudo, as

³ Cf. o texto disponível em: <<https://exame.com/brasil/pesquisa-ibope-comprova-que-brasileiros-estao-mais-conservadores/>>, em 22 dez. 2016 às 13h00. Acesso em: 02 jun. 2020.

reivindicadas, historicamente, pelos grupos ligados aos direitos humanos. A possibilidade de um Brasil gerido por conservadores, então, tornou-se uma realidade não muito distante. No dia 8 de maio de 2018, *OJornal da Cultura* perguntou ao público no *Twitter*: “Você seria a favor de um golpe militar para frear uma escala de criminalidade?” Assustadoramente, 53,2% dos entrevistados apoiariam um golpe militar nessa condição. A repercussão da enquete elaborada foi tão negativa que levou a emissora a retirar o conteúdo da plataforma digital e emitir nota de esclarecimento: “Repudiamos todo e qualquer discurso que tente justificar a imposição de um regime que ameace os direitos humanos, cientes de que só pelo Estado Democrático de Direito é possível construir uma sociedade justa, igualitária e consciente de um passado que jamais deve se repetir.”⁴.

Retroalimentando-se do movimento político/ideológico extremado e liberal e após o crescimento das igrejas pentecostais e neopentecostais no Brasil, surgem os *youtubers* da “nova” direita brasileira. Embora tenha raízes nas manifestações em junho de 2013, o novoativismo digital de direita teve seu papel ampliado e consolidado durante a campanha eleitoral de 2014, quando diferentes grupos se uniram em torno, em princípio, da candidatura oposicionista de Aécio Neves. Em 2018, contudo, os referidos influenciadores digitais transferiram sua assistência para uma representação de extrema direita, acenando apoio a Jair Bolsonaro. Depois de campanhas agressivas, marcadas pelo uso de perfis *fake* e fabricação indiscriminada de boatos, o debate que dominou as redes seguiu o mesmo padrão virulento, chegando até, por vezes, ao discurso do ódio.

Diante do contexto apresentado, este trabalho tem por objetivo compreender os efeitos de sentido do “novo” discurso conservador no Brasil. Ademais, é imprescindível investigar em quais condições de produção esse é disseminado no país, bem como identificar quais filiações ideológicas constituem o discurso tradicionalista, a fim de descrever as estratégias discursivas para sua legitimação após trinta e seis anos de democracia.

Ao avaliar documentos que registram a atuação de órgãos de informação do período da Ditadura Militar, comparando-os a recentes discursos manifestados nos vídeos de *youtubers* ultradireitistas, impõem-se a este trabalho algumas investigações: em que medida se dá a aproximação do discurso destes documentos e o discurso disseminado pelos *youtubers* autodeclarados da nova direita no Brasil; como ações reacionárias se constituem num risco à sociedade, a partir da natureza do que está sendo censurado/criticado; qual o impacto social do conservadorismo, uma vez que o discurso filiado a essa ideologia se reflete nas

⁴ Cf. informação disponível em: <<https://www.bol.uol.com.br/entretenimento/2018/05/11/tv-cultura-apaga-enquete-sobre-apoio-a-golpe-militar-apos-criticas.htm>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

práticas sociais. Tais questionamentos erguem-se como fundamentais, para apreender os recursos discursivos utilizados pelos órgãos de informação e problematizar como estas práticas permanecem até os dias atuais, mantendo seus efeitos negativos no processo de formação da sociedade brasileira.

A pesquisa, então, é operacionalizada por meio da metodologia qualitativa, uma vez que se tem como meta compreender os efeitos de sentido do “novo” discurso conservador no Brasil. Para isso, foram avaliados os *Sumários do Comunismo Internacional* do Serviço Nacional de Informações (SNI) entre o período de 1970 a 1974, ao passo que foram selecionados vídeos de quatro *youtubers* brasileiros em atividade e que se autodeclararam adeptos do pensamento conservador da nova direita brasileira. Pretendeu-se, ainda, verificar as construções de sentido, suas articulações e influências às quais os enunciados foram submetidos. Procurou-se, assim, por meio da Análise do Discurso preconizada por Michel Pêcheux e desenvolvida por Eni Orlandi, expor o olhar leitor à opacidade do texto.

Utilizou-se como fonte de dados *Sumários do Comunismo Internacional* adquiridos junto ao *site* Memória Política e Resistência. Esse é um espaço criado dentro do Arquivo Público do Estado de São Paulo no qual há a possibilidade de acessar documentos que estão ainda ocultos, por ação institucional ou particular, ou que tiveram seus originais destruídos por ordem de agentes e colaboradores da repressão.

A documentação do SNI – que era remetida aos órgãos locais de repressão – era regida por dois objetivos. O primeiro tinha o propósito de buscar articular e disseminar informações, visando o máximo controle sobre o inimigo interno. Esse poderia ser representado pelos grupos organizados que lutavam contra a Ditadura Militar, ou por setores da população, como trabalhadores, que se organizavam contra suas precárias condições de vida. O segundo de entender a atuação desses grupos inseridos em um contexto político mais global. Dessa formulação do SNI nasceu os *Sumários do Comunismo Internacional*, apanhado de notícias e informações sobre o “avanço do comunismo no mundo” que era pesquisado e organizado pelo SNI e depois remetido aos órgãos de repressão locais para acompanhamento.

Os *Sumários do Comunismo Internacional* fornecem uma visão privilegiada sobre a lógica de funcionamento dos órgãos repressivos, mostrando sua análise em relação à população que resistia à Ditadura. Num contexto político mais amplo, os órgãos da repressão também analisavam, conjuntamente, a política internacional, sob o ponto de vista dos interesses de manutenção do regime. Além disso, o *Sumário* servia para denunciar táticas de

luta utilizadas pelos grupos de resistência em outros países, especialmente, latino-americanos – táticas essas que podiam, na visão do Serviço, serem replicadas por grupos locais.

De outro modo, selecionaram-se trechos de vídeos nos quais os *youtubers*, a partir de uma ótica moralista, debatem sobre eventos que antecederam as eleições de 2018. Em seus respectivos canais, destacam-se produções que tratam de três episódios, a saber: (1) suspensão da exposição Santander; (2) proibição de performance no Museu de Arte de São Paulo (MASP) e (3) implementação do projeto da Escola sem Partido. Nas três oportunidades, prevalecem discursos que remetem o leitor/seguidor à agenda religiosa, conservadora e de costumes, ao passo que se observa a descrença nos projetos e nas ações socioculturais de conotação progressista. Muitas vezes, as discussões apresentadas pelos canais estudados são abordadas de forma superficial, apresentando diagnósticos alarmantes sobre demandas de seus supostos adversários, visto que essas muitas vezes buscam gerar transformações nas instituições, tradições, valores e leis que constituem a estrutura do sistema político vigente. Os *youtubers* ultradireitistas enxergam uma ameaça em pautas que questionem, flexibilizem ou transformem normas e instituições tradicionais da sociedade. Entendem, assim, que o rompimento com o tradicionalismo irá abrir caminho para o fim das sociedades ocidentais e instaurar um governo único e totalitário. Tal discurso sugere um pânico moral no público que consome esse conteúdo, o que implica, negativamente, nas conquistas relacionadas, principalmente, aos direitos humanos.

Tais escolhas tinham como ponto forte o conteúdo histórico, a relevância social, o ineditismo, bem como a riqueza e a variabilidade das formações ideológicas, entendendo-as como constitutivas da relação inerente entre a linguagem e a sociedade (ORLANDI, 2012). Arquivos, documentos e vídeos serão interpretados numa perspectiva dialética como destaca Amaral (2014) influenciada por Pêcheux, ou seja, levando em conta a história, a memória, as conjunturas por meio das quais estes arquivos já foram e poderão ser lidos. Ler o arquivo por este prisma pode promover mudanças no processo de produção/reprodução sócio-histórica, o que incide na construção de nossas memórias coletivas (FENTRESS; WICKHAN, 1992).

Na seleção de dados, buscou-se analisar nos documentos marcas discursivas que representem o conservadorismo, um dos pilares ideológicos impostos às pessoas públicas nos “anos de exceção” e aproximá-las, linguisticamente, dos enunciados referentes aos vídeos dos *youtubers*, ao tratarem da pauta sobre costumes e sobre educação – conteúdo comum à Ditadura Militar e (re)significado na contemporaneidade brasileira. Não se pode esquecer,

contudo, que nos enunciados interpretados, implícitos e subtendidos se constituem como relevantes recursos por meio dos quais os discursos são formulados. Desta maneira, fez-se uma análise utilizando as noções da própria ADLF, e mais especificamente das teorias de Orlandi (2007), isso por que a autora possui um profícuo trabalho sobre as formas do silêncio.

A fim de se obter êxito na análise, dividiu-se a pesquisa em cinco seções.

A seção intitulada *A Análise do Discurso e o Político*, traz uma abordagem teórico-metodológica. Discorreu-se sobre a Análise do Discurso de Linha Francesa (ADLF), conceituando-a, expondo suas origens, destacando sua relevância quanto processo teórico-metodológico e, principalmente, sua capacidade de compreender questões políticas, entendendo que é essa característica que possibilita a relação imprescindível entre a linguística e problemas sociais discursivamente manifestos. Importará, nesse processo, pensar a noção de funcionamento linguístico no texto, sem privilegiar tão somente a língua, tampouco somente o aspecto extralinguístico, mas, sim, sua relação constitutiva.

Na seção seguinte – *Ditadura Militar e a Suposta Subversão dos Valores Morais da Sociedade Brasileira*, apresentou-se por meio de uma discussão do momento sociopolítico compreendido entre 1964 e 1985. Na oportunidade, far-se-á um recorte sobre a relevância da ideologia conservadora por meio da qual o Governo Militar encontra argumentos, a fim de legitimar a instituição da censura, o acompanhamento de governos e atividades comunistas e de movimentos de esquerda dentro e fora do Brasil. Ademais, será descrita a atuação de órgãos de controle e de informação do Governo como o Serviço Nacional de Informação (SNI), de acordo com a documentação pesquisada.

A seção, nomeada de *A atuação dos youtubers na disseminação do pensamento conservador no Brasil*, fez-se uma reflexão sobre esses atores sociais na condição de sujeitos discursivos, apresentando e refletindo sobre suas influências no espaço digital; ao passo que se verificará como os vídeos produzidos se constituem em um instrumento de mídia alternativa, apresentando especificidades e relevantes impactos na sociedade. Dessa forma, avaliar-se-á a convivência/conflito dos *youtubers* com a mídia tradicional, suas estratégias comunicativas, além de seu poder de validação e de legitimação de ideologias, sobretudo, o reacionarismo político e cultural, ancorado no liberalismo econômico. Ocupar-se-á desses sujeitos e desse recurso de comunicação, compreendendo-os como fenômeno da sociedade contemporânea, observando que as plataformas digitais, nas quais esses vídeos são depositados, podem ser um importante espaço para circulação de opiniões distintas, como também podem promover a naturalização e homogeneização de ideologias.

As seções seguintes foram destinadas à análise do *corpus* da pesquisa. Em *A Re(significação) do Discurso Conservador no Brasil em Conservadorismo: memórias, implícitos e silenciamentos* os títulos das seções nas quais discussões teóricas serão retomadas, na medida em que é proposta uma análise discursiva das materialidades linguísticas extraídas do *corpus* selecionado. Será apreendido como o contexto e as condições de produção do discurso são elementos constitutivos dos enunciados. O conceito de interdiscurso foi posto como fio condutor, a fim de explicar a aproximação discursiva de enunciados produzidos em um hiato de mais de duas décadas. A ideologia e seus impactos nas ações sociais merecerão protagonismo na análise, uma vez que o discurso e sua influência nas práticas sociais é que norteiam este trabalho.

No entanto, especificamente, a seção *Conservadorismo: memórias, implícitos e silenciamentos* teve-se como propósito a produção de uma análise que aborda o silenciamento de sentidos que foram postos à margem na Ditadura Militar e que estão, novamente, ameaçados na contemporaneidade, além de trazer um panorama de ações arbitrárias cometidas por instituições públicas que implicaram no impedimento da manifestação de produções artísticas e culturais. Ainda assim, a atuação dos sujeitos discursivos será compreendida pela perspectiva dos estudos cenográficos que envolvem a enunciação em Dominique Maingueneau (2005) e a construção do *ethos* em Ruth Amossy (2008a).

Procurou-se, assim, por meio da Análise do Discurso de Linha Francesa, expor o olhar leitor às camadas mais profundas do texto e atribuir às condições de produção e às filiações ideológicas a devida relevância na constituição de sentidos conservadores. Trazer à tona, portanto, um pensamento excludente e elitista e o discurso de ódio como componentes de um suposto posicionamento político que traz à sociedade consequências importantes, uma vez que há, de acordo com a pesquisa, grandes semelhanças entre o discurso conservador e a essência que compõe pensamentos nacionalistas, fascistas e totalitários.

1 O POLÍTICO E A ANÁLISE DO DISCURSO

A Análise do Discurso (AD) de linha francesa institui o discurso como objeto teórico, por meio do qual é possível explicar a relação da língua com a história, única forma, pela AD considerada, de explicar o funcionamento do sentido. E, por meio da historicidade das palavras, o analista depara-se frente ao componente ideológico e seus desdobramentos que implicam nas relações sociais. Todo discurso é ideológico e, por assim dizer, incide, muitas vezes, em questões políticas. Essa é a premissa com a qual se desenvolve este trabalho.

Nos seus primeiros textos, Michel Pêcheux e Análise do Discurso de linha francesa sinalizam as imbricações do discurso com questões políticas. Dessa forma, o autor e sua teoria trazem como reflexão a relação de suas técnicas de investigação e metodologia com a ideologia. Françoise Gadet (2014), no prefácio de *Por Uma Análise Automática do Discurso* (2014), esclarece essa importante vocação da AD:

Há ainda um terceiro fator para particularizar esta Análise do Discurso: é que ela se apoia sobre o político. Ela nasce na crença em uma visão de intervenção política, porque aparece como portadora de uma crítica ideológica apoiada em uma arma científica, que permitiria um modo de leitura cuja objetividade seria insuspeitável (GADET, 2014, p.9).

Nesta abordagem, para a AD, importa pensar a noção de funcionamento linguístico no texto, sem que se privilegie tão somente a língua, tampouco somente o aspecto extralinguístico, mas, sim, sua relação constitutiva. Implica dizer, destarte, que, para os analistas de discurso, interessa a linguagem em uma perspectiva que a considere não apenas como mero instrumento de comunicação, antes, pelo contrário, que a considere como parte integrante das interpretações produzidas sobre o mundo. Dito de outro modo, destaca-se aqui a historicidade como elemento constitutivo de sentidos. A partir dessa perspectiva, visa-se estabelecer relações menos ingênuas e naturalizadas com o funcionamento da linguagem. Interessa, dessa forma, investigar como são produzidos sentidos (mediados pelas diferentes formas de linguagem) por sujeitos envolvidos em diferentes espaços sociais.

As reflexões iniciais de Pêcheux, assim como os seus escritos posteriores, deixam clara a relação do filósofo com as ciências sociais e as reflexões sobre ideologia. Fortemente influenciada pela leitura que seu fundador faz de Althusser (1983), a ADLF incorpora o debate teórico estimulado pelos apontamentos althusserianos sobre a ideologia e os aparelhos ideológicos do estado, propondo-se analisar a relação do linguístico com o ideológico. O

discurso se inscreve, então, como uma das abordagens do materialismo histórico⁵, uma vez que este é assimilado a uma prática específica e determinada pelas relações das forças sociais e sempre realizada através de um aparelho, o que marca uma perspectiva althusseriana no modo de definição do objeto. Observa-se, no desenvolvimento das formulações teóricas de Michel Pêcheux, que ele desenvolve um esforço para constituir a ADLF como uma ciência prática, no sentido de que ela possa se constituir numa ciência de intervenção. A Análise do Discurso, por essa razão, é tomada tanto como espaço de conhecimento, quanto como força de intervenção na história. Dessa forma, a herança pecheuxtiana é perceptível nos inúmeros trabalhos, pesquisas e encontros de formatos variados, como congressos e simpósios, produzidos no Brasil, em décadas posteriores, consequência do desenvolvimento de seus conceitos e do seu aporte teórico.

1.1 SUJEITO, CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO E FORMAÇÃO DISCURSIVA

A partir da inserção da crítica nos gestos de leitura, pode-se propor uma análise para além do que foi dito. Compreender a linguagem dentro de uma perspectiva na qual os elementos políticos e ideológicos não se afastem dos enunciados, nem da enunciação. O enunciado, a seguir, é uma ilustração eloquente para esta discussão. O general da reserva do Exército Luiz Gonzaga Schroeder Lessa afirmou que, “[...] caso o Supremo Tribunal Federal permita que o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva fique em liberdade e possa concorrer à Presidência da República, não restará outra alternativa a não ser a intervenção militar” (O ESTADO DE S. PAULO, 2018)⁶.

A declaração relatada do general – mesmo após interpretações que visam minimizar sua temeridade – constituiu-se em uma ameaça de intervenção militar, caso o Supremo Tribunal Federal se decidisse pela não condenação do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A ADLF, diante de tal enunciado, ocupa-se dos gestos de interpretação, de como o discurso foi produzido e suas implicações possíveis nas práticas sociais.

Ainda numa visão geral acerca dos princípios característicos da ADLF, destaque-se o fato de que um discurso só pode ser produzido a partir da relação entre interlocutores e sua realidade histórico-social. Dito isso, ao apontar para elementos externos da língua, na

⁵Para o materialismo, “[...] o objeto real (tanto no domínio das ciências da natureza como no da história) existe independente do fato de que ele seja conhecido ou não, isto é, independente da produção ou não produção do objeto do conhecimento que lhe corresponde”. (PÊCHEUX, 2014, p 74).

⁶Cf. informação disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2018/04/03/stf-poder-indutor-de-violencia-diz-general-da-reserva.htm>>. Acesso em: 14 set. 2020.

produção de sentidos, a AD tenta trazer à tona investigações que indiquem os condicionantes sociais de um discurso, sendo essa a perspectiva central de sua teoria.

O conceito de condições de produção, então, dentro deste prisma, mostra-se fundamental para a ADLF. São elas conjunturas sociais e acontecimentos históricos que permitem a produção de determinados efeitos de sentido e não de outros, as circunstâncias, o espaço, o contexto, o momento, os cenários geradores de discursos. Para Maingueneau (2005), na realidade, não há discurso senão contextualizado. Por seu turno, a perspectiva pecheuxiana enfatiza que o protagonismo, nos estudos sobre o discurso, não reside no indivíduo, antes, pelo contrário, o que se destaca é a representação de lugares sociais ocupados por sujeitos discursivos, sujeitos esses sob a influência de componentes externos, como a ideologia, que colabora na constituição de seus enunciados.

Por estar afinado a linhas de pesquisa que priorizam os estudos sociais, este trabalho destacou circunstâncias políticas pelas quais o Brasil passa a partir de um pouco antes das eleições de 2014, período caracterizado pelo recrudescimento do cenário de instabilidade política e social: impeachment da presidenta Dilma Rousseff, algumas conquistas sociais retiradas e ameaçadas, país polarizado, descrédito nas instituições políticas e jurídicas, renovação do conservadorismo e constantes manifestações políticas de componentes das forças militares resumem um contexto preocupante. Inserido nesse contexto, o Gal. Lessa produz o referido enunciado, reportado pela mídia, dias antes do Superior Tribunal Federal (STF) tratar das matérias referentes à prisão, após a condenação em 2ª instância, e a votação do *habeas corpus* de Lula, o que implicaria na prisão ou não do ex-Presidente e na impossibilidade do petista se candidatar à Presidência.

Imersos em contextos e influenciados pelos condicionantes externos, “os indivíduos são interpelados em sujeitos falantes pelas formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas que lhes são correspondentes” (PÊCHEUX, 2014, p. 132). Então, para o autor, pode-se precisar que a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito).

Pêcheux (2014) também afirmou que as formações ideológicas são constituídas em um momento histórico e em uma formação social dada, tendo como um dos seus componentes uma ou várias formações discursivas interligadas. Imbricado ao conceito de formação ideológica está o de formação discursiva. Este último tornou-se uma noção básica da AD em torno do qual se localizam as outras noções como as de sujeito e condições de produção,

fundamentais para compreensão do processo de produção de sentidos. São as formações discursivas que, em uma formação ideológica específica e levando em conta uma relação de poder, determinam “o que pode e o que deve ser dito”, a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada (PÊCHEUX, 2014, p.159).

De certo modo, a relação do sujeito com as formações discursivas ou ideológicas não é um processo clarividente. Contudo, parte-se da ideia central de Althusser na qual a ideologia interpela os indivíduos em sujeito. Esse – numa perspectiva influenciada pelas teorias de Lacan – é dividido, clivado entre o consciente e o inconsciente. Inserido nesta base conceitual, o sujeito da AD se movimenta entre esses dois polos sem poder definir-se em momento algum como um sujeito inteiramente consciente do que diz. A ADLF, durante sua evolução, compreende que no inconsciente há vozes sociais que constituem o dizer e que os sujeitos não se dão conta que o que dizem é marcado pelo inconsciente. Do mesmo modo, os sujeitos não se dão conta do funcionamento da ideologia no dizer.

Então, o Gal. Lessa enuncia, ocupando o lugar social de representante da ala conservadora das forças armadas. Consciente de sua representatividade e, parcialmente inconsciente das influências ideológicas que constituem seu dizer, o integrante das Forças Armadas do Estado brasileiro, produziu um texto ameaçador, permitindo a leitura, a partir de seus enunciados, de chantagem à maior instância do poder judiciário. Nota-se, assim, o sujeito discursivo refletido em sua materialidade, manifestando ideologias, uma vez que se entende que a materialidade da ideologia é o discurso e a materialidade do discurso é a língua (ORLANDI 2005, 2012). Assim, nesse exemplo, pode-se observar a articulação da língua, da ideologia com o discurso.

A partir deste prisma, a Formação Discursiva (FD) passou a ser foco da disciplina. ADLF passa a ver o sujeito, como foi dito, assujeitado. Ele pode se deslocar de uma Formação Discursiva, quer dizer, a FD é suscetível a mudanças, a transformações, à negação, aos questionamentos, à desidentificação. Assim é que o sujeito pode – se tiver identificação – mudar de lugar discursivo, criticar os saberes de uma determinada FD, ou pode aceitar, acomodar-se em sua FD permanentemente, seja por medo, conforto, identificação ou resignação.

No contexto da declaração discutida, percebe-se uma FD que, constantemente, cogita o rompimento das relações democráticas em prol de uma intervenção militar. O mesmo Gal. Luiz Gonzaga Schroeder Lessa afirmou que, “[...] se o Supremo Tribunal Federal (STF) deixar Luiz Inácio Lula da Silva solto, estará agindo como ‘indutor’ da violência entre os brasileiros,

propagando a luta fratricida, em vez de amenizá-la”.Lessa foi além. O militar declarou que “[...]se acontecer tanta rasteira e mudança da lei, aí eu não tenho dúvida de que só resta o recurso à reação armada. Aí é dever da Força Armada restaurar a ordem. Mas não creio que chegaremos lá”.

As declarações de Lessa se inserem no contexto de manifestações de oficiais gerais da ativa e da reserva como as do Gal. Paulo Chagas, pré-candidato ao governo do Distrito Federal que afirma que “O objetivo principal nesse momento é impedir mudanças na lei e colocar atrás das grades um chefe de organização criminosa já julgado e condenado a mais de 12 anos de prisão que, com o respaldo desse supremo fortim (o STF), tem circulado livre e debochadamente por todo o território nacional, contando mentiras, pregando o ódio e a luta de classes”.

Lessa já havia se manifestado na semana anterior ao julgamento do *habeas corpus* do ex-Presidente Lula à Rádio Bandeirantes, de Porto Alegre, quando também foi enfático. Disse que haverá confrontação, em suas palavras, “Vai ter derramamento de sangue, infelizmente é isso que a gente receia. “E acrescentou que essa crise "vai ser resolvida na bala.”

No mesmo sentido, o comandante do Exército, Gal.Eduardo Dias da Costa Villas Boas, expressou no Twitter “[...] repúdio à impunidade” e destacou que o efetivo militar estava “atento às suas missões institucionais”. A atitude do general, inclusive, na véspera do julgamento do *habeas corpus* do ex-Presidente Lula (PT-SP), gerou críticas de indevida intromissão militar nos poderes republicanos.Chega-se à conclusão, portanto, de que os comandantes do exército são interpelados ideologicamente e se assujeitam quando materializam a linguagem em determinada formação discursiva. Essa, por sua vez, só emerge por conta de um contexto específico que permite uma forma de dizer e não de outra. São integrantes das forças armadas, que ocupam um espaço social, mesmo infringindo a legislação, constituindo uma formação discursiva ao disseminar ideologias.Ideologias que, por sua vez, não podem ser descoladas do discurso, merecem também uma atenção especial neste trabalho.

A partir desse momento político, determinante para o futuro das eleições presidenciais de 2018, no qual parte das Forças Armadas do Brasil pressiona o STF, outros episódios que envolvem os militares vão surgir especialmente no governo Bolsonaro: viu-se a troca de ministros, historicamente, civis como o da saúde deposto em meio a uma pandemia e substituído por um oficial do exército. O Governo Federal, assim, conta atualmente com 6.157

militares em funções civis. O número representa um aumento de 108,22% em relação a 2016⁷. Todavia, os rompantes do novo Presidente com regimes autoritários e antidemocráticos não encontram eco entre os militares, que preferem permanecer nos bastidores, ainda que do ponto de vista dos interesses materiais, gostem de participar do poder. Posicionamento, destarte, que garante a manutenção e até ampliação de privilégios, sobretudo, para aqueles que compõem a parte superior da hierarquia militar.

1.2 IDEOLOGIA E DISCURSO

Compreende-se agora a ideologia e sua relação com o discurso, uma vez que neste trabalho essa noção apresenta grande relevância. Pêcheux (2014), ao descrever os fundamentos de uma teoria materialista do discurso, esclarece que a ideologia não é o único meio pelo qual se constata reprodução/transformação das relações de produção de uma formação social. O autor adota a concepção althusseriana, ao passo que destaca aspectos decisivos para a discussão sobre ideologia como sua relação com a luta de classes, sem esquecer que, para a ADLF, as ideologias não são feitas de ideias, mas, sim, de práticas.

É importante lembrar, seguindo essa abordagem, a ideia althusseriana de uso da ideologia em termos de emprego dos Aparelhos Repressores do Estado (ARE), tais quais: administração governamental, exército, polícia, tribunais, prisões etc.; os Aparelhos Ideológicos do Estado(AIE), como a religião, a escola, a família, a mídia supostamente informativa. Trata-se, portanto, de instrumentos que agem por repressão, tentando impor uma ideologia, ao tentar forçar um segmento social a submeter-se às relações e às condições de exploração, o que mantém a sua dominação e perpetuação de poder.

As forças militares, em análise, atuaram no Brasil no período de exceção como aparelho repressor, assim como aparelho ideológico. O primeiro tendo em vista o controle e cerceamento da liberdade de expressão ou de qualquer outro elemento que pudesse ser considerado uma ameaça ao regime; já o segundo, a partir da aproximação de parte da imprensa que fomentou e apoiou a ditadura militar, por meio das reformas de ensino, o que implicou no fortalecimento de um sentimento social pro militarismo (NETTO, 2014).

A gestão burgo-militar (PINHEIRO, 2014) está apoiada em uma ideologia que representa a crença de parte da sociedade em um país mais desenvolvido e fortalecido. A ascensão dos militares ao poder unilateral tem como primazia a formulação e a condução de políticas

⁷Cf. tal informação disponível em: <portal.tcu.gov.br>, site da Secretaria-Geral de Controle Externo do Tribunal de Contas da União.

públicas de um Estado centralizador, o que resultou na preponderância da presença de militares em relação aos civis na sua composição ou na sua forte influência na tomada de decisões. Contudo, o povoamento de militares em postos estratégicos da administração não é exclusividade do período de exceção. Atendendo a expectativa de parte de seu eleitorado, o governo de Jair Bolsonaro tem, atualmente, oito ministros militares ou com formação militar.

Dessa forma, os militares e os civis escolhidos atenderam aos interesses da elite econômica que se apresenta sempre consorciada ao capitalismo internacional (PINHEIRO, 2014). O neoliberalismo vigente, uma das bandeiras do governo atual, acena para o mercado com facilidades para privatização, com a redução ou a reformulação de direitos trabalhistas. Dessa forma, antes, as diretrizes que norteavam a administração militar enfatizam, em tese, avanços em termos materiais tais como: equilíbrio das finanças públicas, segurança e ordem; ao passo que, em questões mais subjetivas e comportamentais, ressalta-se a moral, os bons costumes e a proteção da família e de seus “valores”, quase sempre atrelados à religiosidade.

O processo em curso, ao seu modo, expressa um movimento político mais amplo, internacional, de ascensão da direita e extrema-direita em inúmeros países, tanto no centro quanto na periferia do capitalismo. Em todos os casos, em maior ou menor grau, esse movimento representa e articula um conjunto de interesses e tendências ideológicas, que podem ser resumidos em: ultraneoliberalismo, autoritarismo político (desqualificação do Estado Democrático de Direito), nacionalismo efetivo ou retórico (contra a “globalização”) e a retomada do reacionarismo moral e cultural (anti-iluminista, negação da ciência), assim como do fundamentalismo religioso cristão (católico e, principalmente, evangélico).

Os princípios do Governo Militar trouxeram consequências para a estrutura social no Brasil. Nos 21 anos de Ditadura Militar (1964 - 1985), a militarização da sociedade foi tão acentuada que, ainda hoje, constata-se vestígios deste período na sociedade. Rosângela Vieira (2014), por exemplo, organizou textos cujos temas versam sobre a educação, a economia, o conceito de segurança e sua relação com a Ditadura no Brasil. No livro, é abordado a composição do governo do período de exceção e sua influência negativa em diferentes áreas sociais. Percebe-se a ocupação dos militares e de seus aliados em relevantes postos da administração.

A nomeação de militares e de coronéis para direção de empresas estatais estratégicas propiciou o endividamento público, enfatizando as tendências de crescente subordinação ao capital estrangeiro e de concentração da renda e, portanto, de incremento das desigualdades sociais, apesar do intenso crescimento econômico. Outro ônus constatado se

reflete na área social. Durante este período, justificados por um suposto combate ao terrorismo subversivo, são identificáveis o desrespeito aos direitos humanos, o sufocamento dos movimentos políticos e sociais, o tolhimento da atuação sindical, da liberdade de expressão e de imprensa.

De outro modo, foi preciso ainda, na visão dos militares, conter o avanço do ideário comunista. Daí surge uma máquina ideológica, a qual teve como epicentro a “doutrina da segurança nacional”. Os militares assumem ironicamente o lugar de vítimas, sabotados pelos que não amavam a pátria, que eram por eles designados como traidores, comunistas, terroristas. Por conseguinte, legitimam-se a rigorosa censura e a perseguição aos jornalistas “subversivos” manifestadas no expurgo de professores, de parlamentares, de magistrados, de diplomatas e de militares tidos por esquerdistas (NETTO, 2014). Tudo isso teve como principal instrumento a apropriação monopolística do sistema educacional-cultural – pelo Ministério da Educação e Cultura –, ação da qual foi dirigida, no período, por um coronel e um general.

Como anota Lozano (2006) em *Os livros didáticos de História e a Doutrina da Segurança Nacional*, o controle do saber se consolida com a inclusão obrigatória, nas escolas “de todos os graus e modalidades”, da disciplina Educação Moral e Cívica. Hoje, por exemplo, na luta contra o crime e a violência, observa-se que as polícias introjetaram o espírito de “militarização ideológica da segurança pública”, com a incorporação de conceitos como “ocupação”, “vitória”, “inimigo”, “cerco” etc. Por outro lado, tem-se considerado natural que as Forças Armadas sejam empregadas em atividades de natureza policial, o que é fortemente apoiado por amplos setores da sociedade, com realce pela mídia.

É importante reafirmar que este trabalho, mesmo diante do contexto descrito acima não compreende a ideologia como elemento negativo, mas sim, uma peça inerente ao processo de circulação de ideias, da relação entre as pessoas, ou seja, constitutivo das estruturas sociais. Contudo, é incontestável o desgaste que o termo sofreu a partir de seu uso abusivo e frequente na tentativa de se explicar toda a sociedade numa ótica marxista, perdendo, assim, sua capacidade compreensiva. O conceito seria, simplesmente, muito ambíguo, muito controvertido, empregado abusivamente de diferentes modos. No Brasil, por exemplo, os espaços sociais e acadêmicos, muitas vezes, incorporaram uma visão pejorativa sobre o termo ideologia ao relacioná-lo com questões políticas ou de divisões de classes. Em contrapartida, há uma tentativa de retirar do conceito de ideologia o sentido negativo por meio de uma concepção neutra. As ideologias podem ser vistas, de forma mais ampla que na

primeira fase dos estudos em Análise do Discurso, como “sistemas de pensamento”, “sistemas de crenças” ou “sistemas simbólicos”, que se referem à ação social ou à prática política, conforme se vê em Thompson (2009).

Por conseguinte, é essa concepção de ideologia que contempla a visão atualizada da AD, como elemento constitutivo do discurso que interpela os indivíduos em sujeitos. Por meio dela, os sentidos são produzidos e as relações sociais, políticas e culturais são estabelecidas. Destarte, o estudo da ideologia exige que se investiguem as maneiras como o sentido é construído e usado pelas formas simbólicas materializadas em falas, imagens, apagamentos e/ou silenciamentos. Afinal, vive-se num mundo no qual a circulação de símbolos ou os seus apagamentos desempenham um papel fundamental e sempre crescente. Por essa razão, Thompson (2009) denomina a ideologia como sendo o sentido a serviço do poder.

Mesmo com o decreto 4346, de 2002, referente ao Regulamento Disciplinar do Exército que dita em seu artigo 59 ser o militar proibido de discutir ou provocar discussão, por qualquer veículo de comunicação, sobre assuntos políticos ou militares, exceto se devidamente autorizado, os representantes do exército, a partir de um contexto de instabilidade, emitem opiniões. Por trás disso, há um pensamento conservador e um desejo incontestado de participar das decisões mais importantes na condução do país como outrora tiveram, no período de exceção, período no qual as liberdades individuais e os direitos humanos foram inegavelmente desrespeitados.

Assim, os militares divulgam a ideia de que a intervenção é absolutamente necessária para garantir a segurança do país e proteger as instituições das investidas de comunistas e a de que é necessário devolver ao povo brasileiro a “organização” social. A noção de ideologia, portanto, é fundamental para que se trate das formas de se construir legitimidade em um regime autoritário através dos meios de comunicação. As declarações dos militares foram postadas no *Twitter*⁸ ou reproduzidas em vídeos por meio das redes sociais. Consequentemente, pode-se dizer, concordando com Orlandi (2012), que o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas.

As redes sociais, aliadas à mídia tradicional, constituem-se, atualmente, como os suportes ideológicos eficazes para a construção de hegemonias sociais. A difusão da ideologia,

⁸O *Twitter* é uma das redes sociais mais populares do mundo exatamente por isso, por permitir enviar e receber atualizações de contatos os mais diversos, de todos os níveis sociais, possibilitando maior interação entre pessoas, sem conotação de credo, sexo, cor, raça ou qualquer outro elemento diferenciador (MARCUSCHI; XAVIER, 2004).

nas declarações dos militares, depende do comportamento das redes sociais e do quanto elas são fortalecidas por outros tipos de mídia. A eficácia da primeira decorre de sua instantaneidade e rapidez de transmissão de seu conteúdo; já da segunda, de sua aparente autonomia conceitual em relação à política. As mídias se passam por imparciais, íntegras, confiáveis: adquirem credibilidade ao aparentarem neutralidade e, com isso, tornam-se instrumento ideológico fundamental na construção de hegemonia. Graças à sofisticada tecnologia e à sedução de suas linguagens, as mídias têm sido utilizadas como suporte de consenso pelas instituições políticas, estados democráticos ou ditatoriais.

As redes sociais e a mídia com suas múltiplas formas além de instrumentos para disseminação de ideologias, são espaços nos quais discursos são recuperados, (re)significados. Sublinha-se, neste trabalho, o papel do discurso político e institucionalizado no tratamento dos processos discursivos que constituem a memória coletiva, formada pela repetição e pelo esquecimento que configuram as contradições históricas manifestadas e pelo interdiscurso.

1.3 INTERDISCURSO E MEMÓRIA

O interdiscurso é objeto central da 3ª fase da trajetória da Análise de Discurso (AD), sendo a Formação Discursiva, por sua vez, interpelada pelas interseções discursivas. Esse conceito é influenciado pela ideia de dialogismo de Bakhtin (1998). O filósofo russo, considerado por muitos pesquisadores precursor da AD, defende a concepção dialógica da linguagem por sujeitos sócio-histórico-ideológicos permeados de diferentes vozes, contrariando a crença de muitos indivíduos na existência de um discurso original. Tal conceito corresponde à heterogeneidade constitutiva definida por Authier-Revuz (1998), que afirma ser o discurso produto resultante de tudo o que se leu, ouviu, estudou, ao longo da vida. Isso tudo é cruzado e entrecruzado pelos dizeres de outros, de diferentes vozes que se amalgamam na constituição do sujeito do discurso, não se delimitando fronteiras entre seu dizer e o dizer do outro.

Nesse mesmo sentido, Pêcheux (2014) concebe que a memória tem suas características quando pensada em relação ao discurso, pois o interdiscurso é aquilo que se falou antes, em outro lugar, independentemente, enquanto a memória discursiva é o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, do já-dito, o que está na base do dizível, já que “[...] há uma relação entre o já-dito e o que se está dizendo que é a que existe entre o interdiscurso e o intradiscurso, ou seja, entre a constituição do sentido e sua

formulação”. (ORLANDI, 2012, p. 32).A autora ainda complementa, “[...] a memória inscreve o discurso em filiações de sentidos”, ou seja, por meio da memória que é discursiva, produzida pela/na linguagem, elaboram-se formulações as quais mantêm relação com a história de leitura (de mundo) do leitor/autor.

Em síntese: o interdiscurso é tudo o que se falou antes, em outro lugar, independentemente da consciência do sujeito enunciador, mas que determina, aparentemente, novos dizeres. Para Orlandi (2012), a AD mostra que, por meio da memória do dizer, depara-se o tempo todo, por exemplo, com paráfrases de discursos oriundos de vários séculos de uma cultura judaico-cristã, seguida da cultura greco-romana, chegando essa memória até os atuais dias.

Não obstante, por intermédio do “esquecimento”, os sujeitos nutrem uma ilusão de que dizem o que nunca fora dito, o que contraria a constituição de interdiscursos. Segundo Pêcheux (2014), o indivíduo, inevitavelmente, considera-se origem dos enunciados que (re)produz, porquanto desconhece estar inserido em processos ideológicos, histórico-culturais, cujos sentidos são previamente inscritos e construídos nos processos enunciativos. Assim é que o sujeito esquece o interdiscurso, achando-se “origem do dizer” a partir do intradiscurso (o que se está dizendo no presente, com marcas de um novo dizer). Isso posto, conclui-se que um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis.

Em publicação inserida no livro *Silêncio, Memória, Resistência: a política e o político no discurso*. Da Mata (2019) apresenta uma análise cujos conceitos centrais são a memória e o interdiscurso. O autor propõe analisar um conjunto de enunciados contrários ao atual movimento estudantil cujo sentido é acionado por uma memória recente, correspondente ao período de exceção vivido pela sociedade brasileira entre o período de 1964 e 1985. No texto, foi estabelecida a comparação das interpretações de documentos do período da ditadura, com os trechos de reportagens sobre a ocupação de escolas e universidades por estudantes em outubro de 2016.

Percebe-se, desse modo, uma formação discursiva de desqualificação do movimento estudantil identificada a partir da interpretação de Andreia Zaparte em sua dissertação sobre a atuação da Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Em um dos trechos de seu trabalho, ela explicita que *Os estudantes e o movimento estudantil estiveram entre os alvos da atuação do DOPS*. Os estudantes, geralmente, eram acusados de comunistas. Aos olhos do DOPS, ser comunista equivalia a ser subversivo, baderneiro, contra “ordem” estabelecida. Formação discursiva retomada na fala do governador do Paraná, Beto Richa, entre outros políticos e

autoridades no período das eleições em 2016, concomitante à época em que escolas foram ocupadas em quase todo Brasil.

O desrespeito ao movimento estudantil, bem como sua desqualificação são recorrentes. Antes atribuída aos estudantes pelo DOPS no período de ditadura militar; mais recentemente, em 2016, aos que ocuparam escolas secundárias e universidades denotam a recuperação de sentidos por meio da interdiscursividade. Distorções, generalizações se tornam comuns nos discursos daqueles que desejam minimizar as mobilizações de estudantes, incorporando a seu discurso o moralismo, o mesmo ressaltado nos anos 1960 e 1970, quando o governo ditatorial se outorgava a guarda da moral e dos bons costumes. Isso se materializa no enunciado do deputado José Medeiros que reproduziu esse mesmo sentido por meio de uma memória discursiva: – *Estudantes estão em ocupações para fumar maconha, diz senador José Medeiros[...]*⁹.

Mais uma vez a memória discursiva é acionada. No enunciado veem-se falas nas quais se materializam efeitos de sentido de preconceito, irresponsabilidade e imediatismo, que são apoiadas, muitas vezes, no discurso do moralismo. Tais sentidos são (re)produzidos na relação entre diferentes formações discursivas, constituindo efeitos que remetem a uma representação depreciativa dos estudantes pela sociedade.

Percebe-se que, atualmente, a sociedade brasileira vive um momento em que conceitos e concepções são invertidos, subvertidos. Entretanto, discordar de um discurso com pretensa homogeneização, por exemplo, desemboca, por vezes, em algum tipo de censura, direta ou velada. O discurso oficial é nutrido e amparado por uma onda conservadora na qual os movimentos sociais são marginalizados. (Re)produzidos na/pela sociedade, sentidos são recuperados e produzidos nos remetendo ao período de ditadura brasileira, promovendo a circulação de ideologias cujo ódio, intolerância são marcas constantes materializadas em discursos constituídos de deturpações, generalizações e preconceito.

A análise desse momento discursivo de retomada, uma vez proposto, deve ser feito com cautela. Os discursos oficiais, por sua vez, podem estar reunidos em arquivo, o que resulta numa tarefa ainda mais complexa. A noção de arquivo traz à tona a possibilidade de armazenamento de fatos públicos ou privados produzidos no passado e, portanto, aponta para a possibilidade de recuperação de origens ou, em outras palavras, recuperação de uma história remota (MARIANI, 2016). Os arquivos, portanto, possuem especificidades imbricadas a

⁹ Cf. informação disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/noticias/2016/10/31/estudantes-estao-em-ocupacoes-para-fumar-maconha-diz-senador-jose-medeiros.htm?cmpid>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

elementos como a história e a memória, os quais ganham grande projeção na Análise do Discurso.

1.4 A REVOLUÇÃO NOS ARQUIVOS

A relevância dos arquivos no mundo ganhou agora mais visibilidade. O desenvolvimento de conceitos sociais, econômicos, políticos e culturais, junto à sociedade da informação – como fomentadora desse crescimento – exige, cada vez mais, do arquivoprecisão das informações fornecidas ao público em geral e a pesquisadores. Por esta razão, os acervos, ainda que de forma incipiente, em alguns países, passaram a gozar de políticas públicas de fomento e preservação.

De modo geral, pode-se pensar no arquivo como um lugar no qual se organizam determinados documentos, mas não se pode negar, contudo, que esta é uma das interpretações possíveis dessa noção. Ideia compartilhada por Pêcheux (2010), ao afirmar que o arquivo é “[...] entendido, no sentido amplo, de ‘campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão’” (PÊCHEUX, 2010, p. 51). Logo, se a noção de arquivo é, entre outras coisas, um grupo de documentos que está relacionado a determinado tema, sendo este grupo de documentos pertinente e estando disponível, é porque, de alguma maneira, este arquivo já sofreu certa organização. O arquivo é, portanto, organizado por uma leitura. Não se trata, porém, de uma leitura analítica de arquivo propriamente dita, mas de uma leitura que revela se determinados documentos são referentes a um tema ou outro. Pode-se entender, então, que existem os mais diferentes tipos de arquivos. Nesse sentido, eles potencializam-se seja por assumirem novas funções, seja por renová-las, pois, além de coletar, de salvaguardar, de preservar, de armazenar e de disseminar conteúdos, proporcionam às pessoas uma forma de encontro com a informação.

Ler arquivos tornou-se uma das ocupações da Análise do Discurso. A ação se tornou uma trajetória para uma ciência crítica que possui pesquisadores atentos à necessidade de se compreender o passado, a fim de refletir sobre o presente, sobretudo quando o objetivo é de que se construa um futuro mais harmonioso e equilibrado para as sociedades. Amaral (2014) salienta a importância política do tratamento dado aos arquivos e destaca o termo “pensar para trás”.

A alusão à expressão “pensar para trás” implica o sentido político revolucionário empregado por Žižek, mas, sobretudo, traz a necessidade de se conhecer as contradições e condições de produção do conjunto de saber acerca dos conceitos (arquivo, documento, memória, história) que são postos

em debate no campo da Análise do Discurso. Supomos, pois, para darmos prosseguimento a nossa pesquisa, que a necessidade de se “reler o arquivo hoje” ocorre em virtude da suspeita de que as bases teóricas e filosóficas que originaram esse conceito também desestabilizam o saber aparentemente sedimentado (AMARAL, 2014, p.12).

Na organização dos arquivos, sempre se encontram os efeitos do funcionamento da ideologia, naturalizando alguns processos de significação e, simultaneamente, apagando outros. Um exemplo, diz respeito à liberação dos arquivos do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), que vem sendo efetuada nos últimos anos, algo impossível de ocorrer há 20 anos, quando ainda havia uma interdição de leituras durante o período sob influência da ditadura militar.

A partir dessa perspectiva, é proposta uma leitura crítica e contextualizada dos *Sumários do Comunismo Internacional*, produzidos entre 1970 e 1973. Apanhado de notícias e informações sobre o “avanço do comunismo no mundo” que era pesquisado e organizado pelo Serviço Nacional de Informação (SNI) e depois remetido aos órgãos de repressão locais para acompanhamento. O arquivo é composto de 39 exemplares que correspondem, aproximadamente, a quatro anos de investigação de ações sociais. O material fornece uma visão privilegiada sobre a lógica de funcionamento dos órgãos repressivos, mostrando sua análise em relação à população que resistia à ditadura. Num contexto político mais amplo, os órgãos da repressão também analisavam conjuntamente a política internacional, sob o ponto de vista dos interesses de manutenção do regime. Esta pesquisa, contudo, faz um recorte temático desse material, atendo-se a enunciados referentes à pauta de costumes e a questões relacionadas ao ensino, a fim de compreender a retomada hoje de enunciados veiculados no período da ditadura no Brasil e investigar suas semelhanças com os sentidos conservadores compilados em arquivos digitais da época atual.

Ressaltando a noção de arquivo e seu papel político para a Análise do Discurso, torna-se importante fazer uma discussão teórica de como um analista do discurso pode trabalhar na construção de seu arquivo e, partindo deste dispositivo, como ele pode chegar às análises das sequências discursivas. Em outras palavras, é papel do analista trabalhar com o processo pelo qual passou dado discurso até ser afastado das práticas discursivas, transformando-se em elemento de arquivo. Desse modo, o analista do discurso seria capaz de, a partir deste gesto distinto de leitura de arquivo, não só trabalhar com a leitura tradicional já instaurada e institucionalizada, mas, principalmente, verificar por que certas práticas foram apagadas em detrimento de outras.

Portanto, a Análise do Discurso é fundamentalmente uma disciplina de interpretação e, sendo assim, é pelo gesto do analista que são feitas as análises. É pelo olhar do analista que são recortadas as sequências discursivas de seu corpus, é através desse gesto que é feita a leitura do arquivo. [...] Deste modo, assim como a teoria não está pronta para ser aplicada, o arquivo não pode ser dado como pronto, fechado. São necessários muitos retornos a ele, no sentido de que não basta ao analista uma única leitura. As (re)leituras se fazem necessárias uma vez que não podemos, enquanto analistas, confiar em leitura primeira (AIUB, 2012, p.70).

Deve-se compreender que a organização de um arquivo resulta de gestos de interpretação que regulam politicamente a memória das formas de administração da sociedade, como lembra Pêcheux (2010) em *Ler o arquivo hoje*. Nesse texto, o autor discute o trabalho de organização dos arquivos, o policiamento dos enunciados e o apagamento seletivo da memória histórica como práticas que caminham juntas.

O trabalho do analista não se esgota, mas é um reflexo de um trabalho sócio-histórico de análise. O analista deve tentar compreender os processos de constituição dos sentidos, para que possa recortar as sequências discursivas para análise. Esse trabalho de retorno e de avanço nas leituras possíveis do arquivo não cessa até que o próprio analista chegue a um ponto no processo de análise. O analista deve compreender, antes de mais nada, que a leitura que ele faz do arquivo é uma possível entre outras e que seu trabalho aparece quando ele consegue compreender os processos discursivos, ou seja, os efeitos de sentido.

Contrário do que se possa imaginar, o analista do discurso não está livre da interpelação ideológica, ele não está alheio às influências, mas sabedor disso, seu papel é trabalhar na delimitação das formações discursivas, recortando as sequências discursivas e relacionando-as ao aparato teórico-metodológico da Análise do Discurso. O pesquisador, baseado em seus objetivos, encontra-se mediatizado por leituras marcadas pelo lugar de onde (se) fala, com todas suas implicações, pois esse lugar de onde se fala é também o lugar onde se esquece (MARIANI, 2016). Assim, trabalhar com uma leitura de arquivos – lidar com a memória institucionalizada – é também trabalhar com nossa própria discursividade.

Pode-se dizer, então, que não existe um esgotamento para leitura de arquivo, mas, em dado momento, é preciso encerrar este gesto de retorno. Para submeter à pesquisa um acervo tão extenso e significativo como o Memória, Política e Resistência – espaço criado para promover o acesso à documentação do acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo referente às lutas políticas e sociais no estado – a delimitação do material para análise se constitui num desafio.

O acervo, cuidado pelo Arquivo Público do Estado de São Paulo, destaca-se por contribuir para o resgate de arquivos que possibilitam o acesso a informações que por anos foram guardadas em segredo pelo Estado. O resgate dos arquivos da repressão oportunizou, então, o entendimento de duas funções desse material. A primeira era demonstrar que a vigilância e a perseguição eram uma ação sistemática das ditaduras, não sendo tocadas por agentes isolados. Refletem uma expressão da própria lógica daquele sistema. A repressão foi um dos elementos-chave das ditaduras latino-americanas, e não apenas um dado colateral e isolado; reprimir se constitui na própria essência desses regimes. As ações repressivas foram compartilhadas pelos mais altos setores e pelo poder institucional. A outra função do resgate dos arquivos é justamente ter acesso às informações que, por anos, estão guardadas em segredo pelo Estado. A busca nestes documentos também pode revelar outras informações relevantes, como acordos econômicos e outros tipos de relações políticas mantidas pelos regimes ditatoriais com instituições, empresas e mesmo outros Estados Nacionais.

A configuração dos arquivos da repressão criou diversas dificuldades para que a população e, muitas vezes, o próprio Estado, tivessem acesso a eles quando do restabelecimento da ordem democrática. A sua dispersão, e a forma personalista com que alguns agentes públicos gerem essa documentação, provocou seu ocultamento mesmo no período democrático. Dessa forma, o material que compreende esse acervo apresenta contribuições significativas para a investigação do histórico e o papel da memória.

1.5 ARQUIVO E MEMÓRIA

O arquivo e a memória possuem uma relação indissociável. A dependência se justifica, visto que o arquivo está impregnado de práticas e de sentidos rememorativos que compõem a identidade do sujeito ou de sua coletividade. Ao se analisar um acervo, criam-se novas formas de compreender fenômenos sociais e a maneira como eles se desenvolvem. Nesse processo, evidencia-se a relevância do arquivo, que, ao ser inserido no contexto socioeconômico, político e cultural, tem o ser humano como produtor de sentidos.

Não obstante, a memória discursiva é o suporte semântico de um discurso, seu funcionamento se dá através da repetição de enunciados, que forma uma regularidade discursiva. Esta, por sua vez, invoca significados através dos pré-construídos estabelecidos nas séries enunciativas. Tal reflexão conduz ao questionamento sobre a importância, para os dias atuais, de se ocupar com atos e discursos registrados no período da repressão política,

vivenciado no Brasil no período 1964-1985. A resposta se impõe ao se perceber que enunciados e ideologia reacionários voltaram a se manifestar na sociedade e a ser retomados e materializados em arquivos digitais.

Dias (2015), influenciada pelos estudos dePaveau (2014), chama atenção para algumas características dos arquivos digitais: a) temporalidade: constituída de paradigmas que escapam a qualquer cronologia. O tempo do digital é o do acesso e da circulação. Um arquivo digital é sempre atual ou, melhor dizendo, passível de atualização pelo acesso. b) instabilidade do arquivo: diz respeito à sua mutabilidade. É comum em sites, textos, blogs, vídeos etc. que sofrem atualização ou ficam indisponíveis; c) dimensão e heterogeneidade do arquivo: há uma infinidade de textos na internet; d) autoria: muitas vezes nos deparamos com materiais que não têm um “nome de autor” ou uma chancela institucional e temos que descartá-los por conta da “legitimidade” do arquivo; e) leitura dispersiva: a leitura se desloca do fio temporal linear passando a predominar a ordem espacial, na qual se impõe a visualidade. Para compreender o arquivo na internet, é necessário compreender a dispersão constitutiva desse arquivo, que impõe um ritmo ao trabalho de leitura.

Evoca-se, assim, a noção de arquivo e seu papel para a Análise do Discurso, a fim de o analista poder trabalhar na construção de seu arquivo e, partindo deste dispositivo, como ele pode chegar às análises das sequências discursivas. Sendo assim, é preciso construir dispositivos de arquivo específicos atentando para as condições de produção do digital e, a partir desses dispositivos, reunir o *corpus*.

Compreender a plataforma *YouTube*¹⁰ como arquivo digital impõe alguns desafios. Propõe-se um deslocamento do *YouTube* como rede de arquivamento para o *YouTube* enquanto um espaço de leitura de arquivo, constituído pelo discurso digital. Um documento físico, ao ser digitalizado, passa a ser outro documento, com propriedades específicas que podem singularizá-lo ou ainda esse documento pode funcionar como um recorte de um documento físico e estar determinado pelo funcionamento de ferramentas das novas tecnologias de linguagem. Essas ferramentas digitais regulam e também possibilitam um processo de constituição do arquivo na sua relação com outras formas de leitura.

Nesse contexto, compreende-se a *internet* e, mais especificamente, o *YouTube* como ferramentas de construção da memória coletiva no suporte digital. O site de armazenamento

¹⁰Na dissertação de Menegon (2013) o *YouTube* é examinado como ferramenta que viabiliza não só a interação, mas a inserção do usuário na chamada cultura participativa. O trabalho colaborativo dos usuários do *YouTube*, além de ser fator predominante e decisivo para sua existência, constitui-se como fonte para o surgimento de atividades que remodelam os padrões de organização e participação socioeconômica. Cf. informação disponível em: <www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Educacao>. Acesso em: 18 out. 2020.

reconhece diversos tipos de participantes, ou seja, usuários que fazem usos distintos da ferramenta, como grandes empresas de mídia, representantes da indústria cinematográfica e fonográfica, empresas que buscam divulgação de seus conteúdos, vídeos caseiros etc. Dessa maneira, cada participante modela, coletivamente, o site como um sistema cultural dinâmico, que, a partir de uma possibilidade técnica, torna-se um artefato da cultura participativa.

A julgar a diversidade de seus usuários, tem-se que é impossível quantificar o volume da produção audiovisual na plataforma. Contudo, busca-se, nessa pesquisa, aferir como os diferentes conteúdos se relacionam com a memória. Entende-se, a partir do olhar do analista do discurso, que essa relação se estabelece no momento em que os vídeos refletem a memória, constituindo-se em um espaço de circulação de discursos em que memórias são modificadas e reformuladas por meio da dispersão de enunciados nos quais sentidos são retomados, de acordo com filiações ideológicas específicas.

Por esta razão, lê-se que há semelhanças nos enunciados produzidos no interior dos arquivos trabalhados nessa pesquisa, ainda que sejam de natureza distinta e materializados em momentos históricos específicos. A percepção é de há uma memória em movimento: reformulada, (re)significada. Gestos de censura e manifestações da ideologia conservadora são praticados ontem e hoje; são os dizeres que ecoam em arquivos distintos, propiciando o retorno para o mesmo, ainda que para um mesmo modificado.

O que consta desses documentos são sempre fatos de linguagem, discursos em determinada direção e possibilitando não somente uma interpretação. Discute-se a memória e o processo de sua construção, não se devendo desconsiderar que a relação entre o arquivo e a memória discursiva pode contribuir, no contexto aqui pesquisado, principalmente para a recuperação da memória sobre a censura e sobre o conservadorismo.

Dito isso, pode-se investir na afirmação de que analisar os arquivos constituídos de discurso conservador, a partir do que essa memória disponibiliza ao pesquisador, permite compreender também a atuação da ideologia em suas formas enunciativas. Para Pêcheux (2014), a memória discursiva vem restabelecer implícitos, pré-construídos, necessários para sua leitura. Esses pré-construídos residem, portanto, na regularidade, pela repetição, pelas remissões, pelas retomadas, podendo ser desregulados pelo acontecimento.

Dessa forma, o acontecimento provoca estabilização e regulação que irão constituir a memória discursiva. Especificamente nesta pesquisa, os pré-construídos ecoam, mas também vão sendo silenciados e apagados.

De uma parte, falar de memória discursiva no escopo do conservadorismo é falar de condições de produção adequadas que favorecem o acontecimento para que esta memória se estabilize materialmente. De outra, há uma força na contramão dos processos discursivos historicamente construídos, que se traduz em acontecimento operando em favor da interdição e dos apagamentos. Não se pode esquecer que alguns sentidos, trabalhados nesta pesquisa, circulam em meio à censura – sendo um mecanismo que se manifesta justamente na regulação e desregulação dos processos discursivos. Age não por consequência, mas como um sistema determinante da própria memória, ou seja, atua não necessariamente sobre um acontecimento histórico, mas sobre o acontecimento discursivo que pretende (re)significar a memória.

2 DITADURA MILITAR E A SUPOSTA SUBVERSÃO DOS VALORES MORAIS DA SOCIEDADE BRASILEIRA

2.1 DITADURA MILITAR, CONSERVADORISMO E CULTURA

Ocupar-se das questões que envolvem a Ditadura Militar no Brasil, dentro ou fora do ambiente acadêmico, ainda é pertinente. Embora seja um acontecimento relativamente recente, novas análises podem ser exploradas a partir de documentos examinados em diferentes perspectivas. Ademais, o período sofre um processo de negacionismo, que visa minimizá-lo, fundamentado por teorias questionáveis e praticado por pessoas cujas opiniões estão apoiadas nos mais diversos interesses políticos. Por outro lado, esse trabalho não só reconhece a importância das investigações sobre os anos de exceção, como também investe em estudos e em leituras que contribuem para o entendimento da ideologia conservadora como um dos seus pilares.

Em março de 1964, setores das Forças Armadas com o apoio de uma frente que reunia grupos de extrema-direita, conservadores e também liberais tomaram o poder, derrubando o presidente João Goulart e iniciando a ditadura, regime que duraria por 21 anos, no Brasil. Na perspectiva dos oficiais militares, o projeto político instaurado à força era uma “revolução” necessária para estabelecer a ordem e livrar o país de ameaças comunistas subversivas. Pode-se afirmar, assim, que era uma ditadura que buscava impedir eventual revolução democrática promovida pelas forças populares.

João Goulart, dessa forma, foi associado ao comunismo, e esse, por sua vez, era visto como a versão política do ateísmo e da negação dos valores cristãos. O objetivo do comunismo, nessas representações, era a destruição da democracia, pondo um fim aos pilares da sociedade cristã: Deus, Pátria e Família. Percebe-se, assim, que, para a implementação do regime de exceção, além de justificativas políticas; as morais, cujos valores são subjetivos, eram necessárias. O esforço para adesão a corpos, corações e mentes contra o esquerdismo é parte de uma guerra por uma sociedade segura e moralizada.

Essa leitura pejorativa sobre comunismo e o fomento da ideologia conservadora podem ser localizados em documentos e em depoimentos do período. Estes foram salvaguardados em sua maioria, em arquivos os quais se tornaram um importante veículo para os estudos discursivos. E ao lê-los o analista/leitor se depara com o exercício de pensar para

trás, a fim de entender o presente, estabelecendo-se, assim a dialética do arquivo (AMARAL,2014).

É, diante desse cenário, que se constrói este capítulo que se propõe a fazer uma leitura crítica do contexto histórico do período da ditadura militar brasileira, enfatizado a partir das perspectivas ideológicas do regime. Ressalta-se, ainda, o esforço do governo de exceção para sabotar os movimentos culturais, além de promover agressões na área de educação e na produção do conhecimento. A justificativa para tal violência por parte do regime, de acordo com a documentação estudada, é de que estes setores estariam contaminados por agentes subversivos, conspiradores e comunistas.

Para alcançar o objetivo proposto, além da consulta das relevantes referências bibliográficas apresentadas, este trabalho faz uso do conteúdo dos *Sumários do Comunismo Internacional*. No site Memória Política e Resistência¹¹ – espaço criado para promover o acesso à documentação do acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo referente às lutas políticas e sociais no estado – encontram-se Os *Boletins Informativos do SNI* e os *Sumários do Comunismo Internacional*. Os primeiros eram periódicos produzidos pelo Serviço com a finalidade de prestar informações sobre acontecimentos de interesse direto dos órgãos repressivos. O aspecto mais interessante desse material é que ele mostra o SNI monitorando não apenas os grupos formais que se colocavam contra a ditadura civil-militar, mas também as próprias forças que apoiavam o regime.

Por sua vez, os *Sumários* – documentos analisados neste trabalho – eram o apanhado de notícias e informações sobre o “avanço do comunismo no mundo” que era pesquisado e organizado pelo SNI e depois remetido aos órgãos de repressão locais para acompanhamento. A finalidade das ações, portanto, constituía-se em: buscar, articular e disseminar informações, visando o máximo controle sobre o “inimigo interno”. Esse “inimigo” podia ser representado pelos grupos organizados que lutavam contra a ditadura civil-militar, ou por setores da população como trabalhadores que se auto-organizavam contra suas precárias condições de vida, além de buscarem entender a atuação desses grupos inseridos em um contexto político mais global.

De outro modo, como o seu próprio nome sugere, o principal objetivo dos *Sumários* era acompanhar governos comunistas e movimentos de esquerda no exterior – especialmente na América Latina, relacionando-os, muitas vezes, aos grupos de esquerda que nesta época atuavam no Brasil. A coletânea aferida é constituída de textos doutrinários sobre questões

¹¹Cf. informação disponível em: <<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/memoriapolitica/>>. Acesso em: 10 set. 2021.

como comunismo, nacionalismo e democracia, além de análises dos métodos de ação da esquerda e do cenário internacional do momento. Por esta razão, apreendem-se destes documentos fortes indícios ideológicos do governo do período, além da revelação de práticas sociais que materializaram arbitrariedades e atentados à sociedade.

No item 2b, do exemplar de março de 1973, por exemplo, referente ao movimento religioso, foi anexado um texto do Capelão da 7ª Região Militar. Seu sermão foi alusivo ao 37º aniversário da Intentona Comunista, datado em 27 de novembro 1935. O texto se propõe a fazer uma “alerta contra ação comunista deletéria”. O religioso frisa ainda que a juventude é o “[...] alvo principal das maquinações, através da solerte manipulação dos meios de comunicação de massa pelos marxistas”. Ainda assim, é empregado contra os jovens, segundo o texto, tóxicos, pornografia e coação psicológica para subverter os valores morais da sociedade.

Quadro 1: Trechos da carta do Capelão da 7ª Região Militar, alusivo ao 37º aniversário da Intentona Comunista

**Beati Mortui qui in Domino moriuntur".*

Felizes os que descansam no Senhor.

Mais uma vez, aqui nos reunimos para homenagear nossos companheiros que, em 1935, pela sua bravura, pelo seu heroísmo, pelo seu acendrado amor à Pátria tombaram pelas armas assassinas dos comunistas.

Reverenciando aqueles que foram vítimas da intentona comunista de 27 de novembro de 1935, [...]

O comunismo não mudou em nada, de atitudes e de procedimento, nos dias atuais. A tática empregada é que se modifica, parcialmente, em alguns países. Preferem, os corifeus da ditadura marxista, a estratégia silenciosa da infiltração sorradeira, em todas as organizações políticas, econômicas e culturais dos países de regimes diversos.

[...]

Presa fácil são os jovens, pois estes constituem massa de manobra ideal, por sua imaturidade, idealismo, desprendimento, espírito exibicionista, anseios reformistas e pela natural simpatia que despertam em todas as camadas da população. Em sua linha de ação, os comunistas procuram infiltrar-se nas Faculdades de Filosofia, justamente porque ali são formados os professores do curso secundário. Em sua atuação junto aos estudantes, os agentes comunistas utilizam-se da chantagem, da coação psicológica, dos tóxicos e, frequente e despidoramente, da atração sexual, propagando e difundido o amor-livre. Pobre e desventurada juventude, se não lhe acorrermos para ajudá-la!

[...]

O rádio e a TV se deram as mãos, num conúbio diabólico, para manipular o que poderíamos chamar "agitação político-sexual". Como são ágeis e astutos os criadores do mal! Eles não procuram atacar, frontalmente, os princípios de estabilidade da família, nem recomendam, abertamente, uma revolução brusca e imediata nos padrões de comportamento sexual. O que esses agentes da sexomania desejam é vencer, aos poucos, a resistência contra a imoralidade, e revestir as aberrações – que tão bem sabem criar - com um manto de dignidade aparente e, por fim, criar, nas vítimas dessa fraude, uma consciência tranquila, um estado de espírito confortável e complacente com o amoralismo por eles implantado em nossa Pátria.

[...]

Nesse acervo fétido de dissolvência moral, podemos, sem medo de errar, dizer que, num futuro bem próximo, teremos uma juventude desfibrada física, moral e espiritualmente. E depois? Depois, num futuro remoto, teremos famílias desagregadas, dissolvidas moralmente, incapazes de serem aquilo que nos foi ensinado em casa, e nos bancos escolares: a família e o cerne da Pátria!

E do silêncio dos seus túmulos, a voz dos nossos companheiros chegaria aos nossos ouvidos, para dizer-nos, novamente, que o comunista é artiloso e sagaz. Que ele se transveste de padre e de professor; de aluno e de camponês; de piedoso católico e extremado protestante. Diria-nos que ele, o comunista, vai ao campo e às escolas; às fabricas e às igrejas; à cátedra e à magistratura, para engodar, mentir e ilaquear a boa-fé dos incautos.

Nas escolas, ele viola e estupra as inteligências dos jovens, nelas instilando o germe da descrença, da mentira e do ódio. No campo, ele se faz de bonzinho, pregando uma justiça social, por ele rejeitada e odiada. Junto aos patrões, ele, tentador diabólico, insinua o lucro fácil, e sopra-lhes ao ouvido que devem usar os homens como vis instrumentos de lucro, e não os estimar senão na proporção do vigor de seus braços. Nas Igrejas, ele começa pela demitização, para chegar a negação dos dogmas da nossa fé. E o pobre "Povo de Deus", tão falsamente glorificado como "povo", e tão desprezado por ser de Deus, procura, em derredor de si, sinais. Não procura sinais dos tempos, que esses já os tem em demasia: procura sinais de Deus. E esses sinais esmaecem, pela ação corrosiva do comunismo, entre aqueles que se ordenaram para ser os guardiães da fé. Dá-me vontade de alongar, aqui, a voz queixosa do Salmista: "Até quando, Senhor, o opressor nos insultara? Até quando blasfemarás contra o Teu nome o inimigo? E Porque, sim porque encolhes Tua destra?"

[...]

O comunista, artiloso e macio, frio e calculista, se veste de legislador e penetra os Congressos, para legislar contra a família que, "divinamente constituída, tem, por elementos orgânicos, a honra, a disciplina, a fidelidade, a benquerença e o sacrifício". Mas o comunista conspurca a honra, fomenta a indisciplina, detesta a fidelidade, porque é afeito a quebra de compromissos.

[...]

E neste dia, e neste templo, peçamos a Deus que, na sua infinita bondade, faça com que nós sejamos sempre fiéis à memória dos nossos bravos irmãos que tombaram para que nós, seus companheiros, e o Brasil, permanecêssemos de pé.

*Que Deus guarde suas almas. **

Por meio da leitura dos fragmentos do sermão acima e dos demais documentos, produzidos entre 1970 e 1973, percebe-se um modelo de gestão subordinado ideologicamente à política externa do Departamento de Estado norte-americano e condicionado pelas instituições financeiras controladas pelo grande capital privado internacional. Constatam-se, paralelo a isso, as ações de condenar o comunismo, rechaçar a agenda progressista, além de enaltecer valores atrelados ao capitalismo. Em todas as edições, por exemplo, há uma sessão de abertura¹² na qual o comunismo é personificado como um inimigo e, assim, rejeitado. Ressalta-se, também, o conservadorismo, relacionado ao comportamento humano, como uma tendência reiterada ao longo do texto.

O texto do religioso sintetiza os já mencionados pilares da sociedade cristã além de reiterar a narrativa da ameaça comunista e de seus subliminares métodos para cativar simpatizantes. Escola, filantropia, igreja e família se reforçam mutuamente, alinhados pelo princípio da sociedade patriarcal: a família como modelo de toda organização social. Dela emanariam os comportamentos saudáveis e valores legítimos e as opções políticas acertadas.

Ainda que na oportunidade assumissem o poder de forma truculenta, os militares e demais pessoas que compunham o governo, assumiram o lugar de vítima, construindo, assim, sua própria narrativa. Para ilustrar suas ideias, os conservadores, utilizaram conotações religiosas “*Até quando, Senhor, o opressor nos insultará?*”. Outorgaram-se defensores da moral e da sociedade que, por sua vez, sofriam ataques orquestrados pelos meios de comunicação “*O rádio e a TV se deram as mãos, num conúbio diabólico, para manipular o que poderíamos chamar agitação político-sexual*”. Logo, Família e Pátria, deveriam ser preservados da indecência comunista “*O que esses agentes da sexomania desejam é vencer, aos poucos, a resistência contra a imoralidade, e revestir as aberrações - que tão bem sabem criar - com um manto de dignidade aparente e, por fim, criar, nas vítimas dessa fraude, uma consciência tranquila, um estado de espírito confortável e complacente com o amoralismo por eles implantado em nossa Pátria*”.

Os jovens, importantes atores no processo de mudanças política, são priorizados ao longo do sermão. “*Presa fácil são os jovens, pois estes constituem massa de manobra ideal, por sua imaturidade, idealismo, despreendimento, espírito exibicionista, anseios reformistas e pela natural simpatia que despertam em todas as camadas da população*”. A juventude, dessa forma, sempre é vista como mais susceptível às investidas dos subversivos “*O comunista, ardiloso e macio, frio e calculista, se veste de legislador e penetra os congressos,*

¹² A referida sessão será analisada no capítulo 4 do trabalho.

para legislar contra a família que, "divinamente constituída, tem, por elementos orgânicos, a honra, a disciplina, a fidelidade, a benquerença e o sacrifício". A defesa da moral, então, apoia-se numa crença que compartilha valores binários, que divide o mundo em bem e mal, sagrado e profano, gente de família e inocentes, cidadãos de bem e bandidos, éticos e corruptos.

Os sentidos das sentenças extraídas do sermão também permeiam outros documentos do arquivo referente aos Sumários. A pauta conservadora de costumes atua como chancela moral que habilita o governo militar a praticar arbitrariedades e a desrespeitar os direitos humanos, instrumentalizando-se, para isso, através de aparelhos de repressão, como a implementação de leis e a criação de os órgãos de vigilância vinculados ao governo.

Diante desse cenário, a escalada progressiva da violência se constituiu em outra característica marcante do governo militar no Brasil representada nos documentos. Nos anos que se seguiram, a “linha dura” do regime arquitetou um forte sistema nacional de segurança e informação, com o objetivo de controlar, pela força, qualquer divergência.

Foram vinte longos anos que impuseram à massa dos brasileiros a despolitização, o medo e a mordaza: a ditadura *oprimiu* (através dos meios mais variados, da censura à onipresença policial-militar), *reprimiu* (chegando a recorrer a um criminoso terrorismo de Estado) e *deprimiu* (interrompendo projetos de vida de gerações, destruindo sonhos e aspirações de milhões de homens e mulheres) (NETTO, 2014, p. 17).

Para estabelecer o regime com menor transtorno possível, fez-se necessário dismantelar o sindicalismo – urbano e rural –, que lutava pelas reformas sociais e políticas, por direitos, por melhores condições de vida para os trabalhadores. Foi necessário também perseguir a esquerda política, armada ou não, e ainda cercear a intelectualidade crítica. Desta forma, uma quantidade expressiva de atividades culturais foi monitorada e/ou impedida de ser exibida. Após uma cuidadosa apuração, veem-se em todos os *Sumários* que essas ações se tornaram mais recorrentes na medida em que a ditadura carecia de apoio e a repressão recrudescia.

Para a oposição o drama iniciado em 1964 se transformou em tragédia com a luta desigual travada contra o Estado entre 1969 e 1973. A exacerbação da violência estatal e paramilitar, o reforço do corporativismo, o discurso pseudonacionalista e, principalmente, o

predomínio do capital financeiro eram indícios de um iminente fascismo¹³, que foi barrado pela oposição liberal burguesa e pela oposição popular. Essa violência institucionalizada, por sua vez, ganhou amparo jurídico quando a Constituição de 1967 e a lei de Segurança Nacional legitimam o ríspido combate contra os agentes de oposição, tanto internos quanto externos. A utilização sistemática da tortura e do terrorismo do Estado estava, assim, implicitamente prevista e fundamentada na Lei de Segurança.

Com o Decreto-Lei nº 4.341, de 13/06/1964, o Serviço Nacional de Informações - principal órgão de informações do regime militar brasileiro - foi criado formalmente. O setor tornou-se responsável por recolher informações e desenvolver a propaganda política do regime autoritário. É exatamente com parte da produção escrita do SNI que este trabalho se desenvolveu. Os documentos já descritos aqui se apresentam com elemento comprobatório da atuação arbitrária dos órgãos de segurança quando relacionado ao policiamento das ações políticas e culturais promovidas no Brasil daquele período.

Os *Sumários do Comunismo Internacional*, então, eram enviados ao DOI-CODI. O sistema DOI-CODI, órgão de inteligência e repressão subordinado ao Exército, começou a atuar em 1969, propiciando o surgimento de uma polícia política. O Centro de Operações de Defesa Interna (CODI) e ao Destacamento de Operações de Informações (DOI) foram instalados nas principais capitais do país. Conhecidos à época pela sigla DOI-CODI, foram os locais por onde passaram milhares presos e onde ocorreu a maioria dos casos de execuções e desaparecimentos forçados de opositores ao regime. A partir daí, as vozes dissidentes foram sistematicamente silenciadas. O regime, assim, perseguiu, exilou, torturou, prendeu e assassinou, promovendo o “desaparecimento” de operários, trabalhadores rurais, sindicalistas e até militares, desde que estivessem comprometidos com os valores da democracia.

As ações coercitivas do governo, dessa forma, passaram a condizer com o sentimento disseminado no período: afeto, medo e ódio. Quando estimulados, favorecem o senso de pertencimento a uma comunidade de semelhantes, ao passo que os diferentes são estigmatizados. Medo e conflito, por seu turno, legitimam a violência física ou simbólica, individual ou institucionalizada. A simbologia simplista, que estabeleceu uma cisão entre subversivos e salvadores da pátria, reduziu a complexidade vivida pela sociedade brasileira a estereótipos e ativavam sentimentos coletivos que legitimariam a repressão. A divisão da

¹³ Em geral, se entende por Fascismo um sistema autoritário de dominação que é caracterizado: pela monopolização da representação política por parte de um partido único de massa, hierarquicamente organizado; por uma ideologia fundada no culto do chefe, na exaltação da coletividade nacional, no desprezo dos valores do individualismo liberal (BOBBIO, 1991, p. 466).

sociedade, assim, tornou-se ambiente propício para perseguição aos movimentos sociais organizados.

A busca pela institucionalização do aparato repressivo resultou em uma série de Atos Institucionais que ampliaram a ação repressiva do Estado. Já no começo do Regime Militar, o Governo Federal utilizou as mais diversas estratégias de coerção e de controle da opinião pública. Os Atos Institucionais e a censura prévia à imprensa foram apenas dois desses mecanismos, amplamente empregados ao longo de boa parte do período ditatorial no combate aos setores de oposição. De acordo com a documentação aferida, atividades culturais foram controladas, movimentos estudantis repelidos. Foram vigiadas, em detalhes, as vidas de pessoas públicas dos mais diversos seguimentos da sociedade.

Mais especificamente, em 9 de abril de 1964, o Supremo Comando Revolucionário apresentava o 1º Ato Institucional (seguiram-se mais quatro) no qual limitava os poderes do Congresso Nacional e do Poder Judiciário e ampliava os do Executivo e de militares. Conferia, por exemplo, ao presidente da República o poder de cassar mandatos e de suspender por dez anos direitos políticos de parlamentares, de políticos, de intelectuais, de servidores públicos, de diplomatas e de membros das Forças Armadas, além de atribuir-lhe o direito de declarar o estado de sítio sem prévia autorização do Congresso Nacional (NETTO, 2017).

Já o AI-5 (Ato Institucional 5) representou, em termos imediatos, o fechamento de praticamente todas as possibilidades políticas legais para a atividade das forças de oposição. A ditadura voltou-se, mais rispidamente, para o combate aos subversivos, para os inimigos internos. Desta forma, a máquina do Estado modificou a estrutura da atividade repressiva, integrando-se a serviços de informação atrelados às operações policial-militares, o que pode ser apurado em contribuições como as de Netto (2017).

Nos dias imediatamente seguintes à edição do AI-5, forças militares fizeram manobras de vulto atemorizando a população, o Congresso Nacional foi mutilado com novas cassações e fechado por tempo indeterminado, também foram fechadas sete assembleias estaduais e municipais, milhares de prisões foram realizadas e se procedeu um radical expurgo em órgãos públicos e universidades (federais e estaduais), bem como à destruição de centros de pesquisa.(NETTO, 2017, pp. 135-136).

Após o AI-5, o regime implementou uma cruzada destrutiva da cultura brasileira, com reflexos evidenciados nas décadas posteriores. A falta de tolerância, a desqualificação do livre pensamento, bem como o olhar moralista e avaliativo para as produções artísticas eram a

tônica do Governo. Apenas ao longo de sua vigência, foram censurados mais de 500 filmes, 450 peças teatrais, 200 livros e mais de 500 músicas (NETTO, 2017).

Em janeiro de 1970, foi instituída a censura prévia – um expressivo indicador do “anos de chumbo”. Contudo a censura atuou assim que o golpe foi efetivado de acordo com os registros produzidos pelo SNI. Sempre a coerção era estabelecida em dois planos interligados: a censura de espetáculos e diversão e a censura política; a diferença dos dois modos de atuação era que o primeiro contava com um corpo técnico identificável e deixava registros oficiais, enquanto a censura política era exercida por qualquer autoridade (policial ou militar), com os censores impondo suas ordens e sem possibilidade de identificar a autoridade coatora.

No 1º volume dos *Sumários*, em janeiro de 1970, já se fazia referência a obras literárias de autores suspeitos na década anterior: *O Prisioneiro*, de Érico Veríssimo; *Dona Flor e os seus Dois Maridos*, de Jorge Amado e *O Berço do Herói*, peça teatral de Dias Gomes. Essa última foi proibida pela censura, na Guanabara, em 1965. Considerada, de acordo com referido documento, altamente perniciosa, emitiu-se este parecer:

Gira em torno de um cabo do Exército brasileiro, considerado herói da PEB, que teria morrido em combate, na Itália, e que, no entanto, não passava de um covarde, que desertou para gozar a vida. No desenrolar da peça são desmoralizadas as autoridades civis, militares e políticas do país, bem como uma localidade do interior, incluindo o padre. Nessa localidade havia nascido o pseudo herói, daí o nome da peça: “O BERÇO DO HERÓI” (SUMÁRIO, 1970/01, p.98).

Dessa forma, a Ditadura Militar cerceou produções culturais, colocou em evidência as suas bases ideológicas e influenciou na produção e circulação destes textos. Trata-se de privilegiar a função da ideologia na constituição de um verdadeiro sistema de censura, que se organizará sempre que o Estado, as instituições ou outras fontes de poder se utilizarem, de forma impositiva, do discurso, da informação, dos meios de comunicação, para a sua manutenção e disseminação de sua ideologia.

2.2 IDEOLOGIA DO REGIME REPRESSOR: REFLEXOS CULTURAIS

Nessa seção, pretende-se evidenciar como as bases ideológicas da ditadura militar, condicionada à pauta de costumes, influenciaram na produção e na divulgação/distribuição das produções artísticas e culturais deste período. Além disso, almeja-se compreender quais

relações eram mantidas entre religiosos e militares, destacando o projeto de empobrecimento intelectual nas instituições de ensino promovido pelo governo de exceção. Busca-se, desta maneira, traçar um panorama do conjunto de ideologias manifestadas pelo Estado por meio dos órgãos de censura e de controle e pelas instituições, como a igreja, que serviram para legitimação do regime.

Ancorando-se em teóricos que contribuem, principalmente, com as ciências da linguagem, pretende-se compreender a forma como se estrutura o pensamento que (re)produz ideologias de dominação. Acredita-se, dessa forma, que não basta identificar uma ideologia dominante para entender o seu funcionamento, é preciso observar atentamente como ela se materializa. Entende-se, assim, que uma das formas de manifestação se dá através das construções discursivas; outra, é revelada a partir das práticas sociais, uma vez que as ideologias não são feitas de “ideias”, mas de práticas (PÊCHEUX, 2014).

A ideologia é um conceito amplo que abarca uma gama de definições que varia de acordo com o contexto teórico em que ela está sendo empregada ou analisada. É indispensável, portanto, uma delimitação do que se compreende ao se trabalhar com esta concepção. Althusser (1983) sentencia que tal definição representa a relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência. Imaginária porque não corresponde à realidade: os indivíduos vivem em “concepções de mundo”. Elas são, assim, ilusão, mas, ao mesmo tempo, também se referem à realidade, ou seja, fazem alusão à realidade. Desta forma, ideologia é ilusão e alusão.

Nessa pesquisa, a ideologia é tratada enquanto uma interpretação da realidade, uma forma de ver, ser e agir no mundo, que é passível de disputa e, por isso, está atravessada por diversos fatores externos que transcendem o indivíduo. Pensamento que é complementado por Thompson (2009) quando se afirma serem as ideologias sistemas de pensamento ou sistemas simbólicos que se referem à ação social ou à prática política. Por esta razão, o componente ideológico está presente em qualquer programa político e é uma característica de qualquer movimento político organizado, como frisa o autor.

[...] o estudo da ideologia exige que investiguemos as maneiras como o sentido é construído e usado pelas formas simbólicas de vários tipos, desde as falas linguísticas cotidianas até às imagens e aos textos complexos. Ele exige que investiguemos os contextos sociais dentro dos quais essas formas simbólicas são empregadas e articuladas. Ele requer que perguntemos se – e, se este for o caso, como – o sentido é mobilizado pelas formas simbólicas em contextos específicos, para estabelecer e sustentar formas de dominação (THOMPSON, 2009, p.14).

A leitura de Thompson (2009) permite a interpretação de que a ideologia está atravessada por uma perspectiva de intencionalidade consciente quando há rivalidade. Essa rivalidade pode ser simbolizada pela luta de classes, na qual a classe dominante usa de mecanismos conscientes e inconscientes, a fim de exercer a dominação.

Outro autor afinado com esta vertente é o Louis Althusser (1983). Da leitura do ensaio sobre os *Aparelhos ideológicos de Estado*, chama atenção sua teoria voltada à problematização do Estado e do político. Pode-se inferir, a partir de seu postulado, que a luta de classes política gira em torno da tomada do poder de Estado. No intento de constituir a teoria dos “aparelhos de Estado”, Althusser (1983) se propõe revisar a teoria descritiva do Estado e é nesse sentido que estabelece a distinção entre poder de Estado e aparelho de Estado.

Dessa forma, para levar a efeito o seu projeto de sociedade (ou a sua ideologia) os militares precisavam garantir o controle do Estado e do seu aparelho repressivo e ideológico que, por excelência, são mecanismos de dominação. Nesse contexto, a ideologia do Estado de exceção – apesar do uso direto da violência para sufocar a contestação e se afirmar – não dispensa a noção de falseamento da realidade através do uso do aparelho ideológico de estado (AIE), simbolizado pelo viés jurídico, religioso e midiático. A edição dos Atos Institucionais – especialmente do AI 5 – configurou justamente uma tentativa evidente de legitimar ideologicamente o aparelho repressivo do estado (ARE). É através da ideologia dominante que o ARE e os AIE mantêm certa harmonia que garante a proteção de um pelo outro. Com efeito, tem-se a junção do aparelho ideológico e do aparelho repressivo em uma mesma instituição, as Forças Armadas, que são ARE, mas, quando representadas pelas instituições de inteligência como o Serviço Nacional de Informação (SNI), atuam também como AIE.

A ideologia capitalista, por seu turno, era um das bases do regime e alcançava formas avançadas de produção. O mercado cultural ampliava-se em dimensão e volume, adquirindo uma conformação nacional. Os bens culturais passavam a ser produzidos e difundidos de acordo com o projeto de desenvolvimento capitalista. Portanto, não foi apenas com ações repressivas que o Estado buscou controlar o panorama cultural brasileiro; ele atuou também, de forma ativa, em diferentes vertentes, desde a preservação da memória e do patrimônio nacional, até o estímulo à cultura popular considerada genuinamente brasileira e à propagação de uma cultura de massa.

Percebe-se que a questão nacional vinha sendo discutida pelo Estado e também pelas novas vanguardas de formas diversas. Enquanto o poder estabelecido promovia um

nacionalismo “embelezador”, que se queria ver em uma raça miscigenada e pacífica, símbolo de uma democracia genuína; artistas e intelectuais ligados à vanguarda brasileira difundiam um nacionalismo crítico, denunciavam o autoritarismo das instituições oficiais e expunham a condição de desigualdade do Brasil. Tal conduta reforça a teoria de Althusser: AIE são campos de contradições da luta de classes e neles é possível ver o resultado do choque das classes medindo forças.

Há de se destacar o monitoramento e a preocupação por parte do governo militar brasileiro com os artigos, manifestos ou qualquer outro tipo de publicação estrangeira sobre o país. O que se percebe, após a leitura dos arquivos referentes a esta pesquisa, é uma frequência de artigos negativos sobre o Brasil em jornais com o *Le Monde* e *The New York Times*. Também, por esta razão, havia uma seção no interior dos *Sumários* intitulada de *Campanha contra o Brasil no exterior*. Estes conteúdos depreciativos sobre o país eram traduzidos e datilografados pelos agentes do serviço de informação. Em algumas oportunidades, também foram emitidos pelo SNI pareceres sobre estas produções, uma vez que o Brasil acumulava críticas, sobretudo, quando os temas eram tortura, subtração de direitos civis, desigualdade e censura. Assim, comitês, jornais, rádios, dentre outras instituições, teceram duras críticas ao governo militar, repudiando a naturalização da violência e o tolhimento da liberdade de expressão e a manutenção das desigualdades sociais.

Os valores nacionalistas disseminados no período ditatorial são comuns aos governos de exceção. Na contramão das críticas internacionais, a propaganda política produzida no período de 1969/1977 difundiu uma visão otimista e (re)significada sobre o Brasil – a exuberância natural, a democracia racial, o conagraçamento social, a harmoniosa integração nacional, a alegria, a cordialidade e a festividade do povo brasileiro. No uso desse repertório, a propaganda política incentivava uma leitura do Brasil, criando as bases para um sistema de auto reconhecimento social e instaurando uma mística de esperança e otimismo. Os militares acreditavam-se imbuídos de uma missão civilizatória, que levaria o Brasil para uma nova realidade econômica, política e moral.

Por meio de técnicas modernas de propaganda, foi divulgado “um discurso ético-moral” com estrutura, com teóricos e com militares que se apropriaram do poder de conceituar o que era ‘nacionalidade’, ‘democracia’, ‘sociedade brasileira’, ‘cultura brasileira’, ‘economia brasileira’. Também a arte brasileira, segundo a convicção do regime militar, deveria se adequar às novas regras de conduta e de civilidade, afirmando uma visão restrita e otimista do Brasil. Na propagação da ideologia do regime militar sobre o país e sua história,

rejeitava-se a análise crítica e realista, reforçando mais uma vez as já muito gastas e triviais imagens ufanistas do passado, que eram agora revitalizadas pelos recursos modernos de comunicação. E, aliados às técnicas publicitárias, soma-se o esforço regimentar, a fim de consolidar as impressões positivas daquele período mesmo que estas fossem impostas por meio da coerção e da violência.

Na elaboração dos seus ideólogos brasileiros, a doutrina de segurança Nacional contemplava não apenas a guerra convencional, caracterizada pela agressão externa, direta e declarada entre Estados: voltava-se antes para a guerra “não clássica”, a da “agressão indireta”, caracterizada por ações insurrecionais e revolucionárias – tratar-se-ia da “subversão interna”, que operava a “guerra psicológica”. Com este referencial, as fronteiras territoriais perdiam importância em relação às “fronteiras ideológicas”: as fronteiras não limitavam nações, mas separavam ideologias – o “mundo livre” e “o mundo comunista”. E ainda; o inimigo deixava de ser externo: estava no interior do país, era “subversivo” (NETTO, 2017, p.87).

Sendo assim, aqueles que estabeleciam uma reflexão crítica sobre a política do regime militar ou que se distanciavam da leitura oficial sobre o Brasil e sobre os brasileiros por meio de suas proposições artísticas, estavam sujeitos à censura. Essa repressão se justifica quando se percebe que os aparelhos ideológicos não são puros instrumentos da classe dominante (PECHEUX, 2014). Há, contudo, nestes aparelhos um conflito de classes, cada uma com sua representatividade ideológica o que é comum em qualquer governo, sobretudo, os totalitários.

Como ato de força, todo golpe deve priorizar a neutralização daqueles que, pela força, podem se opor e resistir a ele; por isso a violência de 1964 só imediatamente atingiu o “mundo da cultura” – generalizada nos primeiros meses do novo regime, já a partir de 1965 a violência foi exercida de modo seletivo, direcionada àqueles intelectuais com aberta intervenção pública. E nesta seletividade, pesaram fortemente a origem e a situação de classe; não interessava aos golpistas atingir indiscriminadamente os filhos da burguesia, do latifúndio e das classes médias - [...] a democratização da violência viria mais tarde, com o ato Institucional n.5 (AI-5), de dezembro de 1968, quando o terrorismo se constituiu em política de Estado (NETTO, 2017, p.116).

Compreende-se, assim, que após o inicial terrorismo cultural nos primeiros meses do Golpe de 1964, o Regime Ditatorial tenha tomado uma postura de cautela frente aos grupos produtores de cultura no Brasil. Paradoxalmente, mesmo com a repressão, a atividade cultural na primeira década do período de exceção foi bastante frutífera, apesar do grande esforço dos militares para impor sua ideologia e sufocar os pensamentos considerados subversivos ou ameaçadores.

As investidas contra as manifestações artísticas e culturais, para garantirem o controle ideológico, foram uma constante no período de ditadura. A ação de tolher o livre pensamento se constitui uma das principais marcas de regimes totalitários. Os *Sumários do Comunismo Internacional* revelam as condições análogas de cerceamento das atividades culturais no Brasil a outros países como os Estados Unidos, inspirado em pensamentos conservadores. Pensava-se que sufocando as expressões promovidas pelos considerados subversivos, poder-se-ia homogeneizar uma forma de pensar que viabilizasse a manutenção do regime de exceção. A estratégia ideológica dos militares em parte teve êxito, uma vez que a ditadura no Brasil ultrapassou duas décadas. Além de que, naquele período assim como hoje, veem-se críticas à produção cultural constituídas de preconceitos e de moralismo.

A segunda fase da ditadura militar teve como marco o AI-5, em 13 de dezembro de 1968, quando estava na presidência o Costa e Silva. A partir daquela data, a censura tornou-se um dos grandes pilares de sustentação do regime militar, estendendo-se além do cinema e teatro para toda a produção cultural do país, inclusive para os órgãos de informação, como imprensa e televisão. Acompanhando o acirramento da repressão, a censura torna-se recrudescida, apontando diversas produções artísticas como se tivessem diálogo subliminar relacionado ao comunismo.

O cinema brasileiro, por exemplo, procurou moldar a sua produção aos ideais políticos do regime. O mote principal era proibir, sempre que possível e, na inviabilidade de proibir, cortar. Paradoxalmente, o cinema, sobretudo os diretores ligados ao Cinema Novo e ao Cinema Marginal¹⁴, tentou compreender a modernização brasileira, a violência política que se instalou, tornando-se, assim, importante o papel dos intelectuais e da classe média diante da nova condição política para o enfrentamento da realidade apresentada. Eles entendiam o cinema como instrumento de ação política, conscientização e mobilização. Por esta razão, filmes – como os do Cinema Novo –, tiveram a indicação de destruição pelos censores e pelos militares, conforme reforça nota do Sumário de junho de 1971.

Entre elas, certamente, a “nouvelle vague” francesa e o “cinema novo” do Brasil e toda a pletora de obras pornográficas e de contestação que invadem a cinematografia mundial, numa surda e continuada tentativa de, através da

¹⁴ O centro do debate dos jovens cineastas do movimento – influenciados pelo Neo-realismo italiano, pela Nouvelle Vague francesa e contaminados pelo espírito desenvolvimentista da era JK (Juscelino Kubitschek) – encontrava-se a produção de um cinema brasileiro em que os elementos estéticos encontrassem um equilíbrio entre o “cinema de autor” e a preocupação política em nome da formação de uma “consciência nacional”. Cf. informação disponível em: <<http://tropicalia.com.br/ruidos-pulsativos/geleia-geral/cinema-novo>>. Acesso em: 15 dez. 2021.

imagem fartamente difundida, destruir os valores morais dos povos (SUMÁRIO, 1971/06, p.19).

Na área das artes plásticas, em 1967, os órgãos censores protagonizaram muitas intervenções. Uma delas ocorre na Bienal da Bahia, que era patrocinada pela Secretaria da Educação e Cultura. Voltada para a arte contemporânea, a mostra buscou promover a integração dos artistas que não pertenciam ao eixo central Rio-São Paulo. O clima, porém, foi tenso. Obras rejeitadas pelo júri da seleção foram apreendidas pela Polícia Federal quando seguiam para as dependências da Academia de Letras da Bahia. Os organizadores não acataram a ordem dos censores e inauguraram a exposição em dezembro de 1968, com as obras previamente selecionadas; no dia seguinte, contudo, a mostra foi fechada pela polícia política.

Já o teatro em todo Brasil foi também penalizado com o cerceamento de suas montagens. Na Bahia, o fenômeno ocorre com a truculência e muitas vezes acompanhada de desconhecimento das temáticas das peças. Para investigar melhor essas produções, na Universidade Federal da Bahia, foi formada a Equipe Textos Teatrais Censurados (ETTC)¹⁵. O grupo desenvolve a expertise de tratar, principalmente, com os textos teatrais censurados no período da ditadura militar na Bahia. Os referidos textos, documentação censória, matérias de jornal, entre outros materiais, encontram-se em acervos do Espaço Xisto Bahia, da Escola de Teatro da UFBA, do Teatro Vila Velha, do Teatro Castro Alves, na Bahia, e do Arquivo Nacional, em Brasília. Esses acervos guardam testemunhos de grande importância que permitem vislumbrar o cenário das produções artísticas baianas e trazem informações sobre a cena teatral baiana, a sociedade da época, sua diversidade e seus conflitos.

Então, para censurar a arte e as suas vertentes, foi criada a Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP). Dessa forma, a música – expressão artística extremamente popular – sofreu com o veto em diversas oportunidades. Antes mesmo de deflagrado o AI-5, alguns representantes iniciantes da MPB já eram vistos pelos militares como inimigos do

¹⁵O Grupo de Edição e Estudo de Textos (GEET) ocupa-se do estudo de produções de escritores baianos e brasileiros, tomando como suporte teórico-metodológico a Filologia, em sua vertente da Crítica Textual. Pelo exercício da crítica aplicada a textos de escritores modernos e contemporâneos, examina-se e interpreta-se o texto a ser editado. A práxis constitui-se em um complexo processo cultural, buscando analisar as situações textuais em todos os sentidos, consideramos a história da gênese de um texto, os seus modos de produção, transmissão, circulação e recepção, a ação dos agentes sociais que atuam na mediação editorial. Cf. informação disponível em: <<http://www.textoecensura.ufba.br/#grupo>>. Acesso em: 20 fev de 2022.

regime. Caetano Veloso, Gilberto Gil e Geraldo Vandré¹⁶, por exemplo, tiveram suas canções, antes de executadas nos meios públicos, submetidas à censura prévia, não obedecendo a qualquer critério. Os censores poderiam vetar a produção tanto por motivos políticos, ou de proteção à moral vigente, como por simplesmente não perceberem o que o autor pretendia dizer com o conteúdo. A censura além de cerceadora revelava, muitas vezes, desconhecimento do objeto que estava sendo aferido.

Tal desconhecimento também é notado quando da leitura do *Sumário* de junho de 1971, nele foi destinado um espaço para avaliar as atividades musicais. Críticas depreciativas se seguiram, tanto pela qualidade das canções quanto pela suposta ligação a um centro cubano de produção musical. A desqualificação e a acusação são reforçadas em trechos, a saber:

Para escrever-se uma canção de protesto, dessas que agora estão tão em voga, é necessário escolher umas palavras como fome, luta, flor, pão, guerra, perseguição, negros, Vietnam *etc*, misturá-las bem, colocá-las numa música o menos harmônica possível e cantá-la sentado no chão, descalço e com cara de angústia e sofrimento.

[...]Com efeito, funciona em Cuba, desde o ano de 1967, um Centro da Canção de Protesto, que publica regularmente uma revista, intitulada precisamente de "Canción Protesta", verdadeiro manual do cancionista de barricada mundial e porta-voz das diretivas emanadas de uma central de subversão (SUMÁRIO, 1971/06, p.18).

Em síntese, segundo análise dos testemunhos, para o Governo Militar nada do que os comunistas fizessem estava desvinculado da ideologia. Assim, esportes, cultura, arte, tudo servia de meio para propagar a mensagem comunista: “*A imprensa, o rádio, a literatura, a pintura, a música, o cinema, o teatro são poderosas armas ideológicas*”(SUMÁRIO, 1971/06, p.18).

Ademais, essa política cultural restritiva complementou-se com a política educacional colocada em prática a partir de 1968. Essa afetou a reforma universitária e do Ensino Médio; a primeira neutralizou as tendências progressistas que nelas se desenvolveram nos anos anteriores e obstruiu qualquer relação crítica entre universidade e sociedade; a segunda retirou do ensino médio público toda perspectiva histórica e crítica, impondo, em seu lugar, a

¹⁶ Importante lembrar que a música popular brasileira ao longo de todos esses anos fez muito mais do que entreter ou embalar o cotidiano dos brasileiros. As músicas estiveram enraizadas em cada conflito, em cada tensão social, em cada momento histórico, cantadas nas ruas, assoviadas nas praças, sussurradas nas catacumbas, publicadas em jornais da resistência. “Pra Não Dizer Que Não Falei das Flores” virou hino da geração de 1968. Tanto o título da canção “Apesar de você” quanto seu verso “Amanhã será outro dia” aparecem gravados em faixas empunhadas em passeatas no início dos anos 1970. Cf. informação disponível em: <<http://memoriasdaditadura.org.br/musica/>>. Acesso em: 20 fev de 2022.

doutrinação da disciplina de Educação Moral e Cívica (EMC). O resultado deste projeto foi uma universidade com baixo nível de produção intelectual e uma domesticação da criticidade tão característica da juventude. Evidente que não se pode generalizar o quadro descrito, uma vez que vários grupos de intelectuais e cientistas resistiam ou continuaram com suas produções acadêmicas, apresentando desempenho louvável. Além disso, o país desenvolvia, sobretudo, sua indústria; o que resultou no investimento na área de ciência e tecnologia. Mas o projeto político era o de controle e de enfraquecimento das escolas e das universidades. Não por acaso, Althusser (1983) atribuía às instituições de ensino como o principal aparelho ideológico do Estado.

O objetivo central da ditadura era livrar-se das ideologias subversivas e da politização no ambiente de ensino. O período foi marcado pela tentativa de implementar a ignorância. O governo só poderia considerar todo universitário subversivo e todo aquele que lidava com a cultura como inimigo interno. Com especial rigor, os militares investem contra as universidades, suas polícias prendem professores e estudantes, destroem laboratórios, saqueiam bibliotecas. Severino (2015) descreve um dos episódios da ação contra as universidades, quando trata do afastamento do educador Anísio Teixeira – fundador da Universidade de Brasília (UNB) e reitor desde o ano anterior. O jurista e também escritor baiano teve interrompido seu projeto de reformas educacionais. À frente do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, por exemplo, passa a implementar centros regionais de pesquisa educacionais, colaborando para o fortalecimento das bases de ensino, sobretudo, nas regiões menos privilegiadas do país, projeto que viria a ser inviabilizado pela nova gestão de ensino do Governo Militar.

A atuação da igreja, por sua vez, foi bastante controversa e decisiva para consolidação ideológica do regime. Foi em nome de um cristianismo conservador que pessoas e instituições religiosas estabeleceram uma relação de apoio à Ditadura Militar, além de ser este pensamento um dos pilares do período. Havia os tradicionalistas – Tradição, Família e Propriedade – a TFP representando o reacionarismo católico. Sem esquecer da participação protestante como disseminadora da ideologia conservadora. De acordo com Dória e Severiano (2015), a *Folha de São Paulo*, em 7 de abril de 1964, havia saudado a Marcha da Família com Deus pela Liberdade. Exemplo disso é, na época, a manchete “São Paulo parou ontem para defender o regime”. Nela o periódico compreendeu o movimento como um sinal de que era o povo que pedia aos militares a derrubada do Presidente João Goulart.

É notável, por sua vez, a participação de evangélicos na legitimação do regime militar. Para eles, o Golpe de 1964 era uma intervenção política em defesa da democracia e da nação, um benefício ao país que vivia ameaçado em sua ordem democrática. O ex-presidente deposto só merecia críticas e a solidariedade antes prometida a João Goulart em uma série de encontros foi completamente esquecida. A pseudo omissão política dos evangélicos desvelou-se uma vez que além de apoiar o regime militar, passaram a colaborar com as instâncias governamentais e a pleitear, num jogo de intensas barganhas, cargos e postos políticos em nível federal, estadual e municipal. De forma que Da Silva (2009) explicita:

[...] a Igreja Batista e a Igreja Presbiteriana desenvolveram políticas, discursos e representações muito peculiares sobre o regime militar instalado no país, 1964, e que as afinidades eletivas entre o conservadorismo protestante e a ditadura militar produziram convergências ideológicas e cooperação efetiva das instâncias eclesiais com autoridades e governos militares. Na Bahia, tal articulação política foi mediada por dois grandes políticos da época: o Governador Antônio Carlos Magalhães e o Deputado Federal Raimundo Brito (DA SILVA, 2009, p. 49).

A eleição em 1966 de vários deputados evangélicos e a indicação de religiosos para cargos no executivo revelam um alinhamento entre política e religião, além de evidenciar a utilização de uma aparente moral religiosa para legitimar sucessivos desmandos políticos promovidos pelo governo militar. Um jogo de poder no qual ambos saíram fortalecidos.

Já a Igreja Católica de abril de 1964 a 1969, por meio de sua hierarquia que apoiara o golpe, não manifestou nenhuma restrição significativa à ditadura. O alto clero bateu continência a coronéis e a generais, até mesmo diante da decretação do AI-5. Desta maneira, a Igreja oficialmente se manteve em silêncio por meses. Contudo, ela participou, em princípio, intensamente da cruzada antidemocrática contra o governo de Goulart, atuando para conter o “perigo vermelho”, contribuindo para a desestabilização política e social daquele governo. Assim, o exercício da hegemonia ideológica dos militares por meio do uso do Aparelho Repressivo de Estado e dos Aparelhos Ideológicos de Estado assegurou a reprodução das relações sociais que prolongaram o governo de exceção até 1985.

2.3 CORRENTES DE RESISTÊNCIA

Na década de 60, nos países capitalistas centrais, o protagonismo inicial da luta política era da juventude rebelde e universitária. Em todos os *Sumários* são abordadas as atividades estudantis. Os discentes e os religiosos foram os grupos mais vigiados pelos

serviços de informação de acordo com os documentos. Interna ou externamente, as reuniões e manifestações são descritas com detalhes. Prisões de estudantes, nomeação de líderes, relações com outros segmentos da sociedade com sindicatos e partidos, exonerações de professores, congressos, enfim, as ações eram cuidadosamente acompanhadas e elencadas.

O ideal contestatário jovem e acadêmico influenciou tendências artísticas, mudanças culturais, posturas filosóficas e lutas sociais. As mobilizações contra o Regime Militar Brasileiro, contudo, não se limitaram ao espaço das passeatas e das organizações paramilitares. Os jornais, por exemplo, foram amplamente utilizados como veículo de denúncia dos autoritarismos governamentais. No teatro, muitas apresentações continham um forte teor revolucionário. Nos palcos do Opinião, do Oficina e do Arena¹⁷, espetáculos eram montados em represália ao conservadorismo social e aos limites políticos da época.

Em relação ao cinema, boa parte das produções era realizada pelos artistas do Cinema Novo. O movimento, que sempre esteve à frente das reflexões sobre a identidade nacional brasileira, possuía agora, no engajamento político e na luta pela democracia, importantes inquietações. Por conta da vigilância da atividade cinematográfica, grupos regionalizados se reuniam, a fim de estabelecerem resistência. Na Bahia, a 1ª Jornada Baiana de Curta Metragem eclode num momento de estagnação da produção cinematográfica no Estado (1972) e se propunha a estimular, sobretudo a juventude baiana, a retomar projetos envolvendo o cinema. Contudo, com os reflexos do AI-5, em 1968, grande partes dos núcleos de atividades artísticas e culturais no Estado tiveram suas ações limitadas como revela Melo (2009):

Entendemos que a Jornada [de cinema] configurou-se enquanto fórum privilegiado de discurso sobre o cinema brasileiro, em virtude do momento de repressão sofrido pelas atividades culturais devido à ditadura militar, especialmente após o AI-5. Como grande parte das suas atividades eram realizadas no Instituto Goethe, também conhecido como Instituto Cultural Brasil Alemanha (ICBA), que era equivocadamente considerado possuído de imunidade diplomática, era possível os debates e exibições fossem realizadas num clima de relativa liberdade, visto que ocasionalmente existiam censores “à paisana” assistindo as atividades(MELO, 2009, p.198).

Compreende-se o surgimento das jornadas de Cinema da Bahia como parte do esforço de criação e de manutenção das atividades cinematográficas no Estado e no Brasil, pois,

¹⁷ Entre os anos de 1969 e 1971 os três grupos aqui analisados vão desaparecer - ao menos nos formatos em que os conhecemos até esse momento. Além da crise estética e de repertório, das dificuldades com a Censura e das generalizadas vicissitudes econômicas erodindo suas finanças - bem como da maior parte do teatro brasileiro -, em cada equipe o processo de desagregação conheceu características específicas (MOSTAÇO, 2016, p. 151).

através delas, o cinema baiano gestou novas iniciativas de produção, especialmente, aliada a uma nova geração que se iniciou na prática cinematográfica, a partir de suas atividades e onde o cinema brasileiro encontrou espaço em discussões organizacionais e políticas, de modo menos exposto à ação da censura.

Os anos 60 e 70, por sua vez, vivenciaram o esplendor da produção musical no Brasil. Compositores e cantores como Chico Buarque, Caetano Veloso e Gilberto Gil elevaram o cenário da música nacional a níveis de criatividade raramente experimentados. Boa parte dessa produção foi motivada pela combativa resistência à repressão militar, que então cerceava, através dos meios mais perversos, as liberdades artísticas.

As diversas possibilidades de desenvolvimento contidas nesse extraordinário movimento eram várias: a rigorosa fidelidade à tradição popular (Paulinho da Viola), o fino artesanato poético de Chico Buarque e algumas tendências direcionadas à contra cultura - expressas no tropicalismo – que se mostrariam claras especialmente depois de 1969. O que importa assinalar, contudo, é que, sob o regime ditatorial, nos seus primeiros anos, ocorreu de fato uma revolução no domínio da música popular (NETTO, 2017, p.119).

Aliado a estas manifestações culturais e artísticas que representavam uma resistência política e ideológica, nas décadas de 60 e de 70, são retomados, por parte de integrantes da igreja católica, movimentos em defesa dos direitos humanos. Religiosos como D. Helder Câmara – arcebispo de Olinda e Recife – atuaram, de forma decisiva, em prol de valores humanos e de justiça social. O religioso tinha frequentemente suas atividades vigiadas e, por esta razão, seu nome é o mais citado nos relatórios do SNI, bem como em publicações relacionadas ao combate a ditaduras na América Latina como bem frisa a imprensa venezuelana:

Sua linguagem, seus conceitos, suas ideias revolucionárias, claramente políticas... são relativamente novos para a Venezuela, embora sejam já populares em quase todo o mundo. Sua valentia lhe tem custado alguns inconvenientes com o Governo do Brasil. Há dois anos atrás, foi praticamente suspenso das atividades pastorais por algum tempo, mas logo recebeu liberdade de ação, após chegar a um acordo com o Governo. Monsenhor poderia pregar todo o seu pensamento inovador, com inteira liberdade, mas não poderia atacar diretamente o Governo e seus métodos de repressão (SUMÁRIO, 1972/1, p.171).

Esse fragmento da revista venezuelana *Elite*, extraído de um documento do SNI, de 3 de setembro de 1971, revela que Helder Câmara não renunciou a seus ataques, mas, de uma maneira geral, sem mencionar especificamente uma pessoa, investiu sempre contra a injustiça

que engendra a violência, que provoca protestos, que logo são reprimidos violentamente. Essa era a mensagem que constituía o discurso do religioso nos constantes encontros nacionais e internacionais, nas entrevistas para os órgãos de imprensa e na profícua produção escrita dirigida aos diferentes meios de comunicação. A partir dessa atuação, os políticos inimigos das ditaduras e das forças militaristas no Governo veem, em suas palavras, uma crítica direta ao governo brasileiro.

Setores da Igreja Católica no Nordeste – liderados pelo padre Humberto Plummen e por D. Helder Câmara – não se furtaram em denunciar a situação de penúria por qual passava a maioria da população dessa região. Lembravam que a fome assumia características epidemiológicas, conseqüente do subdesenvolvimento regional. Criticavam o “milagre brasileiro” por ter aumentado a concentração de renda no país, e por defender a propriedade social dos meios de produção e expressando uma crítica incisiva aos militares com relação à violação dos direitos humanos.

Em todos os registros dos *Sumários* compilados no Arquivo Público de São Paulo há o controle sobre as atividades desenvolvidas pelos religiosos simpatizantes da causa revolucionária. A agenda extensa e progressista dos católicos era cuidadosamente descrita. Os discursos proferidos, sobretudo, em eventos internacionais eram reproduzidos em sua íntegra. A partir de 1971, comentários são anexados a estes textos. Duras críticas eram feitas aos autores dos discursos, além de ser estabelecida uma relação do clero com os considerados subversivos, inclusive alguns foram torturados após as suspeitas de colaboração com as ações denominadas pelos militares de “terroristas”.

Após décadas de perseguição às ideias progressistas e aos grupos que as representam, o governo militar se enfraqueceu politicamente. Logo, seus mecanismos de controle, aos poucos, vão se tornando obsoletos até a ruptura do Brasil com a Ditadura em 1985. A ideologia que sustenta o regime militar é substituída por movimentos democráticos, pela valorização dos direitos humanos e pela liberdade de expressão, sobretudo, de imprensa. Contudo, a partir de 2011, a movimentação de políticos e grupos contrários aos ideais progressistas e próximos de costumes conservadores é perceptível. O conservadorismo atrelado a discursos autoritários será (re)significado e sua lógica, em parte, será retomada enquanto algumas práticas serão reproduzidas. Além dos meios de comunicação já conhecidos, as imprevisíveis redes sociais se constituirão no principal instrumento de disseminação de pensamentos e de ideologias, inclusive nos processos eleitorais.

3 A ATUAÇÃO DOS *YOUTUBERS* NA DISSEMINAÇÃO DO PENSAMENTO CONSERVADOR NO BRASIL

Compreender os fenômenos sociais próximo ao período em que aconteceram é uma tarefa complexa. O impacto de suas consequências é ainda recente, logo associações e analogias com outros períodos históricos ainda estão em curso, o que provoca certa apreensão nos que se propõem a tratar de realidades recentes em suas pesquisas. Avaliar, portanto, a atuação e a influência de *youtubers*¹⁸ na difusão da ideologia conservadora é um exemplo eloquente. Ademais, reflexões sobre de como opera discursivamente o *youtuber* na disseminação de suas ideias e quais recursos utiliza em suas várias manifestações tornam-se provocações pertinentes para compreensão de acontecimentos da sociedade atual.

Nesse sentido, discute-se, nesta seção, como *youtubers* brasileiros colaboraram para solidificação da nova direita brasileira. Por esta razão, entende-se a necessidade de desenvolver um conteúdo sobre a atuação dos autores dos vídeos, pontuando a utilização de determinados recursos retórico-comunicacionais para a manipulação de seu público. Além disso, busca-se caracterizar o sujeito do discurso ultradireitista (pensando em seu lugar social e seu lugar discursivo), a partir de como ele projeta sua imagem (*ethos*) no discurso ao manipular a linguagem e seus recursos.

A fim de alcançar tais objetivos, é importante compreender que os momentos históricos e seus contextos explicam muito o surgimento ou multiplicação de determinados domínios discursivos e de estilos específicos na produção dos vídeos ou de qualquer outra forma de manifestação discursiva (PECHEUX, 2014; ORLANDI, 2012).

Um pouco antes das eleições presidenciais de 2014, o *YouTube*¹⁹ e as outras redes sociais se tornaram um dos espaços preferenciais para divulgação partidária e embates ideológicos. O cenário social brasileiro, assim, caracterizou-se por um progressivo aumento da presença e da valoração de discursos políticos de caráter explicitamente conservador. Discursos dessa natureza, permeados por noções que almejam a retomada de comportamentos

¹⁸Montaño (2017) destaca a profissão de “*youtuber*” como fruto do território virtual. Esse é o nome atribuído ao sujeito que produz conteúdo, seja de cunho opinativo, humorístico, do cotidiano, seja de qualquer outra vertente, para o *YouTube*, que, por sua vez, é uma plataforma de vídeos da internet.

¹⁹O *YouTube* diz respeito a um dos mais poderosos espaços no qual qualquer sujeito pode desenvolver um canal de comunicação direta com um determinado público. Nesse sentido, especificamente, esse espaço se torna uma legítima ferramenta de memória cujas relações são tecidas em escalas mundiais sobre distintos temas. Conforme Burgess e Grenn (2009), em seu surgimento, o *YouTube* apresentava-se como “repositório de vídeos do usuário”, sugerindo o compartilhamento de produções pessoais como principal uso. Sabe-se que o *YouTube* vem do inglês *you*: você, e *tube* - tubo, ou, no caso, gíria utilizada para designar a televisão. Atualmente, o *slogan* do *site* é “*broadcast yourself*”, ou seja, como “transmita-se”, demonstrando a mudança de uma plataforma de armazenamento para uma ferramenta de expressão pessoal.

patriotas e de uma suposta ordem social, surgiram com maior intensidade a partir daqueles que falam do lugar da autodeclarada *nova direita brasileira*. Com opiniões polarizadas para um público ávido por soluções simples, a plataforma se transformou também em veículo de difusão de discursos reacionários.

No Brasil, não havia, até muito recentemente, uma identificação pública com a direita por parte da população em geral. Ser de direita está associado a uma condição de classe, e, por isso, os donos do capital nem sempre fazem questão de mostrar sua opulência. Não era algo que se desejava alardear, e sim conservar. Democratas, liberais são algumas denominações para aqueles que saíram constrangidos após longos anos de Ditadura no Brasil, tornando difícil a sustentação da defesa pública de políticas de direita, embora no âmbito privado essa defesa nunca tenha desaparecido. Mas, os mesmos que se calaram publicamente sobre as mazelas da Ditadura Brasileira, não se cansaram, a partir dos anos 1990, de atacar o comunismo ou o socialismo como sendo ditaduras. Portanto, não é que não houvesse um centro de pensamento de direita, pelo contrário, ele sempre existiu, mas se tornou mais complexo e ramificado ao longo dos últimos anos.

Percebe-se, na mídia tradicional, a partir dos anos 1990 e, principalmente, na época atual, que há uma construção geral da ideia da vitória do capitalismo e seus benefícios, ao passo em que cresceram centros difusores de ideologias liberais. Contudo, a direita entendia que o seu arcabouço era insustentável, não era um projeto que contemplava a massa da população. É excludente e sustentado na exploração. Portanto, há limites claros nessa tentativa de massificação de um movimento que não tem como contemplar a maioria da população; mas que, em alguns momentos, precisa tornar-se massa, fundir-se com ela, mesmo que, para isso, tenha que apoiar ideias e práticas fascistas. Percebe-se, então, a necessidade de criar uma pauta com a qual grande parte da população se veja contemplada: o discurso patriótico, Estado forte, anticorrupção, moralidade, fortalecimento da família, princípios cristãos e a ameaça comunista são reelaborados, (re)significados.

Ao longo dos anos 1990, a imprensa se esforçou para construir o liberalismo como única alternativa possível, mas o fez tendo um público específico, isto é, as camadas médias, os pequenos e médios empresários, os profissionais ditos liberais. Nos anos 2000, esses ensinamentos transpassam a base de apoio e encontram uma nova classe média inebriada por novos padrões de consumo, disposta a avançar nas práticas liberais, rechaçando o comunismo/socialismo. É preciso lembrar, contudo, que o anticomunismo é um amplo espectro, que não se restringe à ação concreta contra os partidos comunistas, mas se refere ao

boicote à atuação da classe trabalhadora e de movimentos sociais organizados contra o sistema liberal. Tal visão de mundo, nos tempos atuais, não admite que haja novos padrões de consumo e de comportamento, da mesma forma que políticas sociais efetivas para as classes trabalhadoras são minimizadas.

Atuando também como difusora de ideologias reacionárias, as redes sociais – com destaque para o *YouTube*, *Twitter*, *Facebook* e *WhatsApp* – servem para ampliar ainda mais o conteúdo conservador/liberal, justificando e naturalizando as desigualdades sociais. Dessa forma, surgem os *youtubers* da extrema direita no Brasil, inclusive recomendados por Jair Bolsonaro²⁰, como o Diego Rox, Bernardo Küster, Olavo de Carvalho, Nando Moura. Contudo, a lista de produtores de vídeos de cunho político conservador é extensa.

Em comum entre os canais ultradireitistas está a defesa da estratégia da vitimização. A partir de uma retórica melodramática, o interlocutor diferencia agentes políticos entre heróis e vilões. Dentre as formas de construir tal narrativa, tem-se a difamação da imagem do adversário, associando-o a estampa de um violador dos ideais da ordem social, de forma que o ultraje moral causado pelo avanço dos movimentos sociais progressistas deve ser transformado em ação reativa (ou reacionária). Todavia, compreende-se que, nesses espaços virtuais, os enunciados conservadores analisados não se sustentam, uma vez que a parcialidade ideológica, disfarçadamente, engendra-se de tal maneira no discurso que não há compromisso histórico e social com o que está sendo dito. Não há, a partir dos canais observados, compromisso com o conteúdo veiculado, e sem quase nenhuma sanção para as produções com informações falsas ou meramente acusatórias, os vídeos se tornaram armas poderosas de difamação e de disseminação de ideologias atreladas ao discurso de ódio.

Outros aspectos recorrentes nos canais são a baixa qualidade dos materiais e a superficialidade. Esta última diretamente relacionada a uma linguagem específica que busca atingir grande parte da população indisposta à análise e reflexão. Trata-se de um público que reproduz visões a partir de alguns paradigmas básicos, sugerindo que há uma centralidade no anticomunismo e no individualismo. Ressaltam-se também outras características de seus seguidores: armamentista, antiestado, pró-militares, conspiracionista, informam-se por mídias nacionais e internacionais que procuram interseções entre si, a fim de construir uma unidade ideológica e discursiva.

Os *youtubers* filiados à direita quase sempre estão ligados a grupos. Entre eles, no Brasil, estão: *Movimento Brasil Livre (MBL)*, *Endireita Brasil*, *Vem pra Rua*, *Acorda Brasil*,

²⁰ Cf. informação disponível em: <<https://theintercept.com/2018/11/17/youtubers-bolsonaro-nando-moura-diego-rox-bernardo-kuster-fake-news/>>. Acesso em: 15 abr. 2020.

Revoltados Online, entre outros. São organizações que, em diferentes medidas, propõem sair das discussões teóricas e ir para rua, apropriando-se do mote e da prática da esquerda: a ação de convencimento nas ruas. Muitos deles, por sua vez, são patrocinados por grupos organizados que representam o mercado financeiro e recebem doações de empresários financiadores do liberalismo²¹.

3.1 OS YOUTUBERS BRASILEIROS E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS CONSERVADORES

Além dos temas sobre os quais versam, reiteradamente, os conservadores no Brasil, como economia e política, são privilegiados pelos *youtubers* da extrema direita, outros que abordam assuntos como sexualidade e religião. Tais tópicos compreendem a pauta de bons costumes e virtudes conhecida dos períodos de ditadura no Brasil, sendo retomada nos anos que antecederam a eleição de 2018.

Nesse sentido, o debate sobre o que ficou conhecido, inadequadamente, como ideologia de gênero também colabora para a compreensão do pensamento conservador brasileiro. A discussão surge a partir da publicação do Plano Nacional de Educação em 2014²², que previa o ensino de conceitos básicos sobre identidade de gênero, sexualidade, diversidade e orientação sexual, por esta razão, naturalmente, a iniciativa está no bojo das questões criticadas pelos conservadores. As demandas consideradas polêmicas, dessa forma, são sempre discutidas sob o prisma reacionário, uma vez que o conservadorismo no Brasil tem forte ligação a concepções não-laicas que definem valores e comportamentos vistos como bons costumes, virtudes; e errado, aquilo que foge à norma, pecados. Logo seus representantes políticos alardeiam um pretensodecoro público, imputando aos adversários a corrupção moral.

A proposta, desse modo, não foi contemplada integralmente, não sendo colocada em prática em razão da rejeição e de manifestações contrárias na sociedade, ainda que seu objetivo fosse de apenas informar e educar os alunos sobre esses temas, com a justificativa de que ao conhecer as diferenças, torna-se mais crível garantir uma sociedade mais inclusiva.

A acepçãoideologia de gênero, portanto, produz sentidos e leituras retrógradas. Quem produz textos com essa concepção, geralmente, inverte conceitos, generaliza episódios

²¹ Cf. informação disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2015/06/nova-direita-cresce-com-financiamento-de-conservadores-3960/>>. Acesso em: 10 maio 2020.

²² Cf. informação disponível em: <<http://pne.mec.gov.br/>>. Acesso em: 15 abr. 2020.

específicos e de maneira apressada e superficial, toma-se o todo pela parte, produzindo uma argumentação constituída por lacunas teóricas. Com isso, grupos conservadores, por meio de argumentos superficiais, naturalizam suas concepções superadas sobre gênero, ao tempo em que procuram interditar, desqualificar ou simplificar os discursos contrários, construídos historicamente na luta das ativistas e teorias ligadas às diversas correntes dos movimentos feministas e de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer e Intersexuais (LGBTQI+).

Uma hipótese tangível para o uso dessa superficialidade é de que os grupos que representam a ultradireita não a tomem por ignorância, mas sim pratiquem a desonestidade intelectual. A prática seria uma nuance do receio de conservadores de ver dentro dos muros da escola uma efetiva mudança no tratar da sexualidade, sobretudo, com a inclusão da diversidade. A escola que, historicamente, construiu-se como aparelho de dominação ideológica burguesa, reproduzindo, entre outras coisas, o machismo, a heteronormatividade e o patriarcalismo; mas, com sua evolução, revitalizou-se como um espaço de resistência e desconstrução das ideologias dominantes.

Para este estudo, foram observados canais *deyoutubers* brasileiros autodeclarados conservadores, delimitando-se, a partir do material compilado, a canais e vídeos cujo conteúdo abordasse a suposta ideologia de gênero. A partir das razões apresentadas, foram selecionadas as produções Deputado Estadual André Fernandes e de Bernardo Küster, auto identificado como jornalista. Ambos possuem mais de uma produção sobre o tema. Küster, por exemplo, em seu canal²³, possui mais de 10 (dez) vídeos sobre o assunto. Busca-se identificar, dessa forma, dentro da narrativa desses sujeitos discursivos o fomento da ideologia conservadora, sobretudo, quando ela se ancora numa suposta moralidade, nos valores sociais, na religião e na homofobia.

Posicionamentos conservadores, por exemplo, podem ser observados no vídeo postado em 22 de novembro de 2017²⁴, no qual André Fernandes condena manifestações homoafetivas ao formular os seguintes trechos:

- 1 Líderes lacradores que querem infernizar nossas crianças;
- 2 A ideologia de gênero está aí, justamente, para ensinar ao seu filho sexualidade dentro da sala de aula;
- 3 Meu irmão, criança deve é estar é brincando, é estudando e não fazendo essas merdas;

²³ Cf. informação disponível em: <https://www.youtube.com/results?search_query=bernardo+kuster+> . Acesso em: 15 abr. 2020.

²⁴ Cf. informação disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eAnlv0BpJA0>> . Acesso em: 15 abr. 2020.

- 4 É isso que essa esquerda maldita quer: é inverter os valores, é deixar o mundo de cabeça para baixo;
- 5 É só lembrar que Sodoma e Gomorra foram destruídos por muitos menos;
- 6 Pode ter certeza que a gente está no fim dos tempos.

Por outro lado, o *youtuber* Bernardo Küster, no vídeo intitulado Ideologia de gênero e caos social²⁵, apresenta sentidos diferentes, embora a filiação ideológica seja a mesma. Nesse, ilações são produzidos efeitos discursivos que sugerem desmerecimento das discussões sobre sexualidade, sobretudo, no que se refere à identidade de gênero.

- A) O discurso do pessoal de gênero é muito bonitinho, é repleto de questões de aceitação e tolerância, mas, na prática, a coisa é uma confusão imensa. A coisa foi calculada para ser uma confusão;
- B) É um caos premeditado. São objetivos políticos de desmantelamento da sociedade e das famílias;
- C) A própria de Judith Butler, que é a bruxa da ideologia de gênero, diz no seu livro, página 25, que a política feminista de gênero deve ser um objetivo político;
- D) Portanto, gente, ideologia de gênero não se trata de inclusão, de tolerância, se trata, na verdade de uma estratégia de caos social, de dissolução da ordem presente, para implementação de um futuro maravilhoso que a gente sabe onde vai dar.

Em ambos os vídeos, a partir de marcas linguísticas, percebem-se pistas de discursos cuja filiação ideológica se opõe a qualquer tipo de pensamento progressista. Esse conjunto de enunciados será denominado de formação discursiva conservadora, uma vez que a formação discursiva, de acordo com Pêcheux (2014), é aquilo que inscrito em uma ideologia, dentro de um contexto, determina o que pode e deve ser dito, articulado por meio de qualquer tipo de linguagem. Isoladamente, cada vídeo apresenta enunciados que se reforçam, do mesmo modo em que as FD dos diferentes sujeitos discursivos dialogam, complementam-se, o que se compreende na Análise de Discurso de Linha Francesa (ADLF) como interdiscurso (PÊCHEUX, 2014).

É comum ao discurso conservador a formulação da figura de um oponente: comunistas, socialistas, progressistas, ativistas, defensores dos direitos humanos etc. Todos inclusos na lista de inimigos, sem os quais a construção do pensamento de seus

²⁵Cf. informação disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=hUGN_CNOycQ>. Acesso em: 12 fev. 2020.

enunciadores parece não se desenvolver. Tal característica se incorpora ao discurso em: *Líderes lacradores* que querem infernizar nossas crianças; e em *O discurso do pessoal de gênero é muito bonitinho*. No trecho conotativo, percebe-se a expressão lacradora usada de forma pejorativa, uma vez que há, por meio de uma metonímia, uma associação negativa entre a palavra e a homossexualidade, condição sexual repelida pelos conservadores e por parte da sociedade brasileira. De outro modo, com mais discricção, porém não menos pejorativo, *pessoal de gênero*, corroborado pelo tom da voz do *youtuberno* vídeo, faz menção a uma suposta homossexualidade das pessoas que entendem a necessidade de se discutir questões ligadas à identidade de gênero nos espaços públicos de formação. Por fim, a ironia é caracterizada através da palavra *bonitinho*, afinal está se elogiando aquilo que se pretende depreciar. O conjunto de enunciados com sentido jocoso ao se referir à homossexualidade e aos direitos de grupos minoritários esboça, ainda que negado pelos conservadores, a homofobia e desrespeito aos direitos humanos, características também inseridas nessa formação discursiva.

O uso do termo ideologia de gênero em si é indicativo de uma narrativa que objetiva confundir e distorcer. O acionamento de uma expressão inexistente no campo dos estudos de gênero não é um equívoco e sim uma estratégia. A troca do termo identidade por ideologia remete o leitor a campos absolutamente distintos de significação. O termo *ideologia* de gênero, discursivamente, expressa um suposto desgaste dos valores familiares e a indução de crianças, por meio de ações de apologia, ao sexo precoce.

A defesa de direitos para homossexuais, nessa filiação ideológica, seria uma demanda por privilégios; e a discussão de temas como homofobia nas escolas, uma agenda voltada a estimular crianças e adolescentes a serem homossexuais. Isso se materializa quando em *A ideologia de gênero está aí justamente para ensinar ao seu filho sexualidade dentro da sala de aula*; A própria de Judith Butle, que é *a bruxa da ideologia de gênero*, e até mesmo em *Ideologia de gênero não se trata de inclusão, de intolerância, se trata, na verdade de uma estratégia de caos social, de dissolução da ordem presente*.

Percebe-se nos enunciados em destaque a tentativa de se conceituar ou caracterizar a ideologia de gênero. Como o termo é usado inadvertidamente, tem-se o emprego inadequado do termo sexualidade, empregado no lugar da palavra sexo e a adjetivação demonizadora de uma autora feminista. No campo das significações, tem-se definido, discursivamente, que a ideologia de gênero é um projeto tramado por inimigos das pessoas de bem, da família brasileira, por opositores da moral e dos bons costumes, por fomentadores do caos social.

O discurso de que há uma esquerda promotora da desordem é recorrente no pensamento conservador brasileiro. Além de caracterizar a discussão da sexualidade em espaços escolares como uma *estratégia de caos social, de dissolução da ordem presente*, destaca-se o sentido de que essas iniciativas seriam planejadas. Tem-se a materialidade desse sentido nas sentenças extraídas do vídeo do Bernardo Küster: A coisa foi *calculada* para ser uma confusão; É um caos *premeditado*. E logo, é ressaltado por André Fernandes em *É isso que essa esquerda maldita quer*: é inverter os valores ou em *Líderes lacradores que querem infernizar nossas crianças*.

Por fim, sugerindo um cenário de final catastrófico, tem-se a premonição apocalíptica. Ambos *youtubers* privilegiam imagens e argumentos cristianizados. André faz uso de ilações mais objetivas como em *Líderes lacradores que querem infernizar nossas crianças*; É só lembrar que *Sodoma e Gomorra* foram destruídos por muitos menos; Pode ter certeza que *a gente está no fim dos tempos*. Küster, por outro lado, é mais sutil ao remeter o leitor a uma atmosfera religiosa. Em, São objetivos políticos de *desmantelamento da sociedade e das famílias*; A própria de *Judith Butle*, que é a *bruxa da ideologia* de gênero e em [...] *estratégia de caos social, de dissolução da ordem presente*, para implementação de *um futuro maravilhoso que a gente sabe onde vai dar*, revela-se um discurso construído com mais sofisticação.

A igreja, sobretudo, a cristã, sempre se a posicionou como defensora da estrutura e dos valores familiares que a esquerda supostamente se propôs a *desmantelar*. No segundo enunciado, ao qualificar a escritora de bruxa, remete-se também à Idade Média: momento marcado pela Santa Inquisição e pela “Caças às Bruxas”. Ambas promovidas pela Igreja Católica Romana. Movimentos de perseguição religiosa e social nos quais foram estabelecidos uma espécie de tribunal religioso que condenava todos aqueles que eram contra os dogmas pregados pela Igreja Católica ou que eram considerados uma ameaça às suas doutrinas.

A imagem apocalíptica é reforçada nas últimas sentenças dos dois enunciadores. Semelhante a uma narrativa bíblica, o discurso dos *youtubers* sugere o caos, uma vez que em É só lembrar que *Sodoma e Gomorra foram destruídos* por muitos menos; Pode ter certeza que *a gente está no fim dos tempos*; [A ideologia de gênero] funciona, na verdade, como uma estratégia de *caos social*, [...] para implementação de *um futuro maravilhoso que a gente sabe onde vai dar*, produzem conotações catastróficas. Vê-se, no discurso de André a descrição de uma tragédia anunciada caso o estudo sobre gênero fosse introduzido nas escolas; já Küstem,

ao fazer alusão a um espaço idílico descrito como um *futuro maravilhoso que a gente sabe onde vai dar*, lança mão mais uma vez da ironia. Na verdade, o *youtuber* faz menção a um passado recente, período no qual o Plano Nacional de Educação, instituído pela Lei nº 13.005 de 25 de junho de 2014, em suas concepções contemplou, entre suas diretrizes, o trabalho com questões de gênero e diversidade sexual dentro dos ambientes escolares, suscitando reflexões sobre o real papel da escola, enquanto local formador e socializador.

O pensamento conservador, por seu turno, compreende que trabalhar sob a perspectiva da prevenção de ações discriminatórias, sejam elas de cunho violento ou vexatórias, é sinônimo de estímulo a práticas homossexuais. Através do obscurantismo na comunidade escolar, impede-se a despertar nos educandos um olhar compreensivo e crítico sobre as questões sociais que os norteiam, uma vez que as questões de gênero e diversidade sexual são inerentes ao espaço escolar, assim como em qualquer espaço e precisam ser problematizadas e entendidas.

Consequência desse raciocínio é a percepção pública depreciativa sobre diversos temas de importância histórica e social para o Brasil, visto que, muitas vezes, as discussões acabam sendo abordadas de forma rasa e revisionista, com afirmações pouco embasadas teoricamente e ligadas a cunhos ideológicos fundamentados pela religião. Ademais, ao se ler os parâmetros curriculares e a base nacional curricular²⁶, percebe-se que discutir a identidade de gênero trata-se de pauta inclusiva, cujo objetivo é estabelecer igualdades. Contudo, a partir de pressões de setores conservadores, em 2017, o Ministério da Educação (MEC) retirou do texto oficial da base curricular as expressões *identidade de gênero e orientação sexual*.

Esse raciocínio, contudo, aponta para tentativa de inviabilizar ações progressistas, mais especificamente, os partidos políticos de esquerda promoverem uma suposta luta de classes, que dividiria a nação e suas instituições. As divisões seriam disseminadas através de diferentes iniciativas, implementadas por políticas públicas como o Bolsa Família e as políticas de proteção a minorias, jogando brancos contra negros, ricos contra pobres e heterossexuais contra homossexuais. Assim, atribui-se à esquerda a tentativa de “dividir a nação” e desgastar seus valores, logo a disputa política é associada a um embate no campo moral.

Compreende-se que o *youtuber* Bernardo Küster produziu um vídeo no qual há uma tentativa mais sofisticada de persuadir; enquanto André Fernandes apresenta-se semelhante a um apresentador de tevê em programas populistas, Küster expõe uma tessitura textual mais

²⁶ Cf. informação disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2017/04/1873366-ministerio-tira-identidade-de-genero-e-orientacao-sexual-da-base-curricular.shtml>>. Acesso em: 12 maio 2020.

elaborada, citando elementos científicos, dados estatísticos, alternando-os com momentos de ironia e tentativas de humor.

O jornalista, porém, revela uma linha de raciocínio inconsistente. Mesma característica por ele atribuída ao discurso de quem promove o debate sobre identidade de gênero. Ele indica erros de lógica, sem apresentar exemplos, além de sentenciar frases inconclusivas e distorcidas. Há cortes em sua narrativa para momentos nos quais o *youtuber* assume a função de ator. É representado, por exemplo, uma cena na qual ele está à frente de uma prateleira, escolhendo livros por gêneros. A analogia induz que os livros e pessoas são classificados por gêneros a fim de melhor organizar o raciocínio, definindo-as pelas suas características. Contudo, esquece, Küster, que livros, músicas e outras formas de arte e outras formas de conhecimento nem sempre possuem faculdades predominantes, podendo uma obra possuir diferentes classificações. Percebe-se que há, no discurso do jornalista, uma confusão conceitual entre gênero literário, de discurso, com gênero identitário, por esta razão, entende-se que a discussão sobre gênero não pode ser reduzida e simplificada.

Outra forma de constituir o enunciado é a apresentação de exceções como possíveis regras. O *youtuber* elenca fatos pontuais de forma sensacionalista, sem se aprofundar em nenhum dos casos apresentados. Cita que na Argentina, por exemplo, um homem mudou de gênero para poder se aposentar mais cedo. Assim, Küster pretende ilustrar que, de acordo com o conceito de ideologia de gênero, as pessoas podem ser além de transexual, (trans)etário. Apresenta, em seguida, o fato de um adolescente que se arrependeu após 14 anos da mudança de sexo. É exposto também um homem transgênero canadense que abandonou família e passou a entender como uma criança. Após isso, ele fundamenta sua narrativa, a partir de dados estatísticos, com informações da área de psiquiatria sem comprovação. E, mais uma vez, apresenta exceções num tom de regra ao selecionar uma mulher trans que fez cirurgia no nariz e nas orelhas para se assemelhar a um dragão. Após várias alegações jurídicas sem procedência, ele descreve uma hipotética sociedade em caos[...]. Por fim, o *youtuber* faz uma interpretação, no mínimo, simplista, do trecho da escritora A Gayle Rubin quando ela escreve em *Tráficos do Sexo* que o sistema sexo/gênero deve ser reorganizado pela ação política. E completa: *o que é uma ação política para uma marxista? Significa desorganização e dismantelamento da sociedade atual.*

Dessa maneira, ao mesmo tempo em que Fernandes e Küster utilizam alguns recursos argumentativos imbricados aos seus enunciados conservadores, a fim de conquistar a adesão de seu público, os *youtubers*, passam a projetar suas imagens junto aos seguidores, de acordo

com seu lugar social e seu lugar discursivo. Com isso, objetivam persuadir sua audiência que, em grande parte, compartilha de suas crenças e seus valores. Sujeito discursivo e seu interlocutor estão inseridos no contexto de pré-eleições de 2018, assumindo seus lugares na produção do discurso, legitimando, por consequência, fortalecendo sentidos e comportamentos reacionários.

3.2 YOUTUBER ULTRADIREITISTA: LUGAR SOCIAL E DISCURSIVO A PARTIR DA PROJEÇÃO DE SUA IMAGEM (*ETHOS*) NO DISCURSO

A leitura discursiva, nesse trabalho, é produzida dentro de uma perspectiva que compreende a incompletude do sujeito e, sobretudo, o fato de que o sujeito e o sentido se constituem ao mesmo tempo (ORLANDI, 2012). Entende-se também o político – elemento no qual o sujeito está inserido – como aspecto relevante para compressão dos sentidos. E, uma vez que a leitura dos vídeos esteja inserida em um contexto político, partidário e eleitoral, não se pode negligenciar, portanto, os *youtubers* como sujeitos discursivos. Assim, são constituídos como tais, na medida em que são interpelados pelas formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas que lhes são correspondentes (PÊCHEUX, 2014).

Nesse sentido, a formação discursiva identificada na leitura dos fragmentos dos vídeos, filiada à ideologia conservadora, interpela os *youtubers* à condição de sujeitos discursivos. Tomados por ideologias neoliberais e antiprogressistas, o sujeito em questão, para ADLF, não pode ser considerado, contudo, como aquele que decide sobre os sentidos e as possibilidades enunciativas do próprio discurso, mas como aquele que ocupa um lugar social e a partir dele enuncia. Conceito que se aproxima da noção de *ethos*, preconizada por Maingueneau (2005), de que o sujeito discursivo deve se conferir, e a conferir ao seu interlocutor, certo *status* para legitimar seu dizer: ele se outorga no discurso uma posição institucional e marca sua relação com o saber. A partir de um prisma semelhante, Amossy (2008a), ao ler Erving Goffman, discorre sobre o papel ou rotina social.

Essas rotinas constituem modelos de comportamento preestabelecidos que um diretor de uma empresa adota em uma reunião com os empregados, que o juiz aplica em uma seção do tribunal, que a enfermeira segue nos contatos com um doente, que um pai emprega durante uma refeição com a família[...] (AMOSSY, 2008a, p.13).

A maneira de dizer, portanto, autoriza a construção de imagem de si, e na medida em que o interlocutor se vê obrigado a apreendê-la a partir dos diversos índices discursivos, ela contribui para o estabelecimento de uma inter-relação entre o locutor e o interlocutor. Indissociável da influência mútua que os parceiros desejam exercer uns sobre os outros, a apresentação de si está veiculada aos papéis sociais e aos dados situacionais.

Nesse sentido, André Fernandes e Bernardo Küster, em seus enunciados, atribuem a si mesmos a capacidade de elucidar as tramas políticas da esquerda maquiavélica, além da competência de criticar e julgar muito comum aos *youtubers* que versam sobre política e comportamento. Semelhante a um político discursando para seu eleitorado, o deputado e o jornalista se dirigem aos seus seguidores. Ora se apresentam como homem do povo, ora como experientes, mas, principalmente, como uma espécie de crítico, a pessoa que traz à tona o que estava obscuro. Colocam-se como defensores de uma suposta moralidade, ancorada em princípios cristãos.

Ressalta-se, então a construção de sua imagem no discurso. A questão da autoridade moral ligada à pessoa de quem enuncia se coloca como fundamental para compreensão dos sentidos que são produzidos. Por outro lado, do ponto de vista retórico, Adan (2008) e Amossy (2008a) frisam a necessidade de que tem o orador de se adaptar a seu auditório, portanto, de fazer uma imagem dele e, correlativamente, de construir uma imagem confiável de sua própria pessoa, em função das crenças e valores que ele atribui àqueles que o ouvem. De outro modo, o orador constrói sua própria imagem em função da imagem que ele faz de seu auditório, isto é, das representações de um orador competente que ele crê ser as do público (AMOSSY, 2008a).

Ademais, se o *ethos* está crucialmente ligado ao ato de enunciação, não se pode ignorar, entretanto, que o público constrói representações do *ethos* do sujeito do discurso antes mesmo que ele fale. Perspectiva sinalizada por Maingueneau (2008) Amossy (2008b); Haddad (2008), em suas respectivas propostas de trabalho que também compõem a coletânea *Imagens de si mesmo no discurso: a construção do ethos*. Maingueneau (2008) destaca, por exemplo, que mesmo interlocutor não sabendo informações sobre o caráter do sujeito, o simples fato de um texto pertencer a um gênero de discurso ou a um certo posicionamento ideológico induz expectativas em matéria de *ethos*.

Quando esse sujeito discursivo é uma pessoa pública, o *ethos* prévio torna-se ainda mais compreensível. Os *youtubers*, por sua vez, são reconhecidos, geralmente, como “celebridades” em sua área de atuação. Os que versam sobre o mundo político são

compreendidos como àqueles que enxergam os fenômenos sociais de forma privilegiada. Cria-se a expectativa de um enunciado condizente com o que é mostrado pelas diferentes mídias ou, ainda, pela imagem associada ao grupo ou ao partido do qual são porta-vozes. A própria plataforma *Youtube* colabora para construção dessas expectativas sobre quem produz os audiovisuais. Ao assistir a um vídeo sobre determinada temática; outras produções do mesmo autor são sugeridas; quando não, são recomendados autores diferentes cujos vídeos possuem temáticas e discursos semelhantes aos da primeira visualização. Ou seja, as produções pertencem a uma mesma filiação ideológica, o que termina potencializando os sentidos veiculados.

Nesse sentido, os *youtubers*, ao seu modo, não escapam de uma pré-expectativa ou *ethos* prévio por parte de seu público. Até por que o *ethos*, de acordo com Fiorin (2008), não se explica no discurso em si, mas sim ressaltando todas as circunstâncias que esse é produzido. Em primeiro lugar os vídeos são produzidos e postados em meio a um contexto social e político que é elemento constitutivo de sentidos. Em segundo lugar, percebe-se que as produções, em sua maioria, possuem títulos e subtítulos – quase sempre polêmicos e/ou sensacionalistas – na mesma proporção do conteúdo que se pretende transmitir. Estes, por sua vez, dão uma noção exata ou aproximada da temática e da abordagem que serão desenvolvidas. Seguem alguns títulos de vídeos dos dois *youtubers* analisados nesta seção sobre ideologia de gênero: *Ideologia de Gênero e Caos Social; Novo Totalitarismo de Gênero; Projeto de Ditadura LGTBTTQI+@Y123; Menino de 12 anos beijando namorado e cantando música erótica; Cura Gay: Parem com isso!*

Após uma leitura prévia dos títulos, identificam-se pistas inseridas na enunciação com as quais os interlocutores mantêm uma relação preliminar. As expressões *caos*, *totalitarismo*, *ditadura* associadas a questões de gênero remetem, em princípio, o leitor a um campo de significações negativas. Do mesmo modo que zombar da sigla do movimento LGBTQI+, ao tempo em que a comunicação é estabelecida por meio de títulos sensacionalistas, também colabora para construção de um *ethos* discursivo que fomenta ideias conservadoras e homofóbicas. Esses indicativos nos enunciados, além constituírem o *ethos* do sujeito discurso, estabelecem uma espécie de aliança com seus interlocutores, pois,

[d]e fato, a ideia prévia que se faz do locutor e a imagem de si que ele constrói em seu discurso não podem ser totalmente singulares. Para serem reconhecidas pelo auditório, para parecerem legítimas, é preciso que sejam assumidas em uma doxa, isto é, que se indexem em representações partilhadas (AMOSSY, 2008b, p. 125).

Nesse momento, consolida-se ainda mais o processo para persuasão, uma vez que o texto é enunciado voltado para um interlocutor, a fim de fazê-lo aderir a um certo universo de sentido. Coloca-se, desta forma, o interlocutor como uma das instâncias do sujeito da enunciação e ressalta-se seu papel de co-enunciador o qual, dentro desta perspectiva, também passa a ser uma construção do discurso. Os *youtubers*, quando produzem seus vídeos, preveem as características de seu público e a maneira pela qual será percebido; avalia o impacto sobre seu discurso e trabalha para confirmar sua imagem, ou para modificá-la, enfim, para produzir uma impressão conforme as exigências de seu projeto argumentativo.

3.3 *ETHOS* E ARGUMENTAÇÃO

Parte-se, então, da ideia de que a imagem do sujeito e do interlocutor é construída pelo texto – que consiste na materialidade discursiva. Além disso, compreende-se que o interlocutor faz parte do sujeito do discurso. É produtor de sentidos, na medida em que determina escolhas linguísticas do locutor, ainda que essas escolhas não sejam conscientes (FIORIN, 2008).

Ao efetivar construção do *ethos*, os *youtubers* André Fernandes e Bernardo Küster, elaborando suas respectivas estratégias argumentativas, dão um passo em direção à polarização. Constroem um inimigo a ser combatido – traço, aliás, recorrente em outros vídeos. A imagem dos supostos defensores *ideologia de gênero* é caracterizada por adjetivos como *lacradores* e *esquerda maldita*, *peçoal de gênero*; ao passo em que o locutor é inserido na parte da sociedade composta por “pessoas de bem”, na qual as crianças e a família estão protegidas e resguardadas. Portanto, a imagem de protetor da moral e defensor dos princípios cristãos estabelecidos é condizente com o que se espera do discurso de um neoconservador no Brasil, frente às iniciativas de inclusão e de respeito promovidas pelas discussões e pelas políticas de gênero.

Em seguida, compreende-se que os enunciadores, predominantemente, transitam entre três imagens: *ethos* do homem da ciência; *ethos* do defensor dos valores morais; *ethos* religioso. O primeiro deles é mais evidente no vídeo *Ideologia de gênero e caos social* cuja elaboração é de Bernardo Küster. Nele, são citados dados estatísticos, trechos e páginas de livros, assim como são comuns alusões a documentos e a sites oficiais. O conceito de gênero é pretensamente discutido e questionado, questões jurídicas específicas são levantadas, ainda assim, a biologia e os vocábulos ciência e científico são, constantemente, recrutados e por fim, a sociologia é acionada a fim de coroar a adesão aos seus enunciados.

A imagem de defensor de uma suposta moral social, por sua vez, é mais contundente na produção de André Fernandes. Denotativamente, gritando, o *youtuber* apresenta-se com tom de voz altivo e intimidador, aliado a expressões físicas, principalmente faciais, de indignação. A linguagem é simples, porém o que chama atenção é o excesso do uso de termos depreciativos e palavrões. Ele se propõe a defender as crenças de pais “permissivos”, da mídia (Rede Globo), de *líderes lacrados*, de uma degradação moral na qual a sociedade estaria mergulhada. Espera-se desse enunciador, portanto, a produção de sentidos próximos de frases cujos sentidos sejam semelhantes ao que é posto pelo *senso* comum: “Olha aí o que estão fazendo com nossas crianças!”; “Estão transformando nossas crianças em homossexuais.”; “Precisamos defender nossas crianças, precisamos impedir que esse tipo de coisa continue acontecendo”. Ou seja, há redução das questões sobre gênero à homossexualidade, naturalizando preconceitos e discriminações a partir da condição sexual apresentada, chancelada pela moralização dos relacionamentos afetivos entre as pessoas.

De outro modo, percebe-se que o *ethos* construído no discurso do *youtuber* André Fernandes tem intercessões com manifestações populistas. A imagem do homem do povo e de fala verdadeira é constituída, por se entender que este é o melhor personagem para produzir enunciados que condenem a decadência, a corrupção dos políticos e, sobretudo, o progressismo/esquerda política. Quando um *youtuber* de extrema direita mostra, por meio de sua enunciação, a figura do homem próximo ao povo, ele procura validar seu enunciado para dizer, acusar e, principalmente, persuadir. Na realidade, o poder das palavras deriva da adequação entre a função social do locutor e seu discurso: o discurso não pode ser autoridade se não pronunciado pela pessoa legitimada a pronunciar-lo em uma situação legítima, portanto, diante de receptores legítimos (AMOSSY, 2008b).

Por fim o *ethos* religioso é comum aos dois *youtubers*. Sabidamente, o Brasil é um país de maioria cristã, logo seus dogmas estão inseridos e cristalizados na cultura da sociedade. Os princípios do cristianismo, por esta razão, determinam e influenciaram a relação entre pessoas em diferentes níveis e oportunidades. Dentro de sua subjetividade, contudo, o discurso das religiões, ao longo de história, ancorados no cristianismo, sempre apresentou austeridade em relação àqueles que, de alguma maneira, rompessem com seus conceitos, sobretudo, quando o tema se refere à sexualidade. André Fernandes e Bernardo Küster em seus enunciados, cada um ao seu modo, optam por invocar expressões, imagens e metáforas bíblicas. Esse esforço compreende o uso de expressões já incorporadas à linguagem popular como *infernizar e bruxaria*, até citações de passagens bíblicas como *Sodoma e Gomorra*. Esses sujeitos

discursivos, constroem seu *ethos* regulados por imagens proféticas apocalípticas. É um mundo que *será deixado de cabeça para baixo*, com *famílias desmanteladas*, a fim de que predomine o *caos social* e o *fim dos tempos*.

Assim se estabelece a construção da imagem de si, que confere ao *ethos* ser elemento constitutivo do discurso. O enunciatário adapta sua apresentação de si aos esquemas coletivos que ele crê interiorizados e valorizados pelos seus interlocutores. É preciso considerar, contudo, que o interlocutor não é ser passivo, que apenas recebe informações produzidas pelo seu locutor, mas é um produtor do discurso, que constrói, interpreta, avalia, compartilha ou rejeita significações. Fiorin (2008) define esse processo, quando afirma que

[a] eficácia discursiva está diretamente ligada à adesão do enunciatário do discurso. O enunciatário não adere ao discurso apenas porque ele é apresentado como um conjunto de ideias que expressam seus possíveis interesses, mas sim, porque se identifica com um dado sujeito da enunciação com um caráter, com um corpo, com um tom. Assim o discurso não é apenas um conteúdo, mas também toda um modo de dizer, que constrói os sujeitos da enunciação. O discurso ao construir o enunciatário, constrói também seu correlato, o enunciatário (FIORIN, 2008, p.157).

Vê-se, portanto, que na comunicação estabelecida pelos os *youtubers* ultradireitistas há um compartilhamento de expectativas entre o enunciatário e o interlocutor. Dessa forma, um público de formação social conservadora, em um contexto pré-eleitoral, espera dos integrantes de seu grupo enunciados conservadores. Ao tratar das questões sobre gênero, vislumbram-se discursos que fortaleçam a construção social na qual define sujeito com uma sexualidade binária, estipulada na esteira de um discurso conservador religioso. Isso significa que a naturalização da noção de sexualidade também é uma categoria ideológica, mascarada através de um processo de naturalização de sentidos que carregam um já-dito há muito repetido: “sempre foi assim”. Por meio de *youtubers*, esse já dito, agora é redimensionado, potencializado através de novas formas de dizer e de novas formas de circulação, condizentes ao contexto da sociedade atual.

3.4 YOUTUBERSE A MANIPULAÇÃO DA LINGUAGEM

O fato é que *youtubers* nasce como uma ferramenta de comunicação emergente fruto do poder do mundo capitalista. Os influenciadores digitais da “nova” direita brasileira, por sua vez, não abandonaram essa lógica. Profissionais ou não, de alguma maneira, devem encontrarum “diferencial” na sua produção, sejam eles mais ou menos especializados. Ao

evidenciar o que é chamado de diferencial, ou seja, algum tipo de especificidade, *youtubers* conservadores trabalham segundo a lógica do comércio e entram para o mundo da estetização. Encontram, assim, nos diversos aparatos tecnológicos, aparelhos que simulam a técnica televisiva, apostando não só nos instrumentos, mas no processo de teatralização de um apresentador de TV, ou mesmo atuando como ator, em que tudo vale para alcançar seguidores para estabelecer seu público. No mundo digital, inscritos e seguidores de canais do *YouTube* propiciam além de prestígio, remuneração. Em seu livro *Estetização do mundo*, Lipovetsky e Serroy(2015) afirmam:

[é] de uma estética do consumo e do divertimento que se trata: não mais artes destinadas a comunicar com as forças invisíveis ou elevar a alma pela experiência extática do Absolut, mas sim “experiências” consumatórias, lúdicas e emocionais aptas a divertir, a proporcionar prazeres efêmeros, a vitaminar as vendas. Quanto mais a arte se infiltra no cotidiano e na economia, menos é carregada de alto valor espiritual; quanto mais a dimensão estética se generaliza, mais aparece como uma simples ocupação da vida, um acessório que não tem outra finalidade senão a de animar, decorar, sensualizar a vida ordinária: o triunfo do fútil e do supérfluo. A sociedade transestética não tem mais nada de sagrado ou de aristocrático: ela é uma etapa suplementar no avanço da era mercantil e democrática que, desregulamentando as culturas de classe, acarreta a individualização dos gostos, ao mesmo tempo que uma ética estética do consumo (LIPOVETSKY; SEROY, 2015, p. 25).

A estética tornou-se imprescindível para a aceitação não só de produtos, como também para validação de ideias. O cenário midiático se tornou mais complexo com alta fluidez material, com o excesso de informações, além de muita exposição. Os consumidores se tornam mais exigentes, profusos no que tange à sua relação com processos de produção e suas experiências de consumo, o que faz essa relação ampliar o foco de valor do objeto em si, e a venda passa a ser também da relação com imaterial, com o onírico que possa ampliar sensações agradáveis nas mentes dos consumidores. Os *youtubers* que versam sobre política, por sua vez, estão atentos a isso. O simbólico, o sensível, o prazer hedonista criado pelo encantamento das marcas, provocado pela experiência sinestésica, pelo design, pela beleza, pela aura de completude estão presentes também na produção dos vídeos de temática conservadora.

Pensar no funcionamento dessa mídia como algo apenas mercadológico não é prudente. Mas, se não é esse exatamente o foco de muitos *youtubers*, é nessa lógica, ao menos, que estão imbricados as produções dos vídeos. O fato é que a *internet* é o *locus* potencializador do consumo de ideias e de comportamento, ou seja, é veículo estratégico

para a expansão do mercado e, no caso aqui em análise, para “mercado” político. A rede, em si, nasce atrelada em uma lógica mercadológica, ou seja,

[a]o aumentar a transparência do mercado, ao facilitar as transações diretas entre fornecedores e consumidores, o ciberespaço, certamente, acompanha e favorece uma evolução ‘liberal’ na economia da informação e do conhecimento e até mesmo, provavelmente, no funcionamento geral da economia” (LÉVY,1999, p. 232).

Esse fato não é algo ruim em si mesmo, mas é como assistir a uma propaganda sem saber exatamente que é uma propaganda, de tão sutil que podem parecer as apresentações dos *youtubers* nos canais. Essa linguagem eivada de características aplicadas ao mercado – e com grande poder influenciador – também é utilizada para vídeos de conteúdo político. Muitos interlocutores, por esta razão, são interpelados por ideologias e comportamentos de forma subliminar, sem perceberem as técnicas por meio das quais elas foram produzidas.

Ademais, deve-se observar que nesse contexto social, o indivíduo, seja ele consumidor e/ou produtor de conteúdo, sente necessidade de se afirmar, de se expressar. Tal comportamento, por sua vez, causa uma banalização da técnica e da arte, uma vez que os recursos para a produção dos vídeos são reproduzidos em grande número a partir de plataformas digitais como o *YouTube*. Por outro lado, percebe-se, que a *internet* assume a função de precursora de novas formas de arte e de manifestações artísticas as quais trazem também modificações às características dos meios de comunicação.

Deve-se destacar a produção dos vídeos nos quais são textos informativos, opinativos disseminados em linguagem bem próxima a das produções publicitárias. A maioria deles possui cortes propositais a fim de produzirem o efeito de velocidade, de dinamicidade. Geralmente, faz-se uso de linguagem informal, com gírias, palavrões, trejeitos, fatores que contribuem para a identificação do público. Como a informação é proferida de forma instantânea, diminui-se o poder de reflexão do interlocutor sobre o que é transmitido. As informações e as opiniões veiculadas por *youtubers* adquirem, assim, um *status* de veracidade, com um ar de vanguardismo em que velhas opiniões e fatos antigos são recuperados, transmitindo-se a sensação de ineditismo.

Uma característica intrínseca ao *youtuber* é a teatralidade: o autor pode ser divertido ou sério, porém deve ser sempre dinâmico para ter popularidade, cada um deles deve produzir sua maneira “especial” de dizer. Segundo Lipovetsky e Serroy (2015),

[n]o tempo da estetização dos mercados de consumo, o capitalismo artista multiplica os estilos, as tendências, os espetáculos, os locais da arte; lança continuamente novas modas em todos os setores e cria em grande escala o sonho, o imaginário, as emoções; artealiza o domínio da vida cotidiana no exato momento em que a arte contemporânea, por sua vez, está empenhada num vasto processo de “desdefinição”. É um universo de superabundância ou de inflação estética que se molda diante dos nossos olhos: um mundo transtético, uma espécie de hiperarte, em que a arte se infiltra nas indústrias, em todos os interstícios do comércio e da vida comum. O domínio do estilo e da emoção se converte ao regime hiper: isso não quer dizer beleza perfeita e consumada, mas generalização das estratégias estéticas com finalidade mercantil em todos os setores das indústrias de consumo(LIPOVETSKY; SEROY, 2015, p. 20).

O mercado e a produção audiovisual vivem num cenário de fruição estética. No entanto, o foco está no que tange à economia e à produção em larga escala, em massa. A sociedade transtética transforma a mercadoria em muito mais do que meros produtos, estando mais preocupada com parte da experiência, do afetivo, do simbólico que o produto pode proporcionar ao seu consumidor.

Cada imbricamento da rede em redes revela um crescimento contínuo e pode se tornar produtor ou emissor de novas informações, exercendo influência na sociedade, uma vez que por meio das redes também são disseminadas ideologias que são apresentadas em novos formatos, por meio de formas já conhecidas, porém (re)formuladas. Sem esquecer que não se pode produzir uma nova cultura a partir do nada. Hoje, principalmente, a sociedade é composta por seres culturais, ocupando um conjunto de símbolos comuns e histórias que são fortemente baseados nos produtos do período industrial. A influência digital é a propulsão do discurso do *youtuber* entre os seus espectadores: as ideias trabalhadas nos vídeos se espalham pelas redes sociais e se multiplicam no ambiente *online* e *offline*. Os *youtubers*, dessa maneira, tornam-se “porta-vozes” de seus respectivos grupos sociais.

3.5 YOUTUBERS: INFLUÊNCIAS POLÍTICAS E IDEOLÓGICAS

O público passou a encarar o *YouTube* como uma plataforma para a expressão individual e coletiva; muitas vezes ele se sente excluído pela linguagem dos especialistas em política tradicional e pelo foco hermético de boa parte da cobertura noticiosa. Também por isso, debates sobre democracia digital há muito tempo vêm sendo moldados pela perspectiva de uma revolução digital, com a presunção de que as velhas mídias seriam substituídas pelo surgimento de novos participantes, sejam novas empresas de mídia confrontando os velhos

conglomerados, sejam blogueiros *ou youtubers* substituindo jornalistas, ou cibercandidatos superando máquinas políticas.

O *youtuber*, a seu modo, parecia ter um caráter, predominantemente, de entretenimento; hoje ele é um poderoso instrumento econômico e político-social, capaz de influenciar e gerar mudança de comportamentos, uma vez que essa é uma forma espontânea e original de alcançar, principalmente, o público mais jovem. Ademais, modificou a produção e a circulação de informações e ainda permitiu maior interação de seus usuários com outros canais de comunicação. Em vez de estar substituindo as velhas mídias, há, nesse processo, uma colaboração entre as instituições de mídia consagradas e as emergentes, pela expansão do número de agentes produzindo e circulando informação, e o fluxo de conteúdo pelas múltiplas plataformas e redes. A sociedade, contudo, precisa, até mesmo no caso das *fakenews* (notícias falsas), saber desenvolver sua criticidade interpretativa, a fim de adquirir um frutífero discernimento do que lhe é transmitido.

Percebe-se que o *youtuber*, principalmente com características argumentativas, tornou-se um relevante instrumento de formador de opinião. Os artigos de opinião, editoriais jornalísticos, por exemplo, precisam conviver com outras formas de se comunicar nas quais pessoas se propõem a opinar fundamentadas ou não, sobre diferentes temáticas. Compreende-se, atualmente, o deslocamento do centro único difusor de pensamento crítico, que antes era garantido pelo crítico iluminado, aquele intelectual que dava a voz pela sociedade e falava por ela. Assim, Beatriz Sarlo, em seu livro *Cenas da vida pós-moderna*, afirma:

[p]ensaram que estavam na vanguarda da sociedade; que eram a voz dos que não tinham voz. Acharam que podiam representar os que viviam oprimidos pela pobreza e pela ignorância, sem saber quais eram seus verdadeiros interesses ou o caminho para alcançá-los. Pensaram que as ideias podiam descer até aqueles que, operários, camponeses, marginais, submersos num mundo cego, eram vítimas de sua experiência. Sentiram-se portadores de uma promessa: obter direito dos que não tinham direito algum. Pensaram que sabiam mais que as pessoas comuns e que esse saber lhes outorgava um só privilégio: comunicá-lo e, se preciso fosse impô-lo a maiorias cuja condição social as impedia de ver com clareza e, conseqüentemente, trabalhar no sentido dos seus interesses(SARLO, 1997, p. 159).

Isso ocorria, na medida em que o saber era algo de extrema importância para a produção e para reprodução da vida; encontrava-se, desse modo, nos próprios saberes uma fonte de poder. Hoje, é inconteste a relevância da informação nas múltiplas atividades em sociedade, porém se observa a ampliação no acesso a essa informação e, principalmente, as diferentes formas de produção e de veiculação de conteúdo. Esse fenômeno propiciou a

circulação de diferentes saberes, além disso, o protagonismo da transmissão dessas informações é mais democratizado.

O ser humano, por exemplo, aprendeu com as grandes mobilizações bem-sucedidas nas últimas décadas: o feminismo, os movimentos de direitos humanos, as minorias (raciais, de gênero e classe social) que de alguma forma ensinaram e ensinam a valorizar a fertilidade e a riqueza trazidas pelas diferenças, essas que deixam uma grande lição, pois não se acomodam na visão do absoluto como regra e impõem a criticidade aos intelectuais do passado. Além disso, no clima distendido e distante que se impôs, os gestos heroicos do intelectual santo ou profeta soam particularmente fora do ritmo com a melodia em surdina desses tempos(SARLO, 1997).

No contexto do *youtuber*, é difícil entender até que ponto essa influência se operacionaliza, principalmente, porque a *internet*, ao mudar o processo e a forma como se lê, como se pensa e como se sente, particulariza ainda mais o saber de cada indivíduo. Quando se tem o *youtuber* de cunho político como aparelho não institucional, que tenta desenvolver e estimular a reflexão para questões marcadas ideologicamente, tornam-se evidente alguns elementos que eram desconhecidos no discurso político tradicional.

A estética e a composição do *youtuber* trabalham, em grande medida, para convencer. Apropriam-se de aspectos do cotidiano e, por meio da linguagem informal, aproximam-se dos mais diversos tipos de interlocutores, tentando evitar possíveis barreiras de comunicação entre os seguidores e autor (*youtuber*). Os *youtubers*, neste sentido, passaram a exercer grande influência social, uma vez que, segundo Jenkins (2009),

[o] advento de novas ferramentas de produção e canais de distribuição derrubou barreiras de entrada no mercado de ideias. Essas mudanças colocam recursos para o ativismo e a crítica social nas mãos de cidadãos comuns, recursos que já foram de domínio exclusivo dos candidatos, dos partidos e dos meios de comunicação de massa. Esses cidadãos cada vez mais se voltam para a paródia como uma prática retórica que lhes permite expressar o ceticismo em relação à “política de sempre”, a escapar da linguagem excludente por meio da qual são conduzidas as discussões sobre política pública e a encontrar uma linguagem comum de imagens emprestadas que mobilizam o que eles conhecem como consumidores, para refletir sobre o processo político (JENKINS, 2009, p. 378).

Há movimentos sociais e partidos políticos que decidiram criar seus próprios *youtubers*, a fim de veicular mensagens para um público específico sobre o qual os meios de comunicação tradicionais e as redes sociais como *Facebook* e o *Twitter* não exercem grande influência. O movimento político Movimento Brasil Livre(MBL), ativo desde 2014, por

exemplo, possui um *siteno* qual semanalmente vídeos são postados. Segundo seu próprio *site*, trata-se de uma organização que defende o liberalismo econômico e o republicanismo. Em seu manifesto²⁷ cita cinco objetivos: “[...]imprensa livre e independente, liberdade econômica, separação de poderes, eleições livres e idôneas e fim de subsídios diretos e indiretos para ditaduras”. Localizado, politicamente, à direita brasileira, claramente, mantém esforços para a desvalorização de movimentos sociais progressistas e partidos políticos de esquerda, em especial o Partido dos Trabalhadores (PT). Seus idealizadores, frequentemente, postam no site e em seu canal no *YouTube*, vídeos de conteúdo político partidário ou vídeos relacionados a temas polêmicos como descriminalização do porte de armas, redução da maior idade penal, posicionando-se sempre contra as políticas de reparação.

Nos vídeos, seus principais integrantes se revezam no protagonismo das apresentações. No papel de *youtubers*, jovens exploram as características da nova forma de se comunicar com grande público. Rapidez, cortes propositais, inserção de outros vídeos, de imagens, de citações, são técnicas televisivas e cinematográficas aliadas a uma linguagem agressiva, sempre elegendo algo ou alguém para ser atacado. Comunicadores conservadores utilizam-se de uma retórica marcada por tom ríspido ou desdenhoso em relação a seus opositores. Esse seria um processo de estetização que ajuda a legitimar uma mentalidade outrora antiquada, mas agora tida como aguerrida e moralizante.

Além da aproximação política com partidos da direita, o grupo dissemina valores sociais e humanos atrelados ao conservadorismo neoliberal. Por esta razão, a legalização do aborto, as discussões sobre gênero e sobre sexualidade são temas recorrentes. O movimento, inclusive, já ajudou a eleger políticos de partidos diferentes como o Democratas (DEM) e Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB).

Os próprios políticos associados à ideologia do MBL, eventualmente, assumem o lugar do *youtuber*. Posicionam-se sobre um tema polêmico, produzem um vídeo, geralmente curto. De acordo com o efeito que desejam produzir, investem muito ou pouco na produção do trabalho. Ao utilizar a plataforma *YouTube* como instrumento de divulgação de suas ideias, pretendem, assim, alcançar públicos específicos os quais se encontram distantes dos meios tradicionais de comunicação.

²⁷ Cf. informação disponível em: <<https://mbl.org.br>>. Acesso em: 15 maio 2020.

3.6 CONSERVADORISMO NO AMBIENTE VIRTUAL

Nesse sentido, considerando o potencial do ambiente virtual e a importância dos *youtubers* para a disseminação de narrativas reacionárias, as novíssimas direitas conservadoras apropriaram-se da estética caricata, debochada e viral das mídias sociais, apostando na produção incessante de notícias, vídeos e *memes* de apelo emocional que valorizam muito mais a forma do que o conteúdo preciso e evidências encontradas em fontes legítimas. A partir dessas interações comunicacionais operadas no ciberespaço, houve e há um crescimento na difusão de propaganda política travestida de notícias falsas ou teorias conspiratórias, utilizadas tanto para beneficiar quanto prejudicar pessoas, organizações ou ideologias.

Mais especificamente, identifica-se que o discurso conservador recorre frequentemente a imagens de violência sexualizada e a um subtexto de subalternização do que é considerado feminino e ataques aos direitos LGBTQI+ e ao próprio feminismo, acusados de contribuir para o enfraquecimento dos alicerces da nação e da virilidade dos seus homens. Dessa forma, o estudo discursivo, através de sua leitura, compreende que sentidos reacionários prevaleceram no período anterior às eleições de 2018 e ainda serve de sustentação ideológica para o atual governo do presidente Jair Bolsonaro. O discurso conservador transformado em política pública converge para uma estagnação da estrutura social, pois esse concorre para uma sociedade na qual há, cada vez mais, espaço para movimentos como o *anti-ideologia de gênero*. Grupos alinhados por pensamentos extremistas, ao passo que são perpetuadas ideias que fomentam a masculinização do discurso político, permitem aferir e situar o papel ideológico dos ataques aos estudos de gênero e ao feminismo na geopolítica internacional.

Esses tipos de enunciados produzem basicamente dois sentidos: em primeiro lugar, ela funciona como uma forma de ofuscar outras questões políticas, como as relacionadas ao desemprego, à saúde, à educação, ao meio ambiente e etc., permitindo que o governo possa se manter em um campo de batalha política no qual já conseguiu criar um consenso durante a campanha; em segundo lugar, a divulgação constante dessas declarações e embustes servem como combustível para que os grupos que se articulam em torno de pautas indenitárias continuem focados nestes assuntos e assim mantidos neutralizados. Dessa maneira, as novíssimas direitas conservadoras brasileiras, sob a narrativa de que estão libertando o país de suas amarras ideológicas e trazendo a renovação ao país por meio do combate ao socialismo e

à ideologia de gênero, por exemplo, na prática asseguram a conservação da política oligárquica.

Mesmo depois de eleito, o governo Bolsonaro continua a disseminar a ideologia conservadora, utilizando os mesmos símbolos falaciosos que lograram êxito em criar consenso durante a sua campanha. Os rótulos de doutrinação e ideologização ainda são utilizados como uma etiqueta, na medida em que criam um falso inimigo que se apresenta imprecisamente a partir de uma espécie de elástico conceitual que trata das dissidências a partir do rótulo do marxismo cultural. O Governo Federal instrumentaliza-se, para travar sua “guerra ideológica”, nomeando ministros e secretários imbuídos de salvar o país da degradação cultural e de princípios proporcionada pelos governos anteriores, sobretudo os do PT. Desse modo, tendo em vista que o esquerdismo é o grande mal encontrado no país, as críticas ou as oposições não são bem-vistas, como também deveria ser combatidas. Assim, sob a narrativa da renovação da política, verifica-se certa reprodução daquela velha oligarquia, sendo necessário, mais do que nunca, uma nova linguagem e uma nova abordagem nos debates públicos acerca dos direitos sexuais e reprodutivos, sobretudo, no que se refere às informações produzidas e compartilhadas no ambiente virtual, materializadas nos discursos, consequentemente, nas práticas sociais brasileiras.

4 A RE(SIGNIFICAÇÃO) DO DISCURSO CONSERVADOR NO BRASIL

O atual cenário político e ideológico brasileiro ainda se encontra, fortemente, atravessado pelo crescente discurso conservador. Seu ápice, na história recente do país, ficou evidenciado no período que antecedeu a eleição presidencial de 2018. Muitas vezes, relacionado à nova direita brasileira²⁸, o conservadorismo parece ganhar simpatizantes na medida em que opera como oposição a toda forma de estar em sociedade que discorde de valores moralistas. Discursos dessa natureza estão materializados em documentos oficiais do período da Ditadura Militar no Brasil e, por meio da interdiscursividade, fazem-se presentes, sobretudo, em espaços virtuais.

Nesse sentido, as novas mídias se destacam como potenciais dispositivos de propagação de pensamentos reacionários. Os vídeos dos *youtubers*, por exemplo, – roteirizado de forma específica/estratégica –, atinge dimensões maiores do que outros meios de comunicação tradicionais. Neles, pode-se perceber interseções com os sentidos próximos aos veiculados nos documentos históricos do Serviço Nacional de Informação (SNI), uma vez que esses são constituídos por textos cuja tônica é a disseminação do sentimento de ódio e de intolerância. Por esta razão, ao considerar que a história brasileira foi fortemente marcada pelo regime ditatorial, em que medida a reascensão do conservadorismo se configura um problema social? Assim, por meio da análise discursiva, os próximos capítulos objetivam compreender os efeitos de sentido do novo discurso conservador no Brasil, além de priorizar o estudo das condições de produção relacionadas à retomada de discursos caracterizados pelo moralismo e pela agressividade.

Ancorado em tal perspectiva, privilegia-se, nessa investigação, os aspectos como o político, o contexto e as condições de produção para análise desse novo discurso. Para isso, noções como a historicidade, a memória discursiva, o silenciamento e o interdiscurso se mostram imprescindíveis a fim de inserir na interpretação, modos de operacionalizar a análise de forma que se possa compreender o funcionamento da exterioridade no interior do *corpus* discursivo. Desta forma, ao passo que conceitos, brevemente, são discutidos ao longo dos capítulos, análises são produzidas, a fim de promover melhor relação entre a teoria e o *corpus* selecionado.

²⁸Conforme desenvolvido nas seções 2 e 3, a expressão diz respeito ao grupo de políticos, personalidades de diferentes áreas que defendem, dentre outras coisas, o discurso revisionista e até negacionista acerca da Ditadura Militar no país. Possui como característica mais evidente o anticomunismo.

Os enunciados do *Sumário do Comunismo Internacional* do SNI, referente ao período entre 1971 e 1973, são postos ao lado de discursos de 5 (cinco) *youtubers* autodeclarados conservadores, representantes da nova direita brasileira no período que antecedia as eleições de 2018. Nos dois registros, a pesquisa se delimita a analisar os enunciados relacionados à pauta sobre costumes e sobre educação – conteúdo comum à Ditadura Militar, mas que, hoje, está sendo (re)significado na contemporaneidade brasileira. Ao verificar, no dicionário Houaiss, a palavra costume, vê-se que seu significado é equivalente a hábito, ou se preferir, pode ser definido como uma prática frequente, mas que, em hipótese alguma, pode ser confundido com o conceito de tradição. Todavia, parte da imprensa conservadora atribuiu novo sentido para agenda ou pauta de costumes. Embora não fique explícito, quando alguém lança mão do termo agenda de costumes, o que está em evidência, de fato, é a censura de comportamento, de igualdade de gênero, de igualdade racial, de direitos LGBTIQ+, de direitos civis, de direitos sexuais e reprodutivos, de reconhecimento da diversidade, enfim, de direitos humanos.

No entanto, a arte, como uma das formas da representação humana; e a educação, como direito universal, não estão alheias às mudanças sociais. Elas estão, em tese, em sintonia com seu tempo, expressando velhas e, principalmente, novas formas de pensar e de viver. Os dois segmentos, dessa forma, não se furtam a discutir temas sensíveis que indiquem ruptura com tradições nem tampouco a apresentar novos arranjos sociais. Também por isso, as duas são alvos de discussões promovidas por conservadores em defesa da família, da pátria, da religião. Historicamente, os setores de arte e de ensino são acusados de serem constituídos ou dominados por agentes progressistas que são, por isso, acusados – em suas práticas – de estarem alinhados ao comunismo. Por isso, tendem a aplicar expressões pejorativas a comportamentos individuais dos artistas, com a finalidade de depreciar suas respectivas produções.

A análise proposta parte das orientações da Análise de Discurso de Linha Francesa (ADLF), tendo como aporte basilar os estudos sobre o interdiscurso. Já a análise apresentada no capítulo seguinte, propõe uma abordagem que privilegia o estudo do silenciamento, dos implícitos, além de incorporar à discussão contribuições de Maingueneau a respeito da cena enunciativa. Sendo assim, é necessário compreender os enunciados em movimento, ou seja, incorporando à análise as cenas enunciativas em que são construídos – sujeitos, contextos, pré-construídos – em resumo, as vozes que compõem os textos. Tudo isso são tarefas

imprescindíveis para que o analista se aproprie das formações discursivas dentro da dinâmica de seus contextos.

4.1 “VEJO O FUTURO REPETIR O PASSADO”

Ao iniciaro processo de análise, retoma-se que, no âmbito do debate estritamente político, o conservadorismo praticado no Brasil é, geralmente, associado às variadas posições contrárias aos avanços das pautas da esquerda. São implicados como conservador o indivíduo ou grupo político contrário, por exemplo, à luta pela universalização dos direitos. Tal posição costuma estar associada, também, à adesão à ideologia do mercado, que envolve desde a defesa da mercantilização, cada vez maior da vida social, até a agenda de privatizações e de estado mínimo. O conteúdo político, teórico e social dessa corrente de pensamento, com frequência, aparece fundido ao pensamento liberal, considerando que liberalismo e conservadorismo são tomados, frequentemente, como sinônimos.

Dito isso, vale ressaltar – também em caráter inicial – uma das premissas da ADLF: considerar o contexto histórico-social como parte constitutiva do sentido, levando em conta as condições em que este texto foi produzido. Por essa razão, é importante lembrar como uma elite – financeira, industrial, agrária e conservadora –conduziu a classe média à histeria no início dos anos 60, o que resultou em uma suposta preparação para o golpe de 1964. A partir daí, em março do respectivo ano, setores das Forças Armadas com o apoio de uma frente que reunia grupos de extrema-direita, conservadores e, também, liberais tomaram o poder, derrubando o presidente João Goulart e iniciando a Ditadura, regime que duraria por 21 anos, no Brasil. Na perspectiva dos oficiais militares, o projeto político instaurado, à força, era uma “revolução” necessária para estabelecer a ordem e livrar o país de ameaças comunistas subversivas. Dessa forma, Jango foi associado ao comunismo, e este, por sua vez, era visto como a versão política do ateísmo e da negação dos valores cristãos. O objetivo do comunismo, nessas representações, era a destruição da democracia, pondo um fim aos pilares da sociedade cristã: Deus, Pátria e Família.

Assim, o conservadorismo, a manutenção das instituições políticas e jurídicas, enfim, um ambiente de tensão eo obscurantismo é sugerido, colaborando com a constituição dos anos que antecederam as eleições presidenciais de 2018. Período no qual imprensa e a mídia não tradicionalelegem o Partido dos Trabalhadores (PT) responsável pelos entraves econômicos,

associando sempre parte de seus integrantes à corrupção, o que provocou um fenômeno conhecido como antipetismo.

4.2 O QUE FAZ, O QUE PENSA E QUE DIZ O INIMIGO SUBVERSIVO: CONSTITUIÇÃO DE UMA FORMAÇÃO DISCURSIVA

Nas seções 2 e 3, dessa pesquisa, discutiu-se como a disseminação de uma ideologia conservadora se tornou fundamental no processo de sustentação da Ditadura Militar Brasileira, ou seja, verificou-se por quais veículos esta ideologia circulou a partir de aparelhos sociais e/ou ideológicos (ALTHUSSER, 1983). Desse modo, propõe-se, agora, investigar como os sentidos que expressaram tal ideologia se materializaram nos documentos do SNI – os quais são base do *corpus* para esta análise –, bem como nos vídeos de *youtubers*(neo)conservadores, uma vez que um número expressivo de *posts* e intervenções conservadoras é retomado e se torna público, sobretudo, a partir de 2016.

Ainda que os gestos reacionários no Brasil, deste período, sejam numerosos, por conta do desenho metodológico, fez-se o recorte na pesquisa a partir da análise de três episódios: (1) suspensão da exposição Santander; (2) proibição da performance no MASP; (3) implementação da escola sem partido.

Em tempo, explica-se que por conta da considerável extensão do *corpus*, foi necessário apresentar apenas alguns enunciados ou sequências discursivas (SD)²⁹ extraídos dos fascículos e dos audiovisuais. Devido à necessidade de cortes, os excertos foram selecionados no sentido de manter a materialidade linguística com relação às produções originais, e ao mesmo tempo, não prejudicar, demasiadamente, a produção de sentidos.

Ainda que o contexto dos enunciados dos vídeos seja de um país democrático, da leitura do arquivo datado de 1970 a 1973 e do arquivo digital de 2018, depreende-se o discurso conservador, além do tom autoritário e policialesco. Nos *Sumários*, é comum a repressão aos seguimentos sociais, bem como a perseguição às ações políticos-culturais que os censores considerassem ameaçadoras. Nos vídeos, por sua vez, além de reproduzir as características destacadas dos documentos do SNI, acrescem-se, narrativas de sentimento de

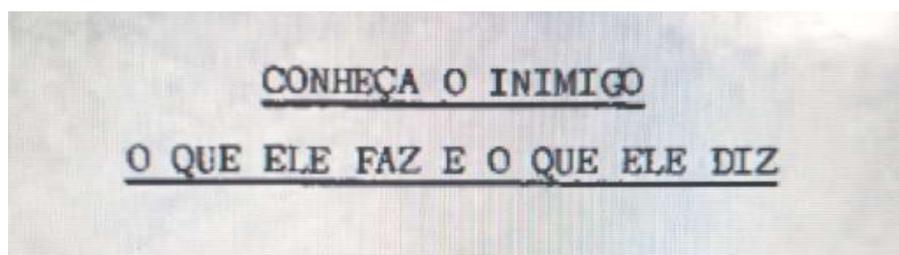
²⁹Os *Sumários* – documentos analisados neste trabalho – eram o apanhado de notícias e informações sobre o “avanço do comunismo no mundo” que era pesquisado e organizado pelo SNI e depois remetido aos órgãos de repressão locais para acompanhamento; por outro lado as produções audiovisuais dos *youtubers* compreendem o período anterior às eleições de 2018 no Brasil. Destacaram-se, entre essas duas materialidades, enunciados cujos sentidos fossem aproximados, levando em conta seus respectivos contextos.

ódio e de intolerância, estabelecendo-se um novo/velho inimigo: os comunistas remanescentes, os esquerdistas.

Embora os documentos, em seus respectivos contextos, sejam constituídos por sentidos alinhados a movimentos de direita; nos enunciados aferidos, avulta-se a voz dos “subversivos/comunistas”. Nos textos impressos, o recurso é extrair e reproduzir, literalmente, registros atribuídos à esquerda comunista. Na maioria das oportunidades, citações são selecionadas, sem a apresentação dos contextos, nos quais as frases foram produzidas. Desse movimento discursivo, identifica-se uma formação discursiva denominada de FD de esquerda. Compreendendo Formação Discursiva como sendo aquilo que numa formação ideológica – ou seja, a partir de uma posição específica, em uma conjuntura sócio-histórica – determina o que pode e deve ser dito. A FD, por esta razão, representa no discurso as formações ideológicas uma vez que os sentidos sempre são determinados ideologicamente (PÊCHEUX, 2014; ORLANDI, 2005). A linguagem, assim, apresenta-se como lugar privilegiado em que a ideologia se materializa.

A fim de refletir sobre os sentidos que dão voz à esquerda comunista, destaca-se do *Sumário* de janeiro de 1972 uma seção comum a todos 39 (trinta e nove) exemplares. Esta antecede o índice de cada fascículo, de forma recorrente, intitulada como: “Conheça o inimigo” (Cf. Figura 1).

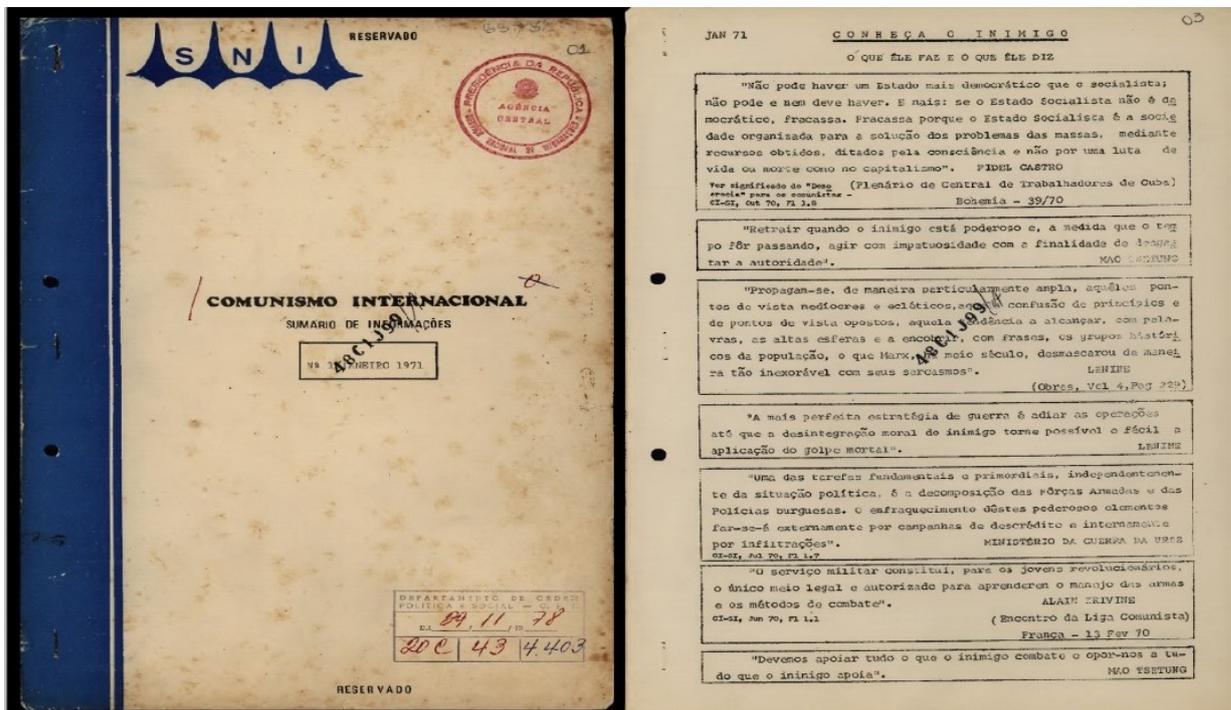
Figura 1: Seção do *Sumário*



Fonte: fotografia digital por Mario da Mata

Esta parte do documento é reservada para desenhar o perfil do “inimigo”. Sinalizar suas ações e suas filiações ideológicas. São reproduzidos, inclusive, parte de manuais de conduta dos comunistas, extraídos, supostamente, de cartilhas e de livros ou de símbolos relacionados ao comunismo/socialismo (Cf. Figura 2).

Figura 2: À esquerda, fotografia digital da Capa do Sumário de janeiro de 1972, à direita, fotografia digital da seção do *Sumário* com “descrição” dos comunistas



Fonte: Foto digital por Mario Da Mata

Há destaques para datas comemorativas, descritas em um calendário dos principais eventos comunistas, segundo o SNI. Para uma melhor visualização do conteúdo do documento, transcreve-se, a seguir, no quadro 2, o documento.

Quadro 2: Transcrição da seção do *Sumário* “Conheça o inimigo”

- 1- “Nenhuma ditadura poderá ser estabelecida e mantida sem o emprego direto da força”. “BANDEIRA VERMELHA”, DE PEQUIM, 12 NOV 66.
- 2 - “A coexistência dos regimes comunista e capitalista, por muito tempo, é totalmente impossível. Um dos dois terá de esmagar o outro para sobreviver. Enquanto não formos mais fortes, porém, adotamos uma atitude conciliadora e as regras do jogo de nosso adversário”. LENINE - VIII Congresso do PCUS
- 3- “A Religião e o comunismo não podem coexistir”. LENINE

4 – “A Psicopolítica pode mudar as convicções de qualquer indivíduo. Depois de certos tratamentos nas mãos do psicopolítico, é possível alterar, para sempre, a lealdade de um militar ou o patriotismo de um estadista ou, do contrário, destruir sua mente”. LAURENTI BÉRIA – “Psicopolítica”

5-“O proletariado não pode lograr a vitória completa, sem conquistar a plena liberdade da mulher”. LENINE (Citado pela revista cubana “BOHEMIA”, n°11, de 16 Mar 73)

6 - “A arte e a literatura situam-se entre as armas mais poderosas para inculcar, nas massas, os pontos-de-vista comunistas e a revolução democrática popular”. CHOU YANG – “A Prática do Pensamento de Mao Tsé-Tung na Arte e na Literatura ■ Chinesas” - 12 Mai 51

Fonte: Transcrição por Mário Jorge Pereira da Mata

Esta formação discursiva de esquerda reconstituída pelos *Sumários* é composta por sentidos que se coadunam e produzem o efeito de personificação: o “ser comunista”. A formação discursiva comunista apontada nos documentos é representada pelo radicalismo (item 1); pela violência (item 2); pelo ateísmo (item 3); pela conspiração (item 4); pela luta em favor das minorias (item 5) e pela usurpação dos bens culturais para promover subversão (item 6). Vê-se uma diversidade de expressões a serviço da imagem do que se quer formular. Palavras que remetem a agressividade; ao passo que seus sentidos sugerem os comunistas como inescrupulosos na luta pelos seus ideais.

Após 44 anos, influenciadores digitais produzem vídeos, apresentando uma aproximação discursiva/ideológica com os *Sumários* elaborados pelo SNI. Para efeito de análise, elenca-se abaixo, os enunciados de 4(quatro)*youtubers* sobre a exposição *Queermuseu: cartografias da diferença na arte brasileira*. Os vídeos veiculados aos canais do *YouTube* Rua Direita³⁰, Mamãe Falei³¹, Paula Marisa³² e Athos Henrique³³ são quatro dentre vários outros que cobriram o assunto. Originalmente aberta no dia 15 de agosto de 2017, no Santander Cultural, na capital gaúcha, o evento ficaria em cartaz até 8 de outubro. A mostra, com curadoria de Gaudêncio Fidelis³⁴, reunia 270 trabalhos de 85 artistas que abordavam a temática LGBT, questões de gênero e de diversidade sexual (Cf. Figura 3).

³⁰ Cf. informa disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kNpVC1xxbMo>>. Acesso em: 15 set. 2020.

³¹ Cf. informa disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FiSNvXJYmP4>>. Acesso em: 15 set. 2020.

³² Cf. informa disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dL-FhdVcC5w>>. Acesso em: 15 set. 2020.

³³ Cf. informa disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3oIr4VmVACA>>. Acesso em: 15 set. 2020.

³⁴ Gaudêncio Fidelis, curador do Queer Museu denuncia oportunismo de políticos reacionários e afirma ter sofrido centenas de ameaça de morte por conta da repercussão da mostra. Disponível em: <<https://www.ocafezinho.com/2017/11/13/curador-do-queer-museu-denuncia-oportunismo-de-politicos-reacionarios/>>. Acesso em: 15 set. 2020.

Figura 3: Exposição *Queermuseu* no Santander Cultural em Porto Alegre (RS) Reprodução/Facebook, 2017



Fonte: Reprodução digital por Mario da Mata

Contudo, a exposição acabou sendo fechada às pressas quase um mês antes do previsto – dois dias depois do início de protestos nas redes sociais. *Queermuseu* foi cercada de polêmica após responder a fortes críticas de grupos que viram nas obras blasfêmia e apologia à pedofilia, à zoofilia. Um mês depois, inclusive, o evento, também foi vetado pelo prefeito e pelo pastor evangélico Marcelo Crivella do Rio de Janeiro. Esses gestos de censura, geralmente, são chancelados por discursos de censura como os expressos no quadro abaixo:

Quadro 3: Trechos transcritos de vídeos de *youtubers* ultradireitistas brasileiros

- A- A esquerda quer destruir religião, língua e alta cultura que são os pilares da civilização da ocidental (Rua Direita)
- B- Os socialistas desejam que nós vejamos a civilização como algo feio, algo decadente, algo sórdido, para que a gente passe a querer sempre algo novo. Assim, nós mesmos, passaremos a ser o motor do movimento revolucionário. (Rua Direita)
- C- O que arte tem a ver com política? Tem muito, meu amigo, você não imagina quanto. Qualquer civilização que existe apoia-se em três pilares: religião, língua e alta cultura. E o que é que a esquerda percebeu desde a fundação da escola de Frankfurt? É que para se destruir a civilização ocidental que na opinião deles é, iminentemente, burguesa, é preciso destruir estes três pilares [...](Rua Direita)
- D- A exposição faz parte, claramente, uma agenda autoritária de esquerda, com pessoas que querem, de maneira autoritária, empurrar isso goela abaixo, não só para pessoas adultas como nós, mas para crianças e para jovens. (Mamãe Falei)
- E- Eles estão sim querendo promover essas coisas todas. É o passo seguinte da ideologia de gênero [...] como eles fazem para manipular a opinião pública no sentido que eles querem, no

caso é a liberação da zoofilia, da pedofilia, casamento entre várias pessoas e é o que a gente está vendo cada vez mais. (Paula Marisa)

F- Eles estão dispostos a caçar a liberdade de expressão de todo mundo que fale alguma coisa que vá contra o que eles têm por correto, legal, por aceitável. (Adson Henrique)

Fonte: Transcrição por Mário Jorge Pereira da Mata

No período pré-eleitoral de 2018 houve uma proliferação de canais ultradireitistas no *Youtube*, bem como constatou-se o surgimento de *sites* e organizações conservadores que promoviam palestras, congressos, patrocinados por pessoas comuns e por empresas.

Figura 4: À esquerda, Canal conservador do *YouTube* Rua Direita; à direita, divulgação de palestra do *youtuber* Arthur Vidal



Fonte: Canal conservador do *YouTube* Rua Direita; divulgação de palestra no canal do *youtuber* Arthur Vidal

Semelhantes ao discurso dos *Sumários*, nos audiovisuais, pode-se destacar o ateísmo em A; a conspiração B; a desvirtuação da cultura em C; o extremismo em D; a predileção por causas em defesa de minorias em E e a violência em F.

Para uma melhor leitura, são colocados justapostos enunciados dos dois eventos citados acima:

Quadro 4: Comparação dos enunciados

Discurso conservador dos <i>Sumários</i>	Discurso conservador dos <i>Youtubers</i>
“A Religião e o comunismo não podem coexistir ”. LENINE	A esquerda quer destruir religião, língua e alta cultura que são os pilares da civilização da ocidental.(André Paschoal - Rua direita)

<p>- "A arte e a literatura situam-se entre as armas mais poderosas para inculcar, nas massas, os pontos-de-vista comunistas e a revolução democrática popular". CHOU YANG - "A Prática do Pensamento de Mao Tsé-Tung na Arte e na Literatura ■ Chinesas " - 12 Mai 5.</p>	<p>O que arte tem a ver com política? Tem muito, meu amigo, você não imagina quanto. Qualquer civilização que existe apoia-se em três pilares: religião, língua e alta cultura. E o que é que a esquerda percebeu desde a fundação da escola de Frankfurt? É que para se destruira civilização ocidental que na opinião deles é, iminentemente, burguesa, é preciso destruir estes três pilares [...] (André Paschoal - Rua Direita)</p>
<p>"A Psicopolítica podemudar as convicções de qualquer indivíduo. Depois de certos tratamentos nas mãos do psicopolítico, é possível alterar, para sempre, a lealdade de um militar ou o patriotismo de um estadista ou, do contrário, destruir sua mente". LAURENTI BÉRIA – “Psicopolítica”</p>	<p>Os socialistas desejam que nós vejamos a civilização como algo feio, algo decadente, algo sórdido, para que a gente passe a querer sempre algo novo. Assim nós mesmos passaremos a ser motor do movimento revolucionário. (André Paschoal - Rua Direita)</p>
<p>"Nenhuma ditadura poderá ser estabelecida e mantida sem o emprego direto da força". "BANDEIRA VERMELHA", DE PEQUIM, 12 NOV 66.</p>	<p>A exposição faz parte, claramente, uma agenda autoritária de esquerda, com pessoas que querem, de maneira autoritária, empurrar isso goela abaixo, não só para pessoas adultas como nós, mas para crianças e para jovens. (Mamãe Falei)</p>

Fonte: transcrição por Mário da Mata

Compreende-se que, por meio da construção do paralelo acima, podem-se fazer, segundo Orlandi (2005), gestos de leitura. Percebe-se que há a retomada de sentidos a partir de enunciados distintos, constituindo uma formação discursiva (FD), associada, supostamente, ao sujeito discursivo filiado à ideologia comunista. Edifica-se a voz do *Outro* a partir de ilações de enunciadorescujos discursos são filiados à direita brasileira: SNI e *youtubers*. São atribuídos a esse ser “comunista/esquerda” formas de pensar e de agir, produzindo uma arquitetura discursiva, de acordo com a criação e do fortalecimento de estereótipos.

Na primeira comparação, a partir de uma perspectiva cristã, é retomado o sentido de acusação de que o comunismo/esquerda tem como característica o ateísmo. *A Religião e o comunismo não podemcoexistir; A esquerda quer destruir religião*. Verbos associados a advérbios de sentido negativo ou sugerindo violência, estabelecem a oposição entre religião e comunismo. Em seguida, tem-se a acusação mais recorrente nos arquivos apreciados: a de que

a esquerda se apropria dos meios culturais e da educação, utilizando-os como *arma* a fim de promover uma revolução. Dessa forma, promoveria a subversão de crianças e de adolescentes, corrompendo-os moralmente, planejando formas de conduzi-los a um pensamento socialista. *A arte e a literatura situam-se entre as armas*; [a arte de esquerda a serviço para] **destruir a civilização ocidental**. Opta-se por figuras de linguagem e por verbos que conduzem o leitor a um cenário bélico e hiperbolizado. A análise também permite inferir que os esquerdistas são um grupo inescrupuloso cujo objetivo é fazer prevalecer seus ideais e obter o controle político. *A Psicopolítica podem mudar as convicções; nós mesmos passaremos a ser o motor do movimento revolucionário*. Sugere-se, por meio dos verbos, que, de maneira obscura, os comunistas *podem alterar* a forma de pensar da sociedade. Por fim, a reunião dessas características, aponta, por meio de vocabulário específico, para uma tendência de agressividade. **Emprego direto da força; agenda autoritária.**

Pode-se observar que os sentidos dos enunciados se complementam e se mantêm em regularidade, mesmo com lapso de décadas. A violência, seja ela física ou psicológica, é atribuída às ações dos comunistas, sendo este o fio condutor que justificaria as atitudes arbitrarias como a censura, os “desaparecimentos” e os assassinatos promovidos pela Ditadura Militar no Brasil. O discurso de conotação bélica é materializado a partir de verbos ou de locuções verbais negativas, metáforas e expressões que nos remetem a um conflito no qual a força e a imposição são naturalizadas. O leitor, desse modo, se vê inserindo no contexto em que o uso da violência é legitimado.

A lexicalização é um importante instrumento de análise por conta da riqueza de significações das palavras e sua relação com a ideologia. Pode-se apreender que os significados das palavras e a lexicalização de significados não são construções individuais, são variáveis socialmente construídas e socialmente contestadas, são facetas de processos sociais e culturais mais amplos. Para Ducrot (1987) é interessante a possibilidade de que possui a fala de se referir ao próprio acontecimento, possibilidade que se faz aparecer indiretamente quando se interpreta um enunciado. A escolha de uma palavra e não outra, produz modos diferentes de dizer com suas respectivas significações. Nesse sentido, a preferência dos *youtubers* por retomar e (re)significar termos de conotação agressiva, permite transformar as eleições em cenário de guerra e apontar os esquerdistas, seus principais opositores políticos, como inimigos do Brasil.

Para forjar o discurso cujo sentido é de traçar o perfil de comunistas, outro recurso linguístico é materializado nos textos: o discurso relatado, que se define como o ato de

enunciação por meio do qual um locutor relata o que foi dito por outro locutor, dirigindo-se a um interlocutor que, como lembra Charaudeau (2006), não é, em princípio, o de origem. Assim, o discurso relatado configura-se como resultado do encaixamento de um dito no outro e de uma sobreposição de locutores e de interlocutores, ora explicitados, ora apagados. As diferentes pessoas gramaticais, manifestadas nos dizeres apresentados, assim como o uso de aspas, por sua vez, também influenciam na leitura dos enunciados, intervindo na produção de sentidos. Percebem-se, nos enunciados extraídos do *Sumário*, vários enunciados atribuídos aos comunistas e com a participação implícita de um co-enunciador: o Serviço Nacional de Informação. Dessa forma, o interlocutor lê assupostas vozes do comunismo a partir do discurso relatado, marcadas pelas citações, que possuem, como principal característica gramatical, o uso das aspas, assim como o discurso direto (DD). Também por essa razão o DD e as citações possuem efeitos discursivos similares e serão entendidos como equivalentes ao longo da análise.

Nos *Sumários* (1ª coluna), sempre há a ocorrência do discurso direto/citações marcado pelo uso de aspas, o que produz o efeito de eximir o co-enunciador de qualquer responsabilidade do que é dito e o afasta desses enunciados, muito embora Maingueneau (2005) faça uma advertência:

Como a situação de enunciação é reconstruída pelo sujeito que relata, é essa descrição necessariamente subjetiva que condiciona a interpretação do discurso citado. O DD não pode, então, ser objetivo: por mais que seja fiel, o discurso direto é sempre apenas um fragmento de texto submetido ao enunciador do discurso citante, que dispõe de múltiplos meios para lhe dar o enfoque pessoal (MAINGUENEAU, 2005, p.141).

Nos *Sumários*, portanto, verifica-se que o uso do discurso direto/citações produz dois efeitos: o primeiro indica que as palavras relatadas são aquelas realmente proferidas, sugerindo fidelidade e veracidade; já o segundo promove o afastamento dos enunciados referentes ao comunismo. O gesto de se distanciar desses enunciados se explica, uma vez que o co-enunciador não adere ao que é dito e não quer misturar esse dito com aquilo que ele, efetivamente, entende como outra filiação ideológica, ou seja, o discurso localizado à direita política com características conservadoras e liberais. Sem esquecer que esse conjunto de citações é, apenas, um recorte produzido pelo SNI, com inclinações políticas que visavam marginalizar grupos progressistas e sua ideologia socialista. Ademais, são enunciados apresentados sem contexto, compiladas a fim de produzir um perfil, predominantemente, negativo dos comunistas.

O DD é tido como um discurso cuja utilização demonstra objetividade, neutralidade e fidelidade à palavra do outro. Contudo, alguns aspectos no registro do DD nos arquivos precisam ser levados em consideração, já que eles também são determinantes na constituição de sentidos. O primeiro deles é compreender que há extração das sentenças de seus respectivos contextos. O segundo consiste em se atentar para sentidos discursivos que se pretende formular, uma vez que essas citações foram escolhidas em detrimento de outras. Desse modo, avalia-se, negativamente, não só os enunciados, como também suas fontes. Autores como Lenine, Mao Tsé-Tung, são lidos superficialmente e símbolos associados ao comunismo, veiculados com informações questionáveis.

Já os *youtubers* constituem a voz dos esquerdistas através de outra representação do discurso relatado ao optarem pelo uso de sujeitos gramaticais e de verbos em 3ª pessoa, mesmo inserido em uma narrativa na qual há uma alternância no uso da pessoal gramatical entre a 1ª e 3ª pessoa, lançando mão da oralidade como recurso estilístico.

- *A esquerda quer destruir religião [...];*
- [...] *a esquerda percebeu* desde a fundação da escola de Frankfurt? É que para se *destruir* a civilização ocidental que na opinião deles é, iminentemente, burguesa, é preciso destruir estes três pilares;
- *Os socialistas desejam* que nós vejamos a civilização como algo feio [...]
- [...] com *pessoas* que *querem*, de maneira autoritária, empurrar isso goela abaixo [...]

Vê-se, nos excertos acima, a predominância do discurso indireto, ou seja, há o uso de outra alternativa para que esses sentidos também se distanciem dos enunciados produzidos, criando, assim, uma leve ruptura com a responsabilidade do que é enunciado. Observa-se a recorrência dos verbos ou conjunto verbal que expressam algum tipo de desejo, com marcas gramaticais de 3ª pessoa, de acordo com as expressões em itálico acima. Os recursos do discurso direto, como citações, e do discurso indireto, portanto, foram estratégias linguísticas, a fim de produzir efeitos discursivos específicos. Essa prática discursiva chama atenção para que o leitor/analista investigue, nos textos, quais vozes são representadas em discurso direto ou indireto e quais são as consequências disso para a valorização ou depreciação do que foi dito e daqueles(as) sujeitos que o enunciaram (os discursos relatados no texto).

4.3 DISCURSO OFICIAL E *YOUTUBERS* BRASILEIROS: INTERDISCURSOS DA IDEOLOGIA CONSERVADORA

Após a identificação da Formação Discursiva (FD) comunista e como ela se constitui a partir do discurso relatado, a pesquisa estabelece como próximo passo descortinar a ideologia conservadora e compreender como ela se manifesta tanto nos arquivos do SNI, bem como no arquivo digital composto por vídeos de *youtubers*.

Explica-se tal fenômeno por meio do interdiscurso e sua relação com as FDs. Para Pêcheux (2014) e Orlandi (2005), as FDs podem ser vistas como regionalizações do interdiscurso, especificidades dos discursos em suas relações. Elas são constituídas de elementos externos, vindos de outras formações discursivas. Nesse sentido, o espaço de uma FD é atravessado por um pré-construído, ou seja, por discursos oriundos de outro lugar. O interdiscurso disponibiliza dizeres, determinados pelo já-dito, aquilo que se constituiu em formação discursiva. Em outras palavras, de acordo com Foucault (2014), o novo não está no que é dito, mas sim no acontecimento a sua volta.

É nesse sentido que Maingueneau (1997), afirmou o primado do interdiscurso sobre o discurso: ao considerar que uma formação discursiva não pode ser compreendida como um bloco compacto e fechado, mas que ela é definida a partir de uma incessante relação com o *outro*. Para ele, a unidade de análise pertinente não é o discurso, mas um espaço de trocas entre vários discursos. Os diversos discursos que atravessam uma FD não se constituem independentemente uns dos outros para serem, em seguida, postos em relação, mas se formam de maneira regulada no interior de um interdiscurso. Será a relação interdiscursiva, pois, que estruturará a identidade das FDs em questão.

Ao estabelecer que o discurso se manifesta enquanto memória, o que, para Michel Pêcheux (2014) equivale a dizer como pré-construído, o autor ainda acrescenta que tais discursos estão em toda parte. São representados pelos textos religiosos, pelos jurídicos e pelos textos com conteúdo político como os que se trabalham na pesquisa. São reflexões, portanto, que permitem a Pêcheux pensar e apreender o interdiscurso, conceito fundamental de sua construção teórica (MALDIDIER, 2013). Conceito que junto a outros, também fundamentais para ADLF, serve de base para as correlações feitas a seguir.

A primeira delas se apresenta neste capítulo. É extraída da análise de parte de um dos *Sumários do Comunismo Internacional* do SNI, referente a junho de 1971, ao passo que é

explorada a publicação do atual *youtuber* Kim Kataguiiri do MBL³⁵ (Movimento Brasil Livre), grupo que se autodeclara adepto do pensamento conservador da nova direita brasileira. Esse paralelo torna-se imprescindível, pois, a partir dele, é possível analisar a aproximação ideológica entre em ambos os registros. Em seu respectivo canal, é analisado o vídeo³⁶ em que o *youtuber* discorre sobre o processo de proibição da performance *La Bête* no MASP (Museu de Arte de São Paulo). A performance é inspirada na série de esculturas *Bichos* de Lygia Clark, desenvolvida nos anos 1960 e feita a partir de chapas metálicas que devem ser manipuladas e manuseadas pelos espectadores para então se metamorfosearem em diferentes formas, ou “bichos”. Nessa performance, Wagner Schwartz³⁷ se apresenta nu junto de uma réplica plástica de uma destas esculturas que “[...]permite a articulação das diferentes partes do seu corpo através de suas dobradiças”, segundo o próprio site do artista. Por meio desse trabalho, o artista se transforma numa escultura performática, que, assim como as esculturas, requer a interação do público e dos espectadores para tomar vida.

A polêmica em torno da exposição resultou de vídeos e fotografias registrados na exibição. Em um dos episódios, uma menina, aproximadamente de cinco anos, aparece interagindo com o artista despido. A partir disto, acusações de pedofilia, intimidação e inadequação rondaram as redes sociais, apontando a instituição e o artista como agressores. O que poderia ser ressaltado, contudo, é que toda imagem, obra ou performance, necessariamente, precisa ser vista diante do contexto em que se insere. A performance é composta por um homem nu, mas um homem que, neste contexto, não deve ser visto nem entendido como figura viril de cunho erótico, e sim como o próprio ‘bicho’, relacionado às esculturas de Lygia Clark. Wagner Schwartz, então, emprestando seu corpo como meio artístico a ser trabalhado por aqueles que assistem e escolhem participar de sua performance.

Kim Kataguiiri do MBL, de outro modo, realiza uma interpretação oposta à do artista, em vídeo produzido sobre o assunto e postado no site do movimento e no canal do *YouTube*. Vê-se, no audiovisual, traços da ideologia conservadora, em evidência a partir de 2016. Esse conservadorismo se manifesta por meio de duas formações discursivas, nos dois registros, que atuam de formas distintas, porém complementares: a primeira aventa depreciar as produções

³⁵Movimento Brasil Livre (MBL) é um grupo de direita liberal. Apresenta como principais propostas: a redução de impostos das escolas privadas; abertura de mercado hospitalar a empresas estrangeiras; desburocratização da economia com redução de impostos e privatizações. Disponível em: <<https://mbl.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2017/05/propostas-mbl.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2020.

³⁶Cf. informação disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9MIGAO2ILv8>>. Acesso em: 10 ago. 2020.

³⁷O coreógrafo conseguiu eliminar que suspendeu condução coercitiva do artista perante CPI dos Maus-Tratos do Senado. A intimação se deu por conta da performance *La Bête* no MASP (Museu de Arte de São Paulo).

artísticas, muitas vezes, determinando o que é arte ou arte de qualidade; a segunda, por sua vez, sugere identificar, nessas mesmas manifestações culturais e, principalmente, no comportamento de quem as produzem, a obscenidade, o condenável, o censurável. Os discursos analisados correspondem a uma parte do Sumário do Comunismo Internacional, datado de junho de 1971; em seguida, são transcritos trechos de um vídeo do *youtuber* Kim Kataguirí (hoje Deputado Federal pelo Estado de São Paulo) anterior ao período das eleições presidenciais de 2018. Para melhor visualização, destaca-se em **negrito** a FD desqualificadora; e, em *itálico*, a FD moralista.

Os *Sumários* possuem itens separados por temas e subtemas devidamente numerados. Este trabalho reproduziu a numeração original, bem como seu respectivo título, conforme demonstrado no quadro 5, a seguir.

Quadro 5: Trechos do *Sumário do Comunismo Internacional*

1.8 A canção de protesto como instrumento subversivo(1) - A orientação vem de Cuba “O centro da canção de protesto”

* Para escrever-se uma **canção de protesto, dessas que agora estão tão em voga**, é necessário escolher umas **palavras como fome, luta, flor, pão, guerra, perseguição, negros, Vietnam, etc, misturá-las bem, colocá-las numa música o menos harmônica possível e cantá-la sentado no chão, descalço e com cara de angústia e sofrimento.**

[...]Com efeito, funciona em Cuba, desde o ano de 1967, um Centro da Canção de Protesto, que publica regularmente uma revista, intitulada precisamente de "Canción Protesta", **verdadero manual do cancionero de barricada mundialeporta-voz das diretivas emanadas de uma central de subversão.**

(2) **Geraldo Vandré, em "Pra não dizer que não falei de flores"**,apresentada no Festival Internacional da Canção de 1963, no Rio de Janeiro, **apreendeu bem a lição dos seus tutores cubanos.**

c. O cinema como veículo da ideologia - VII FESTIVAL INTERNACIONAL DO FILME EM MOSCOU

Observações do apêndice:

(1) Nada do que os comunistas façam esta desvinculado da ideologia. Assim, esportes, cultura, arte, tudo serve de meio para propagar a mensagem comunistas. A imprensa, o rádio, a literatura, a pintura, a música, o cinema, o teatro são poderosas armas ideológicas.

(2) Entre elas, certamente, a "*nouvelle vague*" francesa e o "*cinema novo*" do Brasil e toda **apletorade** obras pornográficas e de contestação que **invadem** a cinematografia mundial, numa surda e continuada tentativa de, através da imagem fartamente difundida, destruíros valores morais dos povos.

1) Educação Sexual e Homossexualidade - As Duas Faces da "Moral Castrista".

Os comunistas **costumam apontara** nossa sociedade como "permissiva" e disso **se aproveitam** para **instilaro veneno da amoralidade, da imoralidade e da pornografia nos meios de comunicações de massa do Ocidente.**

À guisa de defender a "liberdade de criação" ou a "liberdade cultural", **investem** contra toda a espécie de censura em nossos países, eles e seus fiéis seguidores que se apresentam sob variados matizes, **apodando** os defensores oficiais dos costumes de "terroristas culturais".

É do dia a dia. A nossa sociedade ainda não despertou para os *terríveis malefícios morais*, para o processo *deseducativo em massa* que, normalmente, tem exercido o teatro, o cinema, a televisão, os jornais e as revistas no Ocidente. Deixamo-nos ficar inertes e anestesiados, diante da *avalanche corrompedora* que entra pelos lares adentro. Exemplos mais gritante desse estado de coisas dão testemunho o Norte da Europa e os EEUU, com seus "*pornô-shows*", "*pornô-shops*", "*gay-Power*" etc., pondo a mostra *perversões chocantes, que degradam o ser humano*, em franca exportação para os povos do Ocidente, numa campanha muito bem organizada, em que sobressaem os fins ideológicos.

Fonte: transcrição por Mário da Mata

Embora distante por décadas da Ditadura Brasileira e de seu discurso ultraconservador, a contemporaneidade convive com sentidos reacionários recuperados e (re)significados que denotam intercessões entre esses dois períodos. Esse contexto interdiscursivo é verificado quando FD's que se (re)produzem em ambos os dizeres, materializando efeitos de sentido reacionários, porém são sentidos inseridos em contextos históricos específicos como demonstra o próximo quadro:

Quadro 6: Trechos do vídeo de Kim Kataguirí

“Exposição **ridículo** num museu de arte moderna, **que pode até ser** museu, **pode até ser** moderno, **mas que de arte não tem absolutamente nada. Trata-se, basicamente, de uma criança tocando num homem pelado. E chamam isso de arte**”.

“Bom senso de você não utilizar dinheiro público para *atentar contra a dignidade das crianças, para atentar contra a dignidade das famílias, para atentar contra a dignidade dos valores da sociedade brasileira*”.

“Eu não sei qual é a *taraque* essa gente *tem por criança*. Já teve aquela história do *Queermuseu*, em Porto Alegre, em que as *crianças* foram expostas a um vídeo de *homem recebendo ejaculação na carae agora crianças tocando um homem*. Por que fazer isso com criança?”

“Mas agora, prá que? Por quê? *Qual a agenda que está por trás disso? E por que nós somos os malucos, somos os fascistas, somos os nazistas, quando nós repudiamos isso que, evidentemente, é um atentado, é um crime contra as crianças, contra a sociedade, contra nossos valores?*”.

Fonte: transcrição por Mário da Mata

O limite entre as formações discursivas é muito tênue, embora os vocábulos que versam sobre moralidade sejam mais recorrentes. Isso se explica, uma vez que os sentidos são complementares e há semelhanças nos seus efeitos; contudo há distinções significativas na estrutura das formulações dos enunciados. A seu modo, o SNI compõe um texto cujo título é constituído por premissas que levam a crer que o regime cubano é subversivo. **A canção de protesto como instrumento subversivo(I) – A orientação vem de Cuba “O centro da canção de protesto”**. Se Cuba é o centro da canção de protesto e esse tipo de canção é instrumento subversivo, logo Cuba é um país subversivo. A adjetivação pode soar estranha, mas se explica, uma vez que em Cuba, no período em questão, Fidel Castro já atuava como primeiro-ministro e mantinha uma efetiva aproximação com a então União Soviética – república de países cujo sistema de governo era o comunismo/socialismo. A palavra subversivo, desse modo, é (re)significada. Os dicionários a definem a partir da ideia daquele que prega ou executa atos visando à transformação ou derrubada da ordem estabelecida, o revolucionário. A expressão subversivo – para o sujeito discursivo SNI, inserido no contexto de Guerra Fria e de Ditadura Militar no Brasil – é palavra com sentido aproximado de comunismo e suas derivações. Desse modo, escabele-se outra analogia: se a música de protesto é subversiva, logo esse tipo de música tem valor pejorativo, pois representaria valores e ideologia comunistas.

Outro sentido atuante no texto é de que a referida canção de protesto tem caráter, meramente, panfletário. A expressão *dessas que agora estão tão em voga* revela que para o SNI a canção de protesto é algo passageiro, que está na moda. A moda em questão é de apresentar ou representar para público a presença da pobreza, da fome, da guerra etc.

Compreende-se, assim, que o vitimismo, para o órgão de inteligência, consiste na principal característica dessa manifestação artística, conforme sugere o trecho *cantá-la sentado no chão, descalço e com cara de angustia e sofrimento*. E Geraldo Vandré, em *Pra não dizer que não falei de flores*, foi indicado como uma explicação pertinente desse processo, uma vez que tinha apreendido *bem a lição dos seus tutores cubanos* e que tinha se tornado um ícone do *cancioneiro de barricada mundial*.

A formação discursiva desqualificadora, nos dois registros, manifesta-se também através de palavras com sentido pejorativo, para depreciar as produções culturais, consideradas pelo SNI e pelo *youtuber*, de autoria comunista. Produzindo sentidos pejorativos, referindo-se às produções artísticas supostamente progressistas, percebe-se que os sujeitos discursivos SNI e Kim Kataguiri recorrem ao uso de palavras e de enunciados que remetem o leitor, por meio de caminhos interdiscursivos, para significações negativas. Contudo, a ADLF procura ir além do que se diz, do que está na superfície das evidências. Um modo de chegar a esta interpretação é, segundo Orlandi (2006), fazer paráfrases das frases e produzir outros efeitos de sentidos. O tom bélico, por exemplo, a fim de constituir o comunismo como oponente, revela-se a partir das expressões em negrito (lista-se a seguir), que, postas ao lado de outras, remetem o leitor a outro campo de significação.

- **pletora** de obras – *grande número* de obras
- **que invadem** a cinematografia mundial- que *ocupam* cinematografia mundial
- numa **surda** e continuada tentativa de – *discreta* e continuada tentativa de
- **destruir** os valores morais – *modificar* os valores morais
- **se aproveitam** para **instilar** o veneno da amoralidade – *se valem* para *disseminar* o veneno da amoralidade
- **investem** contra toda a espécie de censura – *acometem* contra toda a espécie de censura
- **apodando** os defensores oficiais – *qualificando* os defensores oficiais

A análise dos fragmentos listados acima se propôs a sugerir palavras (em itálico) com sentido próximo das que foram destacadas em negrito. Vê-se, a partir de então, que ao invés das expressões utilizadas, poderiam ser inscritas outras que produziriam outros efeitos de sentido. De outro modo, ao compreender o conjunto de enunciados, chama atenção a tentativa de caracterizar os comunistas como pessoas oportunistas e dissimuladas. Constrói-se, no *Sumário*, uma trama discursiva na qual os subversivos com sua **pletora** de obras **invadem**

cinematografia mundial, de forma **surda**, para depois **destruir** uma sociedade, **aproveitando-se** para **instalar** os valores dos quais compartilham os socialistas.

Kim Kataguirí, então, após quatro décadas, retoma o sentido de desqualificação, aderindo à formação discursiva filiada à ideologia conservadora/liberal que se opõe ao comunismo. Para isso, o *youtuber*, deprecia a performance *La Bête* no MASP, adjetivando-a de *ridícula* formulando a sentença “*de arte não tem absolutamente nada*”. Além disso, levanta a dúvida da qualidade da exposição, através do uso reiterado da expressão “*pode até ser*”, adotando juízo construído a partir de supostos valores morais, uma vez que Kim Kataguirí declara que o evento “*Trata-se, basicamente, de uma criança tocando num homem pelado*”, o que significa reduzir toda mostra a um único ato, além de retirá-lo do contexto da exposição.

A formação discursiva inclinada para pretensa defesa dos valores morais se materializa de forma mais semelhante nos dois registros. Ambos apresentam enunciados que sugerem o ataque dos comunistas à moral e aos bons costumes e suas consequências. O *Sumário* apresenta sentenças como: *os terríveis malefícios morais; processo deseducativo em massa; avalanche corrompedora; perversões chocantes; degradam o ser humano*. O vídeo, a seu modo, compartilha o discurso conservador quando formula que há um *atentado à dignidade das crianças; à dignidade das famílias; os valores da sociedade brasileira*.

Ademais, no vídeo do *youtuber*, há a acusação de essas produções artísticas serem orquestradas ou partidarizadas quando se questiona “*Qual a agenda que está por trás disso?*”. A palavra agenda sugere, primeiramente, o planejamento de ataques aos valores morais da sociedade. Ainda assim, seu emprego dentro do cenário político, do qual Kim Kataguirí faz parte, indica prioridade, destaque. Essa prática, tão disseminada no dizer do *youtuber*, foi reiterada no período próximo às eleições de 2018 e auxiliou o, então, Deputado Jair Bolsonaro não somente a alçar à Presidência, como também ajudou vários outros políticos conservadores a obterem êxito em suas respectivas candidaturas. Exemplos como a caracterização da cartilha de educação sexual do Ministério da Educação como “*kit gay*”, a denúncia de uma suposta “*ditadura gay*”, além do patrulhamento de exposições de arte denunciadas por provocar a “*sensualização precoce de crianças*” e o “*crime de pedofilia*”, foram recorrentes.

Lê-se também a necessidade da demarcação de espaço ideológico e político, no sentido partidário, por conta de essas palavras serem inscritas dentro do contexto eleitoral no qual o audiovisual foi produzido. O esforço de polarizar as filiações ideológicas/partidárias se manifesta em sentenças nas quais o enunciador antecipa o dizer do outro: “*E por que nós*

somos os malucos, somos os fascistas, somos os nazistas, quando nós repudiamos isso que, evidentemente, é um atentado, é um crime contra as crianças, contra a sociedade, contra nossos valores”. O *youtuber* revela que há um discurso de outra filiação ideológica que rechaça os comentários conservadores tecidos à referida exposição. Polarização já analisada nos registros do SNI, quando o setor de inteligência toma os comunistas como inimigo a partir de diferentes efeitos discursivos. Contudo, a figura do inimigo, no vídeo, sofre um alargamento que contempla todo campo progressista. Constrói-se o simbolismo de que as esquerdas seriam uma categoria polissêmica que abrange ativistas pelos direitos humanos, artistas, professores, sindicalistas e manifestantes.

A distinção das FDS não comprometeu a produção de sentidos conservadores. Muito pelo contrário, propiciou um efeito discursivo de complementação. Um conservadorismo combativo, que revela sua força ideológica através dessa completude. E o estudo do discurso explicita, assim, a maneira como a linguagem e a ideologia se articulam em sua relação recíproca (ORLANDI, 2005).

Vale ressaltar que os dois registros interpretados fazem parte de um extenso conjunto de outros registros de mesma filiação ideológica. Embora, isoladamente, as materialidades discursivas já deem pistas da recuperação de sentidos conservadores por meio do interdiscurso, contudo não se pode negligenciar o arquivo no qual estes documentos estão inseridos. Cada um à sua época e com suas especificidades, os discursos denotam a predileção por temas como sexualidade, religião, constituição familiar, hábitos e ações aprovados ou desaprovados socialmente. Essa característica revela uma dimensão sobre a emergência do conservadorismo brasileiro: sua íntima relação com uma política moral e sexual. Uma ilustração é o combate à *ideologia de gênero*, expressão pejorativa que procura designar um conjunto de ideias que naturalizam comportamentos e identidades supostamente desviantes. Dessa forma, qualquer estudo sobre gênero e sexualidade que questione a heteronormatividade e as desigualdades já é deslegitimado como ideológico.

Quase todos os *Sumários* – majoritariamente políticos – contém uma seção reservada para temas que podem ser discutidos numa perspectiva moralista; e os *youtubers* brasileiros, por sua vez, próximo ao período pré-eleitoral, reproduziram o mesmo recurso discursivo e prática social, selecionando assuntos específicos, reconstituindo a pauta conservadora do período militar. Essa prática termina por revelar a característica temática da Formação Discursiva, como explicita Maingueneau (2005): uma forma de organizar o discurso é a partir de um tema ou de um assunto. Potencializa-se, assim, a negação das diferenças políticas e

moraliza-se o debate público, apresentando os adversários como inimigos não só de ordem política, mas também de ordem moral e religiosa, como explica Sarlo(1997),ao tratar da política da inimizade.

O outro é o negativo absoluto, o mal, aquele que ameaça minha existência e, portanto, deve ser exterminado. Obviamente se trata de apelo contínuo ao medo e de manipulação dos efeitos negativos como instrumento político. Nesse sentido, para atacar o campo progressista e acadêmico, vale todo tipo de investida, mas preferivelmente as morais, como apresentar esses atores como aqueles que negam a possibilidade da família tradicional cristã (questões envolvendo sexualidade e frequentemente sexualidade infantil, foram eficazes). A história nos ensina como é efetiva em muitos momentos a instrumentalização das repressões e dos medos sexuais (SARLO, 1997, p.317-318).

Dessa forma, nos vídeos, as práticas consideradas reprováveis são relacionadas à esquerda política brasileira, principalmente ao Partido dos Trabalhadores (PT), elegendo-os como os remanescentes da subversão do período da ditadura de 1964. Nesse sentido, a escolha por esses temas não é aleatória. Assim, de forma análoga, a escolha das palavras, a seleção de uma temática e não outra, o reforço por meio da repetição, tudo isto para se atribuir ao discurso determinado sentido, um sentido de homogeneização, de prevalência. No Brasil, próximo às eleições, revela-se uma sociedade que de repente tornou-se, excessivamente, vigilante com o comportamento dos cidadãos e censora de produção dos movimentos culturais, com esforço de homogeneizar a ideologia conservadora em todos os espaços, sobretudo, no virtual, disseminando a cultura do ódio e da intolerância.

A partir da análise apresentada, percebe-se que o conservadorismo, sobretudo o brasileiro, pode se constituir em um problema social. A falta de razoabilidade de suas propostas, o negacionismo frente às evidências científicas e, por fim, o desrespeito aos avanços sociais na área dos direitos humanos configura um quadro no qual as diferentes desigualdades tendem a se manter. No Brasil, o conservadorismo adere a concepções liberais e, no tocante a economia e a área social, apresenta uma crítica à ciência, chegando, por vezes, a negá-la. Nele há um conflito de opiniões pela rejeição ao aborto, uma ênfase na concepção de família como instituição formada exclusivamente por homem e mulher, além da rejeição ao Estado de bem-estar social.

Ao acusar o PT por uma suposta decadência moral, que levava o país a uma falência econômica, moral e política, observa-se que esses mesmos sentidos são os utilizados para justificar o golpe de 1964 contra João Goulart. Por isso, importante citar a influência dessa

ideologia nos vídeos dos *youtubers* da nova direita brasileira. E por esta razão, compreende-se a aproximação dos enunciados entre documentos oficiais do SNI e audiovisuais depositados na plataforma *YouTube*. Sentidos que são recuperados e redimensionados por meio do interdiscurso.

Para além disso, o que se observa, na prática, são fortes ataques às conquistas sociais dos últimos anos, a exemplo do desmonte do sistema de proteção social brasileiro através das contrarreformas; do crescimento dos setores privados da educação; o desmonte histórico do Sistema Único de Saúde, das Medidas Provisórias contra direitos previdenciários. Em sistemas capitalistas, como o brasileiro, pode-se notar que sua essência se baseia na desigualdade. Problema social esse produtor de conflitos, violência, pauperismo, fascismo entre tantas outras expressões que, por sua vez, empregadas sob um viés conservador, tornam-se instrumentos utilizados pelo capital para manutenção de sua hegemonia.

Contudo, outras possibilidades de organização social são omitidas. Com elas, sentidos e ideologias são silenciados a fim de que discursos indesejados sejam postos à margem. No Brasil, parte dos professores, artistas, sindicalistas, estudantes, por sua vez, de acordo com material analisado, foram/são vistos como inimigos do país próspero, do país homogêneo, da terra ocupada por cidadãos de bem. Por conta disso, especificamente pré-ditadura de 1964 e período pré-eleição de 2018, inserido em um contexto de obscurantismo e negacionismo, expressões e ações que remetiam ao progressismo foram rechaçadas, combatidas, em documentos oficiais e nas redes sociais, respectivamente.

5 DISCURSO CONSERVADOR: MEMÓRIA, IMPLÍCITOS E SILENCIAMENTO

O conservadorismo, na condição de ideologia, é registrado em diferentes contextos. Constituiu-se por meio de modos específicos, ao longo do tempo, e possui também seu lugar na história contemporânea, legitimando gestos de censura. Suas manifestações mais recentes são representadas, sobretudo, quando governos sociais democráticos imergem em declínio e por conta disso são substituídos pelo conservadorismo liberal: combinação de posturas políticas conservadoras e economia liberal.

No Brasil este fenômeno não é diferente. Por meio de um discurso, composto pelo moralismo, o conservadorismo brasileiro é ferramenta importante para formação do cenário político atual. Polarização, maniqueísmos e intolerância são algumas das características dos discursos politizados, nas redes sociais e em outras formas de comunicação. Uma dessas redes é a plataforma *YouTube*, espaço no qual pessoas, empresas e organizações podem depositar vídeos de natureza diversas. A propósito, quando o usuário produz e aparece nos vídeos com frequência, construindo um canal dentro de um site de compartilhamento com determinadas características, ele passa a ser reconhecido como um *youtuber*.

Dessa forma, opiniões de *youtubers*, que giram em torno do debate sobre o projeto e o movimento Escola sem Partido, também ilustram como, na sociedade, o radicalismo e a intolerância prevalecem. Por essa razão, a discussão a seguir, proposta nesse capítulo, inicia-se com a compressão do deslocamento do discurso conservador na história recente do país, uma vez que influenciadores digitais da nova direita brasileira produzem conteúdo que os aproximam do discurso conservador materializado em documentos do período da Ditadura Militar.

Assim como o capítulo anterior, esta seção visa compreender os efeitos de sentido da retomada do discurso conservador no Brasil. Para tanto, prossegue-se com a análise de parte dos sumários do comunismo internacional do SNI (Serviço Nacional de Informações), uma vez que foram selecionados trechos de vídeos dos *youtubers* Nando Moura, Arthur Durval e Rafael Lima, autodeclarados adeptos do pensamento conservador, os quais se propuseram a discutir as propostas do movimento Escola sem Partido. A partir daí, produz-se diálogo paralelo entre essas duas materialidades, a fim de identificar as marcas linguísticas que caracterizam a interdiscursividade, como também mostrar a aproximação ideológica, mesmo com o hiato de tempo de 47 anos, encontrada em ambos os registros.

O movimento Escola sem Partido que se diz representar pais e estudantes contrários ao que chamam de doutrinação ideológica nas salas de aula brasileiras. Existe há vários anos, mas só a partir de 2015 seus principais integrantes começaram a provocar polêmica - desde que câmaras municipais, assembleias legislativas e o Congresso Nacional iniciaram o debate de projetos de lei inspirados no grupo.

No site oficial³⁸, o movimento diz se preocupar “[...]com o grau de contaminação político-ideológica das escolas brasileiras”, e afirma que “[...]um exército organizado de militantes travestidos de professores prevalece-se da liberdade de cátedra e da cortina de segredo das salas de aula para impingir-lhes a sua própria visão de mundo”. O *site* também endossa *blogs* que analisam o conteúdo de alguns livros didáticos e dá suporte para pessoas interessadas em acionar a justiça contra atitudes de professores em sala de aula.

Reiteradamente, o Escola Sem Partido afirmou que as faculdades estão dominadas pela esquerda, por professores que exaltam o filósofo Karl Marx e o guerrilheiro Che Guevara. Segundo os ativistas, os docentes fazem propaganda política para partidos e que não aceitam respostas contrárias de alunos. Citam ainda docentes que lecionam no Ensino Médio e criticam suas abordagens sobre a desconstrução de estereótipos de gênero e sobre temas LGBT.

Para proceder à análise, portanto, são selecionadas algumas sequências discursivas do *Sumário*, SDA, contra o comunismo, datado de fevereiro de 1973, extraídas do item “Assuntos gerais” que versa sobre o *terrorismo cultural*; em seguida, posicioná-las em paralelo a sequências discursivas referentes ao movimento Escola sem Partido, SDb, extraídas de vídeos de *youtubers* dos anos 2017 e 2018. Pretende-se, com essas materialidades postas em paralelo, compreender o deslocamento do conservadorismo brasileiro e discutir sua dispersão em enunciados produzidos em conteúdo digital, além de, ao revisitar conceitos como memória discursiva, historicidade das palavras e o silêncio, mostrar como tais noções contribuem para formação do interdiscurso.

Por se tratar de um *corpus* extenso, transcreve-se, integralmente, apenas um texto extraído do *Sumário*, considerando-o como texto base, por entender que esta materialidade linguística é o ponto de partida da análise, na medida em que, em quase sua completude, identifica-se manifestação do discurso conservador, bem como é fornecido ao leitor elementos do contexto em que os sentidos reacionários estão inseridos. Em seguida, o referido

³⁸ Cf. informação disponível em: <<https://www.escolasempartido.org/>>. Acesso em: 15 set. 2020.

documento é posto em análise comparativa com os vídeos produzidos pelos *youtubers* neoconservadores.

Quadro 7: Comunicação transcrita do *Sumário* de fevereiro de 1973

O VERDADEIRO “TERRORISMO CULTURAL” NA AMÉRICA LATINA A DISTORÇÃO E MANIPULAÇÃO DE FATOS E NOTÍCIAS PELAS AGÊNCIAS DE PROPAGANDA COMUNISTAS - O VASTO EMPREGO, PELO MCI (Movimento Comunista Internacional). DOS INSTRUMENTOS E MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA PARA SEUS MALÉVOLOS DESÍGNIOS

Do mesmo trabalho “O Comunismo e as Agitações estudantis”.

** Na AL (América latina), uma vulnerabilidade gravíssima reside na pressão exercida sobre a opinião pública, decorrente da influência quase dominante das Agências de Notícias e Propaganda Comunistas sobre determinados órgãos da imprensa nacional. Disso resulta a arma mais surpreendente com que os esquerdistas e comunistas combatem providências impositivas dos governos latino-americanos, e tiram proveitos para o incremento da luta estudantil: a campanha contra o chamado "terrorismo cultural".*

Qualquer medida restritiva adotada para a defesa da ordem pública, dos bons costumes, da disciplina nas escolas, do ensino cívico, etc, ou tendente a atenuar os efeitos da propaganda subversiva e logo taxada de "terrorismo cultural".

Essa é uma das grandes armas do arsenal psicológico do MCI, objetivando, mesmo sem o respeito à verdade, ao bom senso e à lógica, à conquista da opinião pública, o desprestígio da autoridade constituída, a reação da imprensa internacional contra o governo, a obtenção dos privilégios da impunidade e da liberdade de ação para os agitadores e maior facilidade de arregimentação de inocentes-úteis e de elementos a serem motivados para a ação terrorista. Assim, em nome da absoluta liberdade de cátedra, os professores comunistas almejam a eliminar a possibilidade de uma indispensável coordenação de interesses e objetivos entre a Universidade e o Estado, e a facilidade para realizarem uma doutrinação insidiosa sobre a juventude.

Em nome da liberdade da expressão, buscam os intelectuais esquerdistas solapar os fundamentos morais da sociedade, difundir falsos idealismos e intoxicar os espíritos com doutrinas e teses espúrias.

Em nome da liberdade para certos órgãos da imprensa a seu serviço e mais ávidos de sensacionalismo que da verdade, de lucros que da ação patriótica e consciente, lançam mão os comunistas e seus Agentes de Influência da prática de escrever, orientando e estimulando a subversão e solapando os fundamentos do Regime e das Instituições.

Em nome da indispensável imunidade parlamentar, defendem os políticos a completa impunidade, mesmo para crimes odiosos que atentam contra os interesses e os sentimentos do povo.

Em nome da democracia, visam os comunistas a licenciosidade irresponsável para a desagregação da democracia.

Todas as mais espontâneas providências do governo para dar liberdade com responsabilidade, coibir abusos que a maioria condena, preservar a segurança e os interesses nacionais, combater os subversivos e a pregação revolucionária comunista são alvos de feroz campanha, que as enquadra no chavão do "terrorismo cultural".

Queremos focalizar, ainda, um absurdo ainda maior: os comunistas e esquerdistas são exatamente os que, em cada país, estão aplicando o terrorismo cultural mais hediondo. Em quase todos os campos de atividade, seus aliados ganham promoção gratuita e são projetados, mesmo que suas obras sejam mediócras, ao passo que o talento que se revela verdadeiro e pujante, mas não submisso, sofre desestimulantes restrições e sabotagens e vive verdadeiro drama para superar o anonimato.

Vítimas do terror cultural são os estudantes, que querem estudar e não o podem fazer; os bons escritores democratas, que não encontram editores, ou que são massacrados pela crítica contundente dos Agentes de Influência comunistas; os bons artistas, que não obtêm público ou patrocinadores, porque uma barreira invisível lhes tolhe a caminhada para o sucesso; o povo, violentado em sua sensibilidade e tradições em alguns teatros, ou por meio de publicações licenciosas e chocantes, apregoadas como obras-primas da intelectualidade nacional; são os nossos filhos, desencaminhados nas escolas em que recebem orientação anarquista de alguns mestres, que solapam as influências do lar, para predispor-los para a aceitação das teses revolucionárias; é a nossa mocidade, que aprende até em igrejas a descrer de Deus, a olhar com indiferença os símbolos nacionais, a desprezar ou ridicularizar os heróis da nossa História, a esquecer os sentimentos de solidariedade humana, a empolgar-se por bandidos sanguinários e incompetentes, elevados a condição de exemplos e heróis, como Guevara e Camilo Torres, ou por líderes revolucionários comunistas, como Fidel Castro, Mao Tse-Tung, Lenine, Stalin, Ho Chi-Minh e outros.

Terrorismo cultural é o exercido pelos comunistas, que dificultam ou impedem a ação educacional; que não deixará os jovens saber que Guevara afirmou que "aos jovens e ao povo não pode ser dado o direito a escolher uma ideologia, pois o tempo das discussões de café já passou"; e o exercido por Fidel Castro, que impôs o comunismo a um povo democrata e cristão, ou por Stalin, com seus expurgos sanguinários; e esse que frutifica na falta de inteligência, de bom senso e de discernimento, a ponto de tantos jovens e adultos acreditarem que a URSS é a campeã da paz, a defensora da liberdade, dos direitos humanos e da soberania e independência dos povos, sem atentarem para sua realidade interna e para sua conduta internacional.

Terrorismo cultural é esse que procura iludir o povo com a tese da cooperação e identidade entre a Igreja cristã e o comunismo ateu. É esse que combate a "censura, o imperialismo, a opressão", em nome da URSS: país onde não há liberdade de imprensa, nem Partido de oposição; país que, nos últimos vinte anos, incorporou inúmeras nações e dizimou milhões de pessoas em expurgos sangrentos; país que, em nossos dias, para "justificar" a invasão da Tchecoslováquia, proclamou a tese revoltante da "soberania limitada" das nações satélites; país que prega a coexistência pacífica, ao mesmo tempo que proclama sua guerra revolucionária mundial, e interfere nos assuntos internos até mesmo dos países socialistas.

Terrorismo cultural é esse que consegue cegar os espíritos e o senso comum, até o extremo desolador de mentiras flagrantes serem impostas como verdades incontestáveis, e de o maior inimigo poder apresentar-se, sem ser escorraçado, como a táboa de salvação para a Pátria que quer desorganizar e, ainda, obter crédito e seguidores, apenas criticando e pregando a luta e a desunião, a pretexto da existência de problemas para os quais jamais apresentou sequer o esboço de uma solução.

Terrorismo cultural é esse que entorpece os mais nobres sentimentos dos homens, ao ponto de levá-los a se curvarem, submissos e obedientes, diante da palavra de um inimigo que os despreza e que se ri da credulidade com que são vencidos pela sugestão da sua dialética mentirosa e de "slogans" bem feitos e incansavelmente repetidos.

Terrorismo cultural é esse que leva os grandes órgãos formadores da opinião pública democrática a não informarem o público sobre o perigo da infiltração comunista no quadro de uma guerra fria declarada; é esse que acusa os defensores da pátria de histéricos anticomunistas, para paralisá-los pelo receio do ridículo; é esse que prega o liberalismo cego como lícito, mesmo quando a sociedade e o indivíduo estão sendo vitimados; é esse que quer a punição dos atos da violência física, mas procura proteger a violência psicológica, a covarde violência dos terroristas e as ideias mortíferas que tornam o cidadão num soldado eficiente de uma nação inimiga; e esse que quer inverter as posições e colocar professores, submetidos ao terror organizado, a receberem ordens e orientação de seus alunos; é esse que ameaça as bases da cultura universitária e apresenta o governo de um país como o inimigo da Pátria, e os subversivos e apátridas como seus salvadores; é esse que distorce os fatos, evita diálogos, estudos conjuntos e cooperação para as reformas do governo, e aponta como redentor o tortuoso caminho do terrorismo, da subversão, da luta fratricida, que só beneficia o inimigo da Pátria.

Terrorismo cultural é esse que convence os estudantes a se filiarem à OCLAE, sediada em Havana, e cujos Estatutos a definem como "o órgão de mando continental a que se devem submeter todas as organizações estudantis nacionais, sem discussão", como se Cuba pudesse liderar e comandar o pensamento e as ações dos jovens em países que lhe são infinitamente superiores.

*O Terrorismo cultural abrange também as pressões que sofremos de países desenvolvidos, que exigem de nós a aplicação de uma democracia plena, para a qual não estamos preparados política, econômica e socialmente e que primam em não querer reconhecer que, no quadro da guerra fria atual, a democracia deve ter estágios de evolução sucessiva, a serem alcançados à medida que forem sendo superados os óbices e consequências do subdesenvolvimento. **

Fonte: transcrição por Mário da Mata

No texto, não é possível identificar a autoria. Dessa forma, atribuem-se os enunciados ao SNI, órgão que foi criado em 13 de junho de 1964, com o objetivo de supervisionar e coordenar as atividades de informações no Brasil e no exterior. O órgão era diretamente ligado à Presidência da República que, por sua vez, atendia aos patrocinadores do golpe de 1964: grupo composto por parte do empresariado brasileiro, por latifundiários – proprietários de grandes parcelas de terras, e por empresas estrangeiras instaladas no país, sobretudo aquelas ligadas ao setor automobilístico. Esse sujeito discursivo, SNI, portanto, ocupa um lugar social e a partir dele enuncia, influenciado por uma ideologia materializada em seu discurso (PECHEUX, 2014; ORLANDI, 2012).

Também, por meio dessa ausência de autoria no texto, percebe-se a lógica de funcionamento dos órgãos repressivos e da produção de documentos de informação contrária à população que resistia à ditadura. Ao produzir cada *Sumário*, foram compilados diferentes tipos de texto – com ou sem autoria especificada, mas assumida pelo órgão investigador – os

quais revelavam uma preocupação não apenas com as questões políticas, mas, principalmente, com a pauta de costumes. Família, religião cristã, sexualidade e sistema de ensino eram temas recorrentes nos documentos. Os *Sumários*, assim, foram constituídos por uma coletânea de textos cuja premissa era combater o inimigo subversivo e terrorista.

De outro modo, nos audiovisuais, cujos fragmentos serão descritos a seguir, tem-se os autores: Nando Moura, Arthur Durval e Rafael Lima. Os três, apenas nesta análise, são compreendidos como um único sujeito discursivo *youtuber* de direita ainda que o sujeito seja o resultado de uma interpelação do indivíduo pela ideologia. Significa dizer que cada indivíduo é interpelado de forma diferente, mesmo que seus dizeres se materializem mediante algumas FD's que sejam correspondentes, em certa medida.

A AD materialista distingue o autor de sujeito. Este é o resultado da interpelação do indivíduo pela ideologia; já aquele é representação de unidade e delimita-se na prática social como uma função específica do sujeito (ORLANDI, 2015). É ocupando o lugar de influenciadores digitais reconhecidos que este sujeito enuncia. Comunicadores cujos enunciados defendem o conservadorismo liberal, travando forte embate com todas as ações e os pensamentos associados à esquerda no Brasil. Dessa maneira, o sujeito *youtuber*, além de ser influenciado pelas ideologias que lhe conferem identidade, é sensível às condições de produção de seu enunciado. Ele se comunica com uma audiência afinada às suas filiações ideológicas e ainda lê pistas do que seu público anseia e se aperfeiçoa.

Investigando as marcas linguísticas dos *Sumários*, observam-se traços, predominantemente, narrativos/opinativos enunciados mais “estabilizados”. Por esta razão, pressupõe-se que tais discursos sejam produzidos a partir de condições de produção mais estáveis e homogêneas; isto é, no interior de posições ideológicas e de lugares sociais menos conflitantes: os enunciados referentes ao Sumário do Comunismo Internacional são constituídos dentro de uma perspectiva ideológica afinada aos pensamentos liberais e conservadores. Essa regularidade – que também caracteriza a formação discursiva – determina o que pode/deve ser dito a partir de um determinado lugar social (PECHEUX, 2014; ORLANDI, 2012). Nesse sentido, identifica-se uma Formação Discursiva (FD), chamada, nesta análise, de Direitista. A FD Direitista é caracterizada por sentidos que desqualificam o pensamento e as ações vistos como progressistas ao longo do texto analisado. Cabe ressaltar, que no interior dessa formação, os comunistas – o inimigo a ser combatido, nesse período – organizam-se de forma imoral, mentirosa, planejada, inescrupulosa, sorrateira e corrupta. Tal

inferência pode ser materializada a partir da Sequência Discursiva(SD) extraída do texto acima e de seus destaques em negrito, elencados a seguir:

- Em nome da liberdade da expressão, **buscam os intelectuais esquerdistas solapar os fundamentos morais da sociedade, difundir falsos idealismos e intoxicar os espíritos com doutrinas e teses espúrias.**
- Em nome da liberdade para certos órgãos da imprensa a seu serviço e mais ávidos de sensacionalismo que da verdade, de lucros que da ação patriótica e consciente, lançam mão **os comunistas e seus Agentes de Influência da prática de escrever, orientando e estimulando a subversão e solapando os fundamentos do Regime e das Instituições.**
- Em nome da indispensável imunidade parlamentar, **defendem os políticos a completa impunidade, mesmo para crimes odiosos que atentam contra os interesses e os sentimentos do povo.**
- Em nome da democracia, **visam os comunistas a licenciosidade irresponsável para a desagregação da democracia.**

Encontram-se no texto elementos linguístico-discursivos que materializam sentidos de desaprovação e avaliação pejorativa, do início ao fim. Isso é bem observado ao analisar a escolha do léxico. Esse que segue possui significações negativas (desqualificadoras): a) **solapar** os fundamentos morais da sociedade, [...] **intoxicar** os espíritos; b) orientando e estimulando **a subversão**; c) defendem **a completa impunidade**; d) visam à **licenciosidade irresponsável**. A partir dos vocábulos, compreende-se uma FD constituída por sentidos que depreciam o progressismo, condenando o comunismo como forma legítima de organização social.

Identificada a formação discursiva direitista, destaca-se a interdiscursividade. Os discursos não se constituem independentemente uns dos outros para serem, em seguida, postos em relação, mas se formam de maneira regulada no interior de um interdiscurso. É a relação interdiscursiva, portanto, que estrutura a identidade das FDs. O discurso conservador e a FD direitista, por exemplo, materializam-se, na análise, em gêneros discursivos distintos e ecoam períodos distintos. O interdiscurso é o que justifica, neste trabalho, a recuperação de sentidos expressos em enunciados separados por décadas como os *Sumários* (1973) e os *youtubers*(2017).

5.1 MEMÓRIA DISCURSIVA E INTERDISCURSO

A partir do 8º parágrafo, o texto em análise se propõe redefinir o termo *terrorismo cultural*; ação a qual o próprio Governo Militar também foi acusado de promover. Com esse intuito, o escrito deixa mais pistas da FD Direitista. Esta, por sua vez, será justaposta aos discursos dos *youtubers* autodeclarados conservadores sobre o episódio que envolve a lei/movimento Escola sem Partido. Pretende-se, nessa perspectiva, visualizar o interdiscurso entre os enunciados. Contudo, na oportunidade, buscar-se-á o avanço teórico/analítico e compreender o funcionamento da interdiscursividade, ancorado nas noções de memória/historicidade e silêncio/silenciamentos.

Quadro 8: cotejo entre sequências discursivas com sentidos conservadores

SDa1 Em quase todos os campos de atividade, seus aliados ganham promoção gratuita e são projetados, mesmo que suas obras sejam medíocres, ao passo que o talento que se revela verdadeiro e pujante, mas não submisso, sofre desestimulantes restrições e sabotagens e vive verdadeiro drama para superar o anonimato. (Sumário contra o Comunismo 02/1973)

SDb1 Fizeram uma verdadeira lavagem cerebral em você. Vamos fazer um pequeno teste para ver se isso aconteceu? O autor expõe no vídeo 2 (duas) imagens e interpela o ouvinte da seguinte forma: “me diga quem é e o que é que ele fez?” Após a exibição das fotos, ele retoma: “o primeiro foi Karl Marx, responsável por toda mentalidade marxista, esquerdista, comunista do mundo. E o segundo, é Ludwig von Mises, responsável pela escola austríaca de economia que, simplesmente, destruiu todas as teses de Karl Marx, e provando que elas são falas, ridículas. Qual dos dois você viu na escola? Com certeza foi o primeiro, não foi? O segundo se quer é citado nas escolas por causa da cartilha do MEC”. [...] (Nando Moura-Nando Moura.)

Fonte: Transcrição por Mário da Mata

Na Análise de Discurso, baseada por Michel Pêcheux, trabalha-se a noção de Memória Discursiva, ou o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra, como apontam Pêcheux, (2015) e Orlandi (2005). Discute-se, assim, a memória e como ela faz sentido apoiada em filiações ideológicas. É esse processo que confirma a hipótese de que arquivos produzidos em diferentes espaços e momentos podem se tocar ou, mais do que isso, funcionam e produzem efeitos de sentido também quando compreendidos

na sua interdiscursividade. Os documentos analisados não só reportam a práticas sociais e estratégias políticas que ligam o SNI e os *youtubers*, mas levam justamente a um caminho que se produz discursivamente acerca do conservadorismo a partir de um movimento espaço-temporal. Esse movimento não é linear porque a memória não é linear. Eles constituem, entretanto, um espaço de memória onde os sentidos vão se regularizando.

Observa-se na **SDa1** e na *SDb1* o ressentimento de que pensadores e artistas, ligados à direita, são penalizados com o anonimato perante à sociedade, ainda que suas obras sejam julgadas verdadeiras e produzidas com qualidade. Paralelo a isso, segundo os enunciados, autores e produções ligadas à esquerda são valorizados, mesmo que suas manifestações sejam falsas, desqualificadas, a exemplo do que ocorre na **SDa1**, no excerto **“aliados [comunistas] ganham promoção gratuita e são projetados, mesmo que suas obras sejam medíocres”**; enquanto na *SDb1*, é afirmado que Ludwig von Mises “[...]se quer é citado nas escolas por causa da cartilha do MEC” e por razão de suas ideias liberais.

É possível compreender, assim, a ideologia correspondente ao liberalismo econômico imbricada nos documentos, dando sentido às SD e como elas sugerem uma aproximação dos enunciados que materializam a repulsa pelo progressismo, inclusive a institucionaliza nos documentos do SNI e a faz reverberar em audiovisuais de *youtubers*. Discursos que significam uma determinada forma de se posicionar diante do modo como a memória foi sendo produzida, a partir de práticas sociais, orientadas por interesses ideológicos e políticos.

Quem são os sujeitos e as instituições que preconizam a indiferença para as produções conservadoras e de direita? Quem está por trás da negação “dos bons costumes, da disciplina nas escolas, do ensino cívico ou atenuam os efeitos da propaganda subversiva”? Para o SNI, instrumento de controle do governo totalitário, isso parte da “influência quase dominante das Agências de Notícias e Propaganda Comunistas sobre determinados órgãos da imprensa nacional”; ao passo que para os *youtubers*, os comunistas se apoderaram do sistema educacional brasileiro, inclusive determinando parâmetros educacionais para o país, influenciando a organização social, a composição familiar e modificação de valores humanos. De acordo com a inscrição histórica dos enunciados, os comunistas, nos arquivos do SNI, aspiravam ao poder e eram considerados subversivos; já nos vídeos, estes são detentores do poder político, sendo decisivos nas composições e nas diretrizes do Estado.

Mesmo sendo composto por um movimento não é linear, busca-se, na análise dos arquivos, alinhar esses discursos dispersos em diferentes registros, em tempos distintos, considerando que a estruturação do discurso vai constituir a materialidade de uma

específica memória social (ACHARD, 2015). O conservadorismo da Ditadura Militar e sua relação com o conservadorismo contemporâneo expressos nos audiovisuais é produzido por uma mesma ordem ideológica, é parte de uma mesma memória de dizer. Ressalta-se, assim, a importância de se estabelecer um tipo de costura para compreender a dispersão do discurso conservador, tanto nos *Sumários* quanto nos vídeos, pois, como qualquer outro discurso, o discurso conservador é construído por seleção, por escolhas, cuja constituição é ideologicamente determinada. Embora fossem elaboradas por condições de produção distintas, as manifestações conservadoras, em suas respectivas materialidades, fazem parte de um mesmo campo de saber, ou seja, são filiadas à mesma ideologia.

5.2 IMPLÍCITOS E SILENCIAMENTOS

O conjunto de SD abaixo se refere ao 10º parágrafo do texto base e a trechos de vídeos de diferentes *youtubers* conservadores autodeclarados da nova direita. Tem-se, no *Sumário*, a tentativa de apontar as vítimas do que é denominado como terrorismo cultural promovido por comunistas. Já as sentenças, que correspondem ao discurso transcritos dos audiovisuais, implicitamente, revelam vítimas de um sistema cultural e educacional elaborado também pelos comunistas 44 anos depois. Nesse escopo, além de tratar da memória discursiva, ocupar-se-á dos implícitos, subtendidos e como estes contribuem para constituição do interdiscurso.

Quadro 9: Sequências discursivas para análise de implícitos

SDa2 Vítimas do terror cultural são os estudantes, que querem estudar e não o podem fazer; os bons artistas, que não obtêm público ou patrocinadores, porque uma barreira invisível lhes tolhe a caminhada para o sucesso; o povo, violentado em sua sensibilidade e tradições em alguns teatros, ou por meio de publicações licenciosas e chocantes, apregoadas como obras-primas da intelectualidade nacional;(Sumário contra o Comunismo 02/1973)

SDb2 Eu Nunca fui um cara fã de teorias da conspiração, etc., neste caso, cara, é completamente real, se você vê ali, Gramsci, se você vê Marcuse, a revolução feita não por armas, mas por todo aparelhamento cultural, mas por todo aparelhamento ali dos meios de educação, etc. É exatamente isso que o Brasil tem feito. (Arthur do Val-Mamãe Falei)

SDa3 ...[vítimas] são os nossos filhos, desencaminhados nas escolas em que recebem orientação anarquista de alguns mestres, que solapam as influências do lar, para predispor-los para a aceitação das teses revolucionárias;(Sumário contra o Comunismo 02/1973)

SDB3O professor de esquerda quer é doutrinar, ele quer passar uma única versão de fatos errados, com o intuito de colocar uma visão política e partidária neles para depois colher os frutos lá na frente. (Rafael Lima - Ideias Radicais)

SDa 4 ...[Vítima] é a nossa mocidade, que aprende até em igrejas a descrer de Deus, a olhar com indiferença os símbolos nacionais, a desprezar ou ridicularizar os heróis da nossa História, a esquecer os sentimentos de solidariedade humana, a empolgar-se por bandidos sanguinários e incompetentes, elevados a condição de exemplos e heróis, como Guevara e Camilo Torres, ou por líderes revolucionários comunistas, como Fidel Castro, Mao Tse-Tung, Lenine, Stalin, Ho Chi-Minh e outros. (Sumário contra o Comunismo 02/1973)

SDB4 Eles conseguiram fazer uma lavagem cerebral nas cabeças das pessoas de uma maneira tal, que até mesmo as igrejas, apoiavam o PT. “Não, esses eles só querem ali cuidarem dos pobres, dos coitadinhos”. Não existe almoço grátis. Todas as Ongs, todos os partidos esquerdistas estão fazendo um esforço monstro para votar contra a escola sem partido. (Nando Moura-Nando Moura)

Fonte: Transcrição por Mário da Mata

O enunciado em análise, portanto, traz duas informações. A primeira expressa a informação sobre as vítimas de um sistema educacional e cultural promovido pelos comunistas. A segunda, por sua vez, nessa mesma sentença se deduz uma ideia subtendida: se há vítimas, é necessário socorrê-las. Estejam elas ameaçadas no ano de 1973 ou no ano de 2017. Por esta razão, emerge o questionamento de quem poderá corresponder a este ato heroico. A partir desse não dito, são produzidos dois efeitos de sentido determinados pela exterioridade, pelas condições de produção de cada enunciado em sua respectiva época. O primeiro deles se constitui nos enunciados proferidos em 1973, quando os militares são alçados como salvadores, personificação da força repressiva conservadora, representante da elite econômica do período. São sentidos alinhados ideologicamente com a manutenção da ditadura como modelo político, uma vez que os militares conservadores já estavam no poder naquele período. Estes precisavam salvaguardar os bons costumes, os valores sociais corretos, a tradição familiar e a religiosidade cristã da ameaça comunista.

Diferente é o efeito de sentido produzido nos enunciados dos *youtubers*: agora é necessário salvar a sociedade corrompida, doutrinada por professores de esquerda e influenciada por manifestações culturais que ameaçam o que é decente, o que é cristão e até mesmo a soberania nacional, uma vez que o Brasil vivia em um regime democrático dirigido por mais de uma década pelo PT. Já-ditos que atravessam o dizer produzindo sentidos: o já-

dito de que a ditadura militar foi necessária para proteger o Brasil do comunismo, dialogando e fortalecendo a relação de interdiscursividade entre si. É necessário, portanto, que as forças representativas do conservadorismo se mantenha e retornem ao poder. Vale ressaltar que todos os vídeos foram produzidos um ano antes e no ano das eleições de 2018. O pleito formaria, para além da presidência, a câmara de deputados federais e senadores; governadores e deputados estaduais.

Por esta razão, é necessário analisar não só o enunciado, como também as circunstâncias que o constituem. Estes sentidos, por assim dizer, não se encontravam isolados, faziam parte de um conjunto de discursos veiculados em outras formas de comunicação. Desta maneira, o discurso conservador, inerente aos anseios da Ditadura Militar que perdurou até o ano de 1984, fortaleceu-se e contribuiu para chancelar a eleição de Jair Bolsonaro para a Presidência da República, nas eleições de 2018, representante máximo dessa ideologia, conforme suas propostas eleitorais.

Assim, pode-se concluir que o enunciado está relacionado à maneira pela qual esse sentido deve ser decifrado pelo destinatário, que por sua vez, deve levantar hipóteses atreladas ao contexto enunciativo. Desse modo, a partir da SD analisada, lê-se, como possibilidade interpretativa, que quanto mais tempo a sociedade for influenciada pela ideologia comunista, mais ela estará susceptível ao atraso social, à corrupção moral, à desumanidade.

Percebe-se, dessa maneira, a importância dos subtendidos na produção de sentidos, uma vez que eles estão implícitos nos enunciados e somente aparecem quando o interlocutor posteriormente reflete sobre eles. Vale a pena frisar que os subtendidos também colaboram para dispersão do discurso e para o interdiscurso. Entende-se, na análise, que a ideologia conservadora por meio de manifestações discursivas semelhantes, produzem efeitos de sentido que culpam o comunismo e suas derivações por um pseudo caos social. Interpreta-se, portanto, por intermédio do não dito, a sugestão de que o país deve combater um inimigo interno, caracterizado pelos estereótipos da subversão, do ateísmo e do terrorismo.

Quadro 10: Trechos de desqualificação e silenciamento do discurso progressista

SDa5 Terrorismo cultural é esse que consegue cegar os espíritos e o senso comum, até o extremo desolador de mentiras flagrantes serem impostas como verdades incontestáveis, e de o maior inimigo poder apresentar-se, sem ser escorraçado, como a taboia de salvação para a Pátria que quer desorganizar e, ainda, obter crédito e seguidores, apenas criticando e pregando a luta e a

desunião, a pretexto da existência de problemas para os quais jamais apresentou sequer o esboço de uma solução.(Sumário contra o Comunismo 02/1973)

SDb5 Eu tinha uma impressão de Paulo Freire muito boa, até 5 anos atrás, porque, meu, se você ouvir falar de Paulo Freire, só houve falar bem, todos professores...revolucionário... revolucionou nosso método de educação. É impressionante como nossas crianças e adolescentes adoram Paulo Freire... inclusive tem uma lei de 2012, a lei 2612 que institui Paulo freire como patrono da educação brasileira.

Ele é um cara ali completamente controverso. Paulo Freire é uma farsa, tudo o que ele fez, na verdade, nesse livro mostra isso muito bem. Ele não criou nada, não revolucionou nada. Tudo que ele supostamente inventou, já tem em literatura clássica, já existe isso.

Enquanto os grandes educadores têm como o objetivo o aprimoramento do aprendizado do indivíduo, eles querem te melhorar como indivíduo, o que o Paulo Freire fez, utilizando sua experiência com adultos, com a alfabetização de pessoas já adultas, foi coletivizar uma consciência “crítica” e usar isso como moeda política. Ele falava isso, abertamente, que você tinha de usar a educação como meio de revolução. [...] (Arthur do Val-Mamãe Falei)

SDa6 Terrorismo cultural é esse que leva os grandes órgãos formadores da opinião pública democrática a não informarem o público sobre o perigo da infiltração comunista no quadro de uma guerra fria declarada; é esse que quer inverter as posições e colocar professores, submetidos ao terror organizado, a receberem ordens e orientação de seus alunos; é esse que ameaça as bases da cultura universitária e apresenta o governo de um país como o inimigo da Pátria, e os subversivos e apátridas como seus salvadores; é esse que distorce os fatos, evita diálogos, estudos conjuntos e cooperação para as reformas do governo, e aponta como redentor o tortuoso caminho do terrorismo, da subversão, da luta fratricida, que só beneficia o inimigo da Pátria.(Sumário contra o Comunismo 02/1973)

SDb6 Como é você irá se surpreender queOs livros do MEC hoje sejam completamente doutrinadores? Tá aqui a origem da doutrinação. Nosso patrono da educação é um doutrinador. É um doutrinador. [...]

Já que Paulo Freire é marxista e nega qualquer tipo de diferença de classes, ele nega a autoridade do professor. Não existe o professor saber mais e o aluno saber menos. Eles precisam, ali juntos, no mesmo nível hierárquico, um aprender com o outro. Isso é um absurdo. (Arthur do Val-Mamãe Falei)

Fonte: Transcrição por Mário da Mata

Compreende-se que sentidos conservadores e condizentes com a ideologia (neo)liberal é que prevalecem no *Sumário*, por esses se sobreporem a outros que se encontram interditados. O discurso conservador renova seus enunciados por meio de uma memória discursiva que se manifesta em diferentes materialidades linguísticas. Estes sentidos são apanhados, reformulados e dispersos, para assim se filiarem a outras formações discursivas por meio da interdiscursividade. Um exemplo disso é que através de processos discursivos, o conservadorismo se refrata nos vídeos do *youtuber* Arthur do Val ao tratar do movimento Escola sem Partido, mais especificamente de Paulo Freire, que seria, então, um dos precursores da escola ideologizada.

SDa7...**mentiras** flagrantes são impostas como verdades incontestáveis [...] o maior inimigo poder apresentar-se como a taboia de salvação para a Pátria. (Sumário contra o Comunismo 02/1973)

SDb7...se você ouvir falar de Paulo Freire, só ouve falar bem, todos professores...revolucionário... revolucionou nosso método de educação. [...]Paulo Freire é uma farsa, tudo o que ele fez, na verdade, nesse livro mostra isso muito bem

SDa8...o perigo da **infiltração comunista** no quadro de uma guerra fria declarada; **é esse que quer inverter as posições e colocar professores, submetidos ao terror organizado, a receberem ordens e orientação de seus alunos.** (Sumário contra o Comunismo 02/1973)

SDb8 Já que Paulo Freire é marxista e nega qualquer tipo de diferença de classes, ele nega a autoridade do professor.

SDa9... aponta como redentor o tortuoso caminho do **terrorismo**, da **subversão**, da luta fratricida, que só beneficia o inimigo da Pátria. (Sumário contra o Comunismo 02/1973)

*SDb9...o que o Paulo Freire fez[...] foi coletivizar uma **consciência “crítica”** e usar isso como moeda política. Ele falava isso, abertamente, que você tinha de usar a educação **como meio de revolução.***

Vê-se, nestes dois registros, uma arquitetura discursiva inclinada para julgamento e para depreciação. Elege-se um inimigo que deve ser combatido e desqualificado. A ele são atribuídas características pejorativas como a **mentira** no *Sumário* e a *farsa* no vídeo, impondo a esse inimigo o crivo e a força que estas palavras carregam consigo em sua historicidade. Por meio de paráfrases, em ambos os registros, uma vez que o funcionamento da memória deixa marcas a partir do que se repete, é descrito que os professores sofrem a influência comunista, e assim, perdem a capacidade de exercer sua função, pois, no *Sumário*, o regime **inverte as**

posições e colocam professores, submetidos ao terror organizado, a receberem ordens e orientação de seus alunos, assim como nos vídeos, a docência aparece preconizada por *Paulo Freire*, classificada como *marxista*, que *nega a autoridade do professor*. Por fim, a **subversão** do regime militar é (re)significada em expressões como fomentar *a consciência “crítica”* e educar *como meio de revolução* no enunciado do *youtuber*.

Ademais, um arquivo, qualquer que seja, representa uma instituição que congrega em seu funcionamento aspectos políticos, técnicos e éticos. Em qualquer arquivo se inscreve a historicidade de uma política de silenciamento (ORLANDI, 2007) resultante das condições históricas e ideológicas de sua institucionalização e de sua inserção nas redes de memória. Assim, na organização de qualquer arquivo, sentidos são colocados para serem lidos e repetidos; assim como outros, recalcados, silenciados e interditados.

Há, nos excertos acima (SDa5 e SDa6), (re)significação do *termo terrorismo cultural*. Se existe um novo significar, pressupõe-se a existência de outra narrativa que outrora definiu o termo terrorismo cultural, logo está implícito também que esta narrativa produz outros sentidos os quais estão filiados a outras formações ideológicas. Têm-se, assim, sentidos de uma memória em deslocamento, fenômeno que se coaduna a uma contribuição de Pêcheux (2015) quando o autor se refere à memória como espaço móvel de retomadas, de deslocamentos, de réplicas e de conflitos de regularização.

Então, o que houve com os outros sentidos referentes ao terrorismo cultural? Para que novos sentidos sejam possíveis se esquecem, apagam-se outros; ainda assim, alguns são estancados em um processo histórico-político silenciador. São sentidos que são evitados, des-significados (ORLANDI, 2015).

No processo de silenciamento, vê-se a manifestação da censura. A censura que interdita sentidos possíveis, que impede que o sujeito ocupe certas posições sociais. Compreende-se sua atuação como fato heterogêneo, pois ela pode resultar de processos mais ou menos conscientes e que se reportam a diferentes ordens: política, moral, estética etc. (ORLANDI, 2007). Nas SD em questão, há julgamentos com características depreciativas nos quais a interdição de outros sentidos é marcada pela reiteração do pejorativo e uma regularidade de dizeres possíveis que se impunham a outros interditados, silenciados.

Nas SD referentes ao *Sumário* de 1973, não é posto que, no contexto em que estes sentidos são enunciados, são os militares que detêm o poder. Eles que influenciam as organizações de ensino, sobretudo, as de ensino médio e fundamental. São eles que impunham, por força do decreto Decreto-Lei nº 869, disciplinas como Educação Moral e

Cívica (EMC), Organização Social e Política do Brasil (OSPB) e Estudos dos Problemas Brasileiros (EPB), no ensino fundamental, médio e superior, respectivamente. Os programas de ensino destas disciplinas serviam para a domesticação do comportamento dos estudantes e para perpetuação da ditadura como sistema político brasileiro, a fim de combater

[...] a ideologia dos “inimigos internos”, que estariam infiltrados e misturados aos cidadãos do país. Como potencialmente todos eram inimigos, a doutrina promovia um clima permanente de medo. Nesse sentido, as fronteiras não eram mais territoriais, como no passado. As fronteiras eram ideológicas e fluidas. O front de batalha não era mais localizado na concretude das trincheiras, mas nos espaços em que o “inimigo interno” atuasse – inclusive na sala de aula (MEMÓRIAS DA DITADURA, 2020).

Vale ressaltar que grande parte dos meios de divulgação e de fomento à cultura estava na posse do Governo Militar. Exemplo disso foi a Empresa Brasileira de Filmes Sociedade Anônima (Embrafilme), vinculada ao então Ministério da Educação e Cultura (MEC) e braço do Instituto Nacional do Cinema (INC), que determinava quais tipos de filmes seriam produzidos e distribuídos. Contudo, suas ações foram alvo de críticas também silenciadas, pois houve uma forte campanha de oposição à empresa, acusada, principalmente, de desperdício e de má administração. Frisa-se, neste sentido, o papel da censura na manifestação deste *terrorismo cultural* que propiciou silenciamentos, apagamentos e esquecimentos na superfície de texto.

Então, sentidos possíveis, historicamente, foram politicamente interditados. Essa impossibilidade, posta pela censura e pela força, naturaliza-se e funciona como pré-construído. São interditados, portanto, enunciados cujos sentidos apontem o Governo Militar como autor do terrorismo cultural. Foram assim desmoralizados, inviabilizados, designificados, postos fora do discurso (ORLANDI, 2015). Não se trata, contudo, de uma oposição entre o sentido verdadeiro e sentido falso, mas do sentido imposto e do sentido recusado, sejam quais forem (ORLANDI, 2007).

Sentidos, assim, foram silenciados, censurados, para que não haja um já dito, um já significado constituído nessa memória de tal modo que isso tornasse a partir daí, outros sentidos possíveis. Há faltas – não falhas – de tal modo que eles não fazem sentido, excluindo do discurso o que poderia suscitar outras significações (ORLANDI, 2015), impedindo que certos sentidos hoje possam fazer (outros) sentidos.

Dessa maneira, sentidos rechaçados são censurados de tal forma que não é fácil encontrá-los refletidos nas ações sociais. Outros sentidos de terrorismo cultural ficaram

impedidos de significar, do mesmo modo que o sentido de resistência, de liberdade, de rompimento com as normas impositivas do Estado. Contudo, o que foi censurado não desaparece completamente. Ficam os vestígios, uma espécie de discursos em suspenso relacionados a outro saber discursivo, a outra memória do dizer.

5.3 A CENA CONSERVADORA: SUJEITO E GÊNEROS DO DISCURSO

Para dar seguimento à análise, é fundamental lembrar a noção de cena de enunciação proposta por (MAINGUENEAU, 2005), na qual o autor destaca que o texto é um rastro deixado pelo discurso em que a fala é encenada. Ele destaca também que o termo “cena” profere ao mesmo tempo um *quadro* e *processo*: ao mesmo tempo um espaço bem delimitado no qual as representações acontecem, ou seja, o gênero discursivo; e as sequências de ações verbais e não verbais, ou seja, enunciados que se arregimentam dentro deste espaço (MAINGUENEAU, 2015). Estabelece-se, assim, uma relação entre o ator e a cena, o texto e o palco.

Por essa razão, dentro do quadro cenográfico proposto, são retomados, principalmente, conceitos sobre gêneros discursivos e sujeito discursivo a fim de esclarecer como os espaços e os suportes em que os discursos são produzidos, influenciam na constituição de sentido; da mesma forma em que estudar o sujeito e situá-lo em sua exterioridade e em seu contexto histórico é imprescindível para frutíferas possibilidades de leitura.

A pesquisa, ao retomar noções produzidas por (MAINGUENEAU, 2005; 2015), destaca a cena englobante, a cena genérica e a cenografia. A partir da continuação da análise dos trechos do *Sumário* gerado pelo SNI e dos audiovisuais produzidos pelos *youtubers*, constata-se que os dois registros possuem a mesma **cena englobante** que, por definição, corresponde ao tipo de discurso. Vê-se, desta forma, ser de natureza política a motivação e o conteúdo nos diferentes gêneros discursivos analisados.

Para avaliar a **cena genérica** de um discurso, por sua vez, é necessário compreender a finalidade do gênero discursivo em que esse discurso foi enunciado, entendendo-o como determinados mecanismos de comunicação que, inseridos em um contexto social, cumprem determinadas funções. Nas palavras de Maingueneau (2005), “[...]os gêneros discursivos só podem aparecer quando certas condições sócio históricas estão presentes”. Ou ainda “[...]implicam um certo lugar e um certo momento. Não se trata de coerções externas, mas de algo constitutivo” (MAINGUENEAU, 2005, p.64).

Desta forma, temos os *Sumários* produzidos pelo SNI cujo objetivo era: primeiro, o de buscar, articular e disseminar informações, visando ao máximo controle sobre o “inimigo interno”. Esse “inimigo” podia ser representado pelos grupos organizados que lutavam contra a ditadura civil-militar, ou por setores da população (como trabalhadores) que se auto-organizavam contra suas precárias condições de vida. O segundo objetivo era entender a atuação desses grupos inseridos em um contexto político mais global. Para isso, esses documentos também contavam com elementos persuasivos/opinativos em vários trechos de sua composição. Ao passo que, nos vídeos selecionados, tem-se como objetivo, primeiro, viabilizar o Movimento Escola sem Partido; contudo, o contexto – elemento constitutivo do discurso – apresenta ao leitor um objetivo maior: o fortalecimento de uma agenda conservadora próxima ao período eleitoral.

Vale destacar os suportes por meio dos quais as sequências discursivas são enunciadas. É necessário compreender como o instrumento por meio do qual os conteúdos são veiculados dá suporte para legitimar ideias, valores sociais e comportamentos, bem como a implicação desses fatores na formação e na manutenção de identidades, no recrudescimento ou modificação de realidades sociais. Busca-se também aferir como uma documentação oficial e como as plataformas digitais, mais especificamente o *YouTube* na condição de suporte, exercem poder.

Convém sublinhar que os *Sumários do Comunismo Internacional* utilizam como suporte a chancela do Serviço Nacional de Informações (SNI) e classificam-se na categoria de documentos produzidos por uma instituição governamental. Por esta razão, gozam de prestígio e de credibilidade quando o documento é examinado pelas instituições de controle e de administração. Lidos hoje pelo leitor comum, os documentos podem, ainda assim, produzir efeitos de sentido aproximados aos do período da Ditadura Militar. Naquele contexto, os *Sumários* tinham o propósito de divulgar análises da conjuntura através do aparelho de Estado da repressão. São registros produzidos sob a ótica da Guerra Fria e fortemente marcados pela Doutrina de Segurança Nacional, os quais influenciaram vários protagonistas do governo ditatorial. Os *Sumários* trazem textos doutrinários sobre questões como comunismo, nacionalismo e democracia, além de análises dos métodos de ação da esquerda e do cenário internacional do momento.

Em concomitância, diferente de outros gêneros discursivos opinativos tradicionais, o *youtuber* se beneficia do prestígio por conta do suporte utilizado para veiculação de seu conteúdo. A *internet*, como suporte, propiciou uma revolução tecnológica, popularizando as

informações e as opiniões disseminadas por meio digital, quase sempre com um *status* de veracidade, com um ar de vanguardismo em que velhas opiniões e fatos antigos são recuperados, transmitindo-se a sensação de ineditismo. Nesse ponto de vista, é inegável, portanto, a importância de se estudar o discurso da mídia, levando em consideração o grande impacto sobre as formas coletivas de pensar.

Ainda mais importante do que identificar e refletir sobre o quadro cênico em que os discursos são enunciados é compreender como se constitui a **cenografia**, uma vez que todo discurso, por sua manifestação mesma, pretende convencer instituindo, a cena da enunciação que o legitima (MAINGUENEAU, 2005). O gênero e o suporte são imprescindíveis na compreensão dos efeitos discursivos; no entanto, a cenografia os desloca para um papel secundário. Para enunciar, além de evocar as marcas que inserem o discurso em determinado gênero, é necessário considerar uma encenação singular, ou seja, uma cenografia. Não é só decidir o tipo de texto, implica a escolha de palavras, de gestos, de tons, de alegorias, de formas e de estilos associados ao que se deseja enunciar a fim de alcançar validade.

A noção de cenografia se apoia na ideia de que o enunciador, por meio da enunciação, organiza a situação a partir da qual pretende anunciar. Todo discurso, por seu próprio desenvolvimento, pretende, de fato, suscitar a adesão dos destinatários instaurando a cenografia que o legitima(MAINGUENEAU, 2015, p.123).

Os *Sumários do Comunismo Internacional*, por seu turno,também detêm sua cenografia. Os registros compõem um conjunto de outros documentos e correspondências produzidos pelo SNI. Um *Sumário*, em tese, apresenta divisões e enumeração, seções e capítulos que formam partes de um trabalho. De modo geral, o documento cumpre a função de catálogo, contudo o *corpus* analisado possui especificidades as quais deixam claro que sua função não era apenas a de informar, mas sim persuadir.

A capa dos fascículos traz sinalizações de que se trata de documento informativo e estritamente reservado. Sua circulação, em princípio, é restrita aos órgãos de segurança e de inteligência, estendendo-se à administração que a partir de então, tomava, revogava ou reiterava decisões de cunho político. Logo em seguida, como analisado neste trabalho, tem-se a seção *Conheça o Inimigo*: item esse que visava fornecer as supostas bases filosóficas e ideológicas dos comunistas. Compreende-se assim, já de início, que o *Sumário* possui características que extrapolam as de um texto meramente informativo. O texto segue ainda com a compilação de datas dos principais eventos comunistas, destacando, sob seu ponto de

vista, as mais relevantes. Após a elaboração do índice, são descritas e narradas informações objetivas sobre a atuação de sindicatos, de estudantes, da igreja, das produções culturais, de jornalistas e de grupos socialmente discriminados, como negros e mulheres.

Cria-se, então, uma cenografia, em que os trechos com juízos de valor prevalecem. Os movimentos da sociedade civil são ridicularizados, ao passo que são justificados a censura e os atos violentos. Há transcrição de publicações completas, como a analisada na SD, cuja autoria, em algumas oportunidades, não é passível de identificação. Os artigos de opinião ou as cartas opinativas tratam, em sua maioria, de temas econômicos e geopolíticos; contudo persiste a preocupação com a perpetuação do comportamento conservador além da condenação das práticas consideradas subversivas ou terroristas.

A cenografia proposta pelos *youtubers* da nova direita brasileira faz uso de uma estética voltada, principalmente, para o convencimento. Ela se apropria de aspectos do cotidiano e por meio da linguagem informal se aproxima dos mais diversos tipos de interlocutores, tentando evitar possíveis barreiras de comunicação entre os seguidores e autor. Os *youtubers*, neste sentido, passaram a exercer grande influência social. Há movimentos sociais e partidos políticos que decidiram criar seus próprios *youtubers* para disseminar suas mensagens para um público específico sobre o qual os meios de comunicação tradicionais e as redes sociais como *Facebook* e o *Twitter* não exercem grande influência.

O *youtuber*, neste bojo, apresenta-se, como um dos principais legitimadores de verdades sociais e de ideologias, pois seu dinamismo, sua linguagem, o formato atribuído às informações parecem atender às necessidades do mundo moderno. Sua audiência anseia, para além do conteúdo apresentado, uma performance – umacenografia na qual haja uma imbricação do sujeito empírico com artifícios criados para que as opiniões e os discursos sejam enunciados. Ainda assim, o gênero se vale de ser veiculado no *YouTube* – maior *site* de vídeos do mundo – o que para um número expressivo de pessoas, já é o suficiente para validar o conteúdo veiculado na plataforma.

O *youtuber* conservador percebeu que atacar é a melhor estratégia para adquirir maior audiência e, conseqüentemente, mais seguidores. Desta forma, críticas à pauta relacionada aos direitos humanos, como ações propositivas em favor das minorias sociais, temas que giram em torno da sexualidade e do comportamento de órgãos de imprensa são duramente criticados, além de contradizer, sem razoabilidade, os valores progressistas. A argumentação confusa, às vezes apresentada com sérios equívocos, é uma constante nos vídeos. Ainda assim, as afirmações são proferidas num tom irônico, inclinando-se para o jocoso. Algumas

referências se impõem a fim de consolidar o argumento de autoridade e alcançar legitimidade. Por outro lado, as citações contrastam com a superficialidade do uso dessas mesmas citações e referências, bem como a utilização de frases descontextualizadas e distorções das ideias as quais pretendem desqualificar.

Os *Sumários* e os vídeos, assim, cada um com sua especificidade e sua cenografia, são tentativas de legitimação do discurso de seus respectivos enunciadores que, agora, serão analisados na perspectiva de sujeitos discursivos preconizada pela ADLF. Nesta pesquisa, a noção está inserida na teoria pecheuxtiana, bem como dentro do quadro cenográfico de Maingueneau uma vez que quem enuncia ocupa lugares sociais que podem contribuir para validação de seu discurso e fazer prevalecer sentidos os quais mantêm ou modificam realidades sociais a favor de quem os enuncia, seja ele uma pessoa ou um grupo.

A noção de sujeito é basilar para produção de uma interpretação em AD. Este trabalho acolhe a perspectiva de um sujeito clivado, dividido entre o consciente e o inconsciente mais condizente com a noção de interdiscurso. O primeiro é o conhecido; já o segundo é o outro, menos discutido. O Outro que ocupa uma posição de domínio com relação ao sujeito, o discurso do pai, do pastor, do político, da ciência etc., que se cristaliza no discurso do sujeito e lhe confere identidade. Leva-se, portanto, em consideração que os sujeitos são condicionados por determinadas ideologias que predeterminam o que pode ou não ser dito em determinada conjuntura sócio-histórica.

Embora inserido em um gênero do discurso com certa regularidade, tratar da noção de sujeito nos *Sumários do Comunismo Internacional* não é uma tarefa simples. Emerge uma questão sobre a quem atribuir a autoria do discurso inserido no documento, uma vez que não é possível identificar assinatura, apenas uma tímida menção de quem o produziu. Diferente dos anos de 1970 e 1971, os *Sumários* de 1973 não possuem mais a assinatura do chefe do SNI. Diante de tal realidade, opta-se por eleger o Serviço Nacional de Informação como sujeito discursivo. Endente-se que essa opção é razoável, já que um sumário mensal desta extensão só pode ser produzido com grupo numeroso de observadores, afinados com a ideologia da instituição.

Então, nessa perspectiva, compreende-se que o SNI filiado à ideologia conservadora, adere às formações discursivas que compartilham sentidos já previstos por essas mesmas FDs. Assim, a instituição – que inclusive é um aparelho repressivo e ideológico do Estado, segundo o preconiza Althusser – enuncia inscrito num espaço discursivo demarcado pela formação ideológica que a rege. Integrar um dos aparelhos de Estado, por si só, indica um lugar social

por meio do qual o SNI enuncia e goza das prerrogativas da legitimidade, do prestígio, da tradição, ainda assim, veiculado às forças repressivas de inteligência, inspira um poder associado à força e ao medo.

As especificidades do SNI, atuando como sujeito discursivo, colaboram para a cenografia proposta, no momento em que os sentidos sugerem a tentativa de convencimento, produzindo uma cena de enunciação que o legitima. Desta maneira, o discurso conservador, ocupando a forma de texto/documento, sendo enunciado por uma instituição de inteligência, veiculado ao Estado, naturalmente, é passível de validação. Ademais, documentos mais regulares como os *Sumários*, são mais assertivos, por serem entendidos como uma cena validada, ou seja, cenas já instaladas na memória coletiva, facilmente, reconhecidas.

Abordar, por seu turno, a noção de sujeito a partir dos vídeos selecionados que tratam do Movimento Escola sem Partido, exige elencar os três *youtubers* e seus respectivos canais uma vez que os vídeos possuem autoria individualizada e identificável: Arthur do Val do canal *Mamãe falei*; Rafael Lima do canal *Ideias Radicais* e Nando Moura do canal *Nando Moura*. São *youtubers* que, declaradamente, integram a linha de frente na composição da “nova direita” que utiliza os meios digitais como principal veículo de divulgação de suas ideias.

Arthur do Val, segundo o próprio, é empreendedor, influenciador, ativista político e mais recentemente, Deputado Estadual (Democratas) pelo Estado de São Paulo. Seu público é de mais de 2,6 milhões de pessoas na web e na televisão, no rádio e em suas palestras. Idealizador de cursos de política, de comunicação e persuasão. Construiu o canal *MamãeFalei* com o objetivo de comunicar, segundo ele, as mudanças de que o país precisa. Com exceção do cargo público, este era o perfil de Arthur do Val, no momento da produção do vídeo analisado.

Sugerido como um dos *youtubers* de Bolsonaro, Rafael Lima é o menos radical ao apresentar suas ideias ainda que o título do seu canal seja justamente *Ideias Radicais*. Entre os *youtubers* da nova direita é o que mais adota a ironia como estilo de sua argumentação, o que mais faz uso de referências – muitas vezes questionáveis – motivo que talvez explique o maior tempo de duração de seus vídeos. Defensor do liberalismo, ele possui 250 mil inscritos no seu canal e 30 milhões de visualizações, já chegou a publicar até 20 vídeos por semana.

Já o canal de Nando Moura existe desde 2011. De início, os vídeos apresentavam o autor ensinando a tocar instrumentos musicais, mas, no ano de 2015, houve uma reviravolta e o *youtuber* passou a abordar em seus vídeos assuntos sobre política, feminismo, público LGBT. Em consequência, logo o número de seguidores triplicou. Nando se autodefine como

um conservador liberal, comentarista da filosofia e da teologia (segundo ele, por já ter lido muitos livros), tendo criado o seu canal, conforme afirma, com o intuito de expandir seu conhecimento. Atualmente, seu canal conta com um pouco mais de 3 milhões inscritos. Além disso, Nando é bem seguido também nas redes sociais como o *Twitter* (244 mil seguidores), *Facebook* (522.418) e *Instagram* (411mil seguidores).

É ocupando o lugar de influenciadores digitais reconhecidos que estes sujeitos enunciam. Sua audiência, traduzida por números de seguidores, criam um ciclo que retroalimenta determinada forma de dizer. Há, portanto, uma legitimação do conteúdo e uma receptividade das estratégias discursivas produzidas. Uma ilustração os comentários anexados às postagens. Estes servem de termômetro da aceitação do que é enunciado e da forma por meio do qual este conteúdo é apresentado.

Desta maneira, o sujeito *youtuber*, além de ser influenciado pelas ideologias que lhe conferem identidade, é sensível às condições de produção e possui um canal direto – que são os comentários, para verificar se sua comunicação está ou não sendo validada. O autor, a partir daí, além de se comunicar para uma audiência afinada às suas filiações ideológicas, lê pistas do que seu público anseia e se aperfeiçoa. Ele é consciente de que há uma sociedade ávida por justiça social, historicamente, desrespeitada, com uma indignação contida que pode se afeiçoar a discursos agressivos. Por esta razão, sempre ao se apresentar, insere nos seus enunciados o tom agressivo e a autoconfiança. Esta última é constituída a partir da apresentação de um conteúdo cujas fontes são questionáveis pela distorção de fatos e de ideais aos quais se opõem.

Em um dos vídeos, Arthur do Val desqualifica toda a obra de Paulo Freire, após citar, em tom jocoso, uma única fonte que, segundo o *youtuber*, “refuta todas as ideias do patrono da educação brasileira”. Ou seja, apenas um autor, em um único livro é utilizado para desmerecer a obra internacional e reconhecida de Paulo Freire que serve de referência principal para inúmeros trabalhos em diversas áreas do conhecimento.

A violência está presente não só no tom do que é anunciado. Palavras de baixo calão são frequentes, além da presença de frases levianas sob a égide da liberdade de expressão. O discurso bélico no qual é necessário forjar um inimigo – não por coincidência a esquerda política – é constante em todos os vídeos. O comunismo, após décadas, é tomado como um fantasma que deve ser eliminado. É importante frisar que os vídeos são divulgados um ano antes das eleições mais abrangentes do país. Em 2018, foram eleitos presidente, senadores, governadores e deputados. Dois *youtubers*, analisados neste trabalho, candidataram-se e

obtiveram êxito em seus pleitos. Kim Kataguiri (DEM) como deputado federal e Arthur do Val (DEM) como Deputado Estadual, ambos pelo estado de São Paulo. O Primeiro obteve 465.310 votos; já o segundo, 478.280. É digno de nota que em outros estados como Ceará, Goiás, o fenômeno também ocorreu.

Os discursos, nesse sentido, independentemente de sua natureza, deixam reflexos na sociedade, reverberam e se cristalizam em ações sociais. Com o discurso conservador não poderia ser diferente. O aumento no número de políticos associados ao reacionarismo implicou no fortalecimento da aliança do conservadorismo com a censura, trazendo à tona sucessivos atos que promoveram o tolhimento da liberdade de expressão na área da cultura e da educação, o que justifica, em parte, a retomada do obscurantismo político e social contemporâneo.

Compreende-se, após a análise, que a ideologia conservadora teve atuação contundente durante o período de exceção no Brasil, sendo (re)significada, de forma mais expressiva, no período anterior às eleições de 2018. A história recente do Brasil apresenta-se como uma oportuna ilustração de que instituições movidas por discursos de censura contribuem para o retrocesso das relações político-sociais e para a estagnação do desenvolvimento da cultura. Pode-se interpretar, então, a aproximação entre o discurso dos documentos produzidos pelo SNI e os proferidos pelos *youtubers* como mera afinidade ideológica ou uma tentativa de revigorar o conservadorismo, imbricados em gestos de censura, uma vez que, historicamente, esta ideologia se fortalece paralelo à descrença da população em intuições que asseguram justiça, equidade social e liberdade de expressão.

Na pesquisa, a segunda interpretação supracitada se justifica, uma vez que é observado o discurso conservador manifestado nas sentenças referentes ao suposto *terrorismo cultural*, promovido pelos comunistas, registradas nos *Sumários*, em 1973; deslocado para outras semelhantes, expressas por *youtubers*, em 2019, quando trataram da possibilidade de implementação do projeto Escola sem Partido. Os registros, em suas respectivas materialidades, revelavam uma ótica moralista ao tratar de temas como família, religião cristã, sexualidade e, sobretudo, sistema de ensino. Mais especificamente, acusam os esquerdistas de contaminarem os movimentos culturais e o ambiente escolar, por meio de um processo de ideologização, no qual o comunismo e o marxismo seriam as correntes de pensamento privilegiadas. Comportamento reprovável, portanto, que justificaria a naturalização do cerceamento de liberdades e a implementação do projeto Escola sem Partido. Iniciativa essa

que estimula alunos e pais de alunos a vigiarem o comportamento profissional de docentes, bem como suas diretrizes educacionais.

O deslocamento discursivo, portanto, ao (re)significar o conservadorismo nos vídeos dos *youtubers*, produziu efeitos de sentido próprios. Isso ocorre, uma vez que, a História não se repete e que os fatos acontecem num movimento em espiral, os quais voltam a um lugar, que nunca é o mesmo. O conservadorismo, manifestado no período de Ditadura Militar brasileira, através dos documentos do SNI, deprecia o comunismo, enxergando-o com uma ameaça que pretendia chegar ao poder com o objetivo de reformular negativamente as estruturas econômicas e sociais. De outro modo, os vídeos elaborados pelos *youtubers* ultradireitistas, formulam outros sentidos, ainda que a desqualificação ao progressismo estivesse mantida. São produzidas acepções que destacam que a esquerda política no Brasil chegou ao poder e, assim, implementou um projeto de desmantelamento da sociedade brasileira, investindo contra os sólidos parâmetros educacionais do país e contra a organização social, por estimular o debate sobre novas possibilidades de composição familiar e a modificação de valores humanos.

Ademais, observam-se marcas linguísticas que indicaram a ocorrência do interdiscurso entre os *Sumários* elaborados pelo SNI e os vídeos produzidos pelos *youtubers*. Identificam-se, por exemplo, implícitos nos quais militares e políticos ultradireitistas, cada um a sua época, seriam compreendidos como salvadores de uma nação ameaçada por corrupção moral promovida, na Ditadura, pelos comunistas subversivos; e, a partir de 2016, pelos progressistas remanescentes, sobretudo, os integrantes do Partido dos Trabalhadores (PT). Dessa maneira, o discurso conservador, um dos pilares da Ditadura Militar, (re)significou-se e contribuiu para cancelar a eleição de Jair Bolsonaro para Presidência da República, nas eleições de 2018, representante máximo da extrema direita, conforme suas propostas eleitorais.

Nos registros analisados, há a predileção por uma escolha lexical cujo objetivo é desqualificar o progressismo. Elege-se, portanto, a esquerda como inimigo a ser combatido e rechaçado. Impõe-se a ela, então, um processo histórico-político silenciador no qual outros sentidos são apagados, conseqüentemente, outras alternativas de economia e de modelos de sociedade são impossibilitados de serem discutidos porque foram interditados e silenciados.

A interdição de sentidos, portanto, dá-se, principalmente, por meio do cerceamento e da força. Uma vez naturalizado, esse processo, funciona como pré-construído; e gestos de censura, por conta disso, são validados. Nos anos de chumbo, o Governo Militar lançava mão da arbitrariedade e intransigência; e mais recentemente, Estado e grupos reacionários

subvertem o princípio da liberdade, promovem vigilância a movimentos artísticos e patrulhamento das instituições de ensino.

A partir da reascensão do conservadorismo, condições sociais são forjadas para o retorno de práticas autoritárias e reacionárias promovidos por diferentes setores da sociedade. Ilustram bem essa realidade os episódios discutidos neste trabalho: a suspensão da exposição Santander; proibição da performance no MASP; a tentativa de implementação da escola sem partido. Contudo outras ações autoritárias resultante da onda conservadora passam a ser recorrentes e pessoas públicas, assim como representantes políticos aderem ao moralismo, à crítica destemperada como características de seus dizeres.

Candidatos eleitos autorizados pela pauta conservadora procuraram não decepcionar a também conservadora sociedade brasileira, logo o processo de censura se iniciou com a interrupção, sem justificativa clara, da temporada de duas peças de teatro contempladas pelo programa Caixa Cultural. Em agosto de 2019, o próprio Presidente da República, Jair Bolsonaro, nas redes sociais, criticou editais e concursos fomentados por instituições públicas, mais tarde suspensos, com a participação de obras audiovisuais com temáticas LGBT.

Essa maneira reacionária de gerir as instituições públicas traz consequências que inviabilizam o desenvolvimento natural das sociedades. O Itamaraty, por exemplo, censurou até 2024 documentos sobre sua política de gênero. O órgão negou o acesso a documentos que expliquem o motivo pelo qual o Governo Brasileiro passou a rejeitar, na ONU, o termo igualdade de gênero ou educação sexual em resoluções e textos oficiais.

E a censura aparelhada no Governo se tornou um instrumento de controle de informações. Instituições cujos trabalhos gozam de credibilidade passaram a ter suas produções engavetadas ou desqualificadas. Desde que o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) detectou aumento da degradação florestal, a partir de junho de 2019, o órgão virou alvo de ataques do presidente e do ministro de Meio Ambiente, na época, Ricardo Salles. O embate resultou, sob protestos da área científica, na exoneração de Ricardo Galvão que incentivou pesquisadores a denunciarem tentativas de controle na ciência. Com receio de impulsionar uma política de descriminalização das drogas, o governo desqualificou e censurou o estudo proposto pela Fiocruz por conta dos resultados da pesquisa ir à contramão das medidas estabelecidas pela nova Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) que visam o endurecimento no tratamento de dependentes químicos. Por fim, mesmo seguindo padrões internacionais, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

(IBGE), teve sua aferição do desemprego rechaçada e chamada de farsa pelo presidente por não corresponder à realidade, segundo ele.

Entende-se, assim, que práticas reacionárias, ancoradas em uma ideologia conservadora, podem trazer consequências indeléveis para a sociedade brasileira. A precarização de políticas públicas que estimulem o bem-estar social, a negação da ciência como ferramenta de desenvolvimento, a censura de atividades culturais e o reducionismo das questões que envolvem o ensino sinalizam o obscurantismo no qual está inserida a sociedade brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após transitar pelos cinco capítulos dessa pesquisa, constatou-se a relevância das condições de produção dos discursos no estudo da (re)significação dos discursos conservadores no Brasil. Sentenças que se entrelaçaram na memória, (re)produzindo sentidos pinçados de outros contextos, significando no presente, com suas especificidades, retomando ideologias. São esses movimentos discursivos, portanto, que levam a crer que o presente e o futuro também reeditam o passado pelo/no acontecimento discursivo, uma vez que esse se constitui “no ponto de encontro de uma atualidade com uma memória” (PÊCHEUX, [1983] 2002).

Dessa forma, a partir das análises produzidas, observou-se que não há dissociação de discurso e ação social, uma vez que passados 36 anos do fim da Ditadura Militar, em 1985, o Brasil revive um cenário constituído de políticas e de comportamentos conservadores extremados. O país que passou por 21 anos de repressão política e violações de direitos humanos, além de ter marcado os anos de exceção nos lugares públicos que carregam nomes de generais protagonistas do Golpe de 1964, sofre com indícios desse momento histórico reverberando em leis, em ações e, sobretudo, em discursos que determinam ou direcionam políticas públicas de promoção social e de direitos humanos.

Esse fato implica no intenso trânsito de discursos conservadores, o qual promoveu consequências para sociedade, justificando a necessidade da relação estreita entre a Análise do Discurso e o político. Ao se assimilar que discurso é prática social (PÊCHEUX, 2014), compreendeu-se, nesse trabalho, como a manifestação de enunciados reacionários, no Brasil, autorizou a vigilância de movimentos artísticos e a revisão de diretrizes educacionais a partir de uma perspectiva moralista-cristã e, décadas depois, foram forjadas condições sociais para o retorno de práticas autoritárias, promovidas por diferentes setores da sociedade.

Ao se tratar das condições sociais, destacou-se a representatividade do contexto na formulação dos enunciados. O estudo, assim, reafirmou o momento histórico como elemento constitutivo do discurso conservador, tanto no período pré-golpe militar, quanto no período anterior às eleições de 2018. Desse modo, de acordo com a discussão apresentada, verificou-se que a dispersão ou a retomada de enunciados estão condicionadas à exterioridade. Por esta razão, infere-se que, caso a economia brasileira estivesse em momento positivo, os ganhos sociais se encontrassem solidificados e as relações entre os poderes fossem de respeito e

honestidade, supõe-se que discursos conservadores não teriam o mesmo impacto perante a sociedade nos dois períodos abordados.

O conservadorismo institucionalizado brasileiro, principalmente o que sedimentou o período de exceção, foi interpelado por ideologias com as quais a sociedade precisará conviver, uma vez que a história ensina que discursos totalitários e fascistas, por exemplo, reascendem em países mergulhados em períodos de crises, sobretudo, econômicas, transmitindo a sensação à sociedade de o futuro/presente repetir o passado. Foram estabelecidos, portanto, interdiscursos que permitiram compreender a repetição/retomada de ideologias reacionárias, proporcionando o trânsito do conservadorismo através do fio da memória.

Desse modo, após a reeleição da presidenta Dilma Rousseff, despontaram as manifestações de conservadorismo e de censura. Pessoas públicas e representantes políticos da extrema direita aderem ao moralismo, à crítica destemperada como características de seus dizeres, a fim de legitimarem a retomada do poder político; em seguida, do poder econômico, justificando a adesão ao discurso reacionário nesse lapso de tempo.

Após o impeachment, no governo de Michel Temer (MDB), o conservadorismo tornou-se mais robusto e os movimentos de censura mais comuns. Além dos estudantes, os docentes, em todos os níveis de carreira, passaram por algum tipo de patrulhamento: seja na interferência do governo na composição da gestão universitária e dos institutos federais; seja por meio de ações movidas por parlamentares que desejam perseguir professores e universidades e interferir no conteúdo das disciplinas.

Inserido nesse contexto, analisou-se que youtubers ultradireitistas (re)significaram em seus dizeres o conservadorismo, aproximando-os de sentidos reacionários materializados em documentos oficiais produzidos pelo Serviço Nacional de Informações (SNI). Ademais, constatou-se que a ideologia conservadora/neoliberal nos registros foi retomada em vídeos que se propuseram a desqualificar manifestações artísticas e a defender o projeto Escola Sem Partido.

Os ultradireitistas desenharam uma sociedade ideal a partir de um prisma religioso e tradicionalista, porém que, após verificação de seus desdobramentos, identificaram-se práticas que, por fim, beneficiaram grupos econômicos liberais. Percebeu-se, assim, a condução da sociedade para uma espécie de conservadorismo nos costumes e para o fortalecimento do liberalismo na economia, uma vez que seu principal representante, o presidente Jair Bolsonaro, foi eleito com a promessa de realizar privatizações e flexibilizar leis trabalhistas e

tributárias, ao passo que se posicionava como defensor da família tradicional brasileira e dos valores cristãos.

Para chegar a tais conclusões, destacou-se, ao longo do trabalho, a relação da Análise do Discurso de Linha Francesa (ADLF) com as questões políticas, ao passo que se trouxe à tona momentos relevantes da história recente do Brasil, como marcos teóricos que, aqui, foram selecionados, a fim de aprofundar a análise do corpus apresentado. Observou-se como as noções da ADLF podem trazer contribuições enriquecedoras quando o objetivo da leitura é a compreensão de enunciados inseridos nos seus respectivos contextos, ressaltando a historicidade das palavras. Para a abordagem utilizada na análise, importou pensar a noção de funcionamento linguístico no texto, sem que se privilegiasse tão somente a língua, tampouco somente o aspecto extralinguístico, mas, sim, sua relação constitutiva. Implica dizer, destarte, que a pesquisa, ao longo de seu curso, entendeu a linguagem em uma perspectiva que a considere não apenas como mero instrumento de comunicação, antes, pelo contrário, que a considere como parte integrante das interpretações produzidas sobre o mundo.

Conceitos fundamentais da ADLF foram revistos e aplicados a linhas de pesquisa que priorizam os estudos sociais. Assim, foram postas em discussão as tendências conservadoras e as aceções totalitárias manifestadas por generais do exército brasileiro ao tratar das matérias referentes à prisão, após a condenação em 2ª instância, e à votação do *habeas corpus* de Lula, o que implicaria na prisão ou não do ex-Presidente e na impossibilidade de o petista se candidatar à Presidência. Descreveram-se, portanto, as circunstâncias políticas pelas quais o Brasil passou a partir de um pouco antes das eleições de 2018, período caracterizado pelo recrudescimento do cenário de instabilidade política e social: impeachment da presidenta Dilma Rousseff, país polarizado, descrédito nas instituições políticas e jurídicas.

Avaliou-se que, em 1964, o ambiente de intranquilidade e instabilidade política favoreceu o golpe cívico-militar; em 2018, contexto semelhante propiciou o surgimento de grupos e candidatos reacionários que instituíram como seus principais opositores os remanescentes do comunismo da última ditadura brasileira. Estabeleceu-se, assim, uma polarização político-partidária que fomentou o maniqueísmo, superficializando o debate sobre as questões sociais do país. Nessa batalha eleitoral, os ultradireitistas obtiveram êxito e além de elegeram seu candidato à presidência da república, ocuparam parte considerável da bancada do legislativo em Brasília e em outros estados do país.

A pesquisa, por sua vez, também discutiu o componente ideológico na constituição dos discursos. Percebeu-se que os *youtubers* conservadores brasileiros também tomaram para

si o liberalismo como uma de suas bandeiras. Esses acenam ao mercado com a flexibilização tributária, com o aceleração no processo de privatizações e com a redução ou a reformulação de direitos trabalhistas. Semelhante às diretrizes que norteavam a administração militar, o atual governo enfatiza, em tese, avanços em termos materiais tais como: equilíbrio das finanças públicas, segurança e ordem; ao passo que, em questões mais subjetivas e comportamentais, ressalta-se a moral, os bons costumes e a proteção da família e de seus “valores”, quase sempre atrelados à religiosidade.

A suposta subversão dos valores morais da sociedade brasileira foi protagonista nos dizeres dos mentores e dos apoiadores da Ditadura Militar Brasileira. Por esta razão, ressaltou-se o esforço do governo de exceção para sabotar os movimentos culturais, além de promover agressões na área de educação e na produção do conhecimento – comportamento político, inclusive, semelhante ao do atual Governo Federal. A justificativa para tal violência por parte do regime, de acordo com a documentação estudada, é de que estes setores estariam contaminados por agentes subversivos, conspiradores e comunistas.

A pauta conservadora de costumes atuou como chancela moral que habilitou o Governo Militar a praticar arbitrariedades e a desrespeitar os direitos humanos, instrumentalizando-se, para isso, através de aparelhos de repressão, como a implementação de leis e a criação de os órgãos de vigilância vinculados ao governo.

Os Sumários do Comunismo Internacional– documentos analisados neste trabalho – eram remetidos aos órgãos de repressão locais para acompanhamento. Nesses arquivos, portanto, foram reiterados a necessidade de controlar e combater o inimigo interno. Esse inimigo podia ser representado pelos grupos organizados que lutavam contra a ditadura civil-militar ou por artistas, por intelectuais e por educadores, sobretudo, aqueles com tendências progressistas, conforme foi enfatizado na pesquisa.

No Brasil, contudo, após o processo de reabertura política, a sociedade passou a discutir, ainda que timidamente, pautas relacionadas à diversidade, às minorias e, sobretudo, aos direitos humanos. É ponto pacífico que houve conquistas nessas áreas, principalmente na última década, o que resultou no reconhecimento e na conquista de direitos de populações socialmente marginalizadas e historicamente discriminadas. Paralelo a isso, a liberdade de expressão em suas diferentes manifestações passou a ser um valor social sempre enaltecido, embora nem sempre respeitado. Houve, contudo, oscilações econômicas após o período de reabertura política, turbulências essas, muitas vezes, que foram acompanhadas por denúncias de corrupção que marcaram instituições públicas importantes para estabilidade político-

econômica do país. A crise econômica, instalada na gestão da presidenta Dilma Rousseff, por exemplo, foi também utilizada, politicamente, para destituí-la de sua liderança, como também colaborou para o re(surgimento) de discursos conservadores, afinados, desta vez, à ideologia neoliberal.

Tais conteúdos, desse modo, circularam com destaque pelo ambiente virtual. Nas plataformas digitais, foi expressivo o número de vídeos cujo assunto correspondia a temas políticos, econômicos e valores humanos, com frequência, discutidos sob o prisma do conservadorismo. Dessa forma, a pesquisa, por meio da análise produzida, compreendeu que sentidos reacionários prevaleceram no período anterior às eleições de 2018 e ainda servem de sustentação ideológica para o atual governo do presidente Jair Bolsonaro, o qual, sistematicamente, vem promovendo estagnação e retrocessos na condição social da população.

A ADLF, ao longo da tese, reafirmou sua vocação para investigar a linguagem como instrumento político, dando ao trabalho suporte e fundamentação para as análises apresentadas. Apresentou-se como um possível e eficaz instrumento de investigação, sobretudo, para o campo das ciências humanas e sociais. A pesquisa desenvolvida, por sua vez, revelou-se importante por descrever e por refletir, com objetividade, contextos sociais nos quais o obscurantismo e o totalitarismo foram defendidos; por divulgar informações e documentos já catalogados, porém ainda pouco explorados; por associar discursos de esferas e suportes distintos; porém nos quais seus protagonistas disseminaram pensamentos afinados com o conservadorismo. O debate em torno dessa questão revelou-se importante na medida em que discursos conservadores são retomados, muitas vezes, como ideal social, por meio de semelhantes elementos de um passado político brasileiro não tão remoto no qual os direitos humanos foram violados pelo Estado. Em última instância, discutir e problematizar a retomada do discurso conservador brasileiro, na atualidade, tornou-se um importante exercício em defesa da saúde mental e dos direitos do cidadão brasileiro, uma vez que regredir nas conquistas dessas áreas sinalizaria um prejuízo, sobretudo, para os grupos sociais discriminados historicamente.

No que compreende a área da linguagem a tese proporcionou uma leitura na qual os conceitos da ADLF estiveram a serviço de uma investigação sociohistórica, buscando avaliar os efeitos de sentido (Orlandi, 2005) produzidos pelas pistas discursivas deixadas por quem tinha o poder de interpretar e censurar a atuação das pessoas ou a difusão de conteúdo ou de produções artísticas. Dessa forma, avaliar as implicações na constituição de uma memória

coletiva, entendendo-a como aquela formada pelos fatos e aspectos julgados relevantes e que são guardados como memória oficial da sociedade mais ampla (FRENTRESS; WICKHAM 1992). Esse exercício, propiciou, ao leitor, a possibilidade de analisar o fomento de discursos reacionários, inseridos em condições sociais forjadas para o seu retorno, bem como a atuação de patrulhamento ideológico e da censura promovidas por diferentes setores da sociedade.

Ao avaliar documentos que registram a atuação de órgãos de informação do período da Ditadura Militar, comparando-os a recentes discursos manifestados nos vídeos de *youtubers* ultradireitistas, discutimos algumas hipóteses e questões nesse trabalho.

A primeira delas foi avaliar em que medida se deu a aproximação dos sentidos encontrados nos documentos e os sentidos proferidos pelos *youtubers* autodeclarados da nova direita no Brasil. Verificou-se que para além das intercessões ideológicas, já indicadas nessas considerações finais, há uma inclinação para temas que envolvam sexualidade, ou seja, considerados tabu. Há a preferência por termos pejorativos, desqualificadores e pela criação de um cenário bélico ao tratar de personagens vistas como progressistas e de suas respectivas atividades, lançando mão, para isso, de diferentes figuras de linguagem. Esse conjunto de manifestações produziu uma arquitetura discursiva na qual sentidos de combate ao comunismo, socialismo e afins foram se revezando e se complementando.

Outra questão que se seguiu foi de como ações reacionárias se constituíram num risco à sociedade, a partir da natureza do que está sendo censurado/criticado. Numa manifestação de clamor ao passado, os conservadores atuais, dentre os quais estão os *youtubers* direitistas, instrumentalizaram-se a fim de estabelecer um ambiente de patrulhamento das produções artísticas e das competências de ensino. Essa prática, tão recorrente no período de ditadura militar, acentua-se a partir de partir do caso do *Queermuseu*, em setembro de 2017. Após esse episódio, seguem outros ao longo de 2018, portanto ainda durante o governo de Michel Temer, de repercussão mais local ou regional, e se sucedem no mandato do Presidente Jair Bolsonaro. A sensação transmitida é que o presidente não governa; mas sim se vinga. Proibição de espetáculos, cancelamentos de editais e demissões sem justificativa de gestores públicos foram algumas das práticas coercivas promovidas do governo atual, que age, conscientemente, de acordo com as ideologias com as quais estão imbricadas, afinado com os princípios do governo militar, representação máxima, na história do país, do autoritarismo reacionário. O legado deixado, portanto, para arte e educação do país é a estagnação. Impõe-se, assim, o retrocesso à ciência, uma vez que essa é constantemente desvalorizada e a marginalização às manifestações artísticas acusadas de subversivas e imorais.

Por fim, avaliou-se qual o impacto social do conservadorismo no atual cenário brasileiro, uma vez que o discurso filiado a essa ideologia se reflete nas práticas sociais. Ao discutir sobre essa última questão, a pesquisa alerta para o fato de que dois dos *youtubers*, cujos discursos foram analisados, tornaram-se representantes no legislativo estadual e federal. Acresce-se a tal fato que nas últimas eleições de 2018, formou-se a maior bancada conservadora no legislativo, após o processo de redemocratização. A onda conservadora liberal, dessa maneira, encontrou liberdade para atuar na confecção de projetos e (re)formulação de leis que visam atender aos seus próprios anseios e aos interesses de seus financiadores. Não se pode perder de vista, portanto, que a pauta moral e de costumes visou e ainda visa cancelar as ações e medidas que beneficiam determinados grupos econômicos e, ainda assim, faz parte de um conjunto de iniciativas com a qual se almejava a aquisição do poder político.

Em suma, considerando o fato de que nenhuma pesquisa pode esgotar completamente a análise do *corpus*, pretendeu-se, através das reflexões colocadas neste trabalho, investigar um fenômeno discursivo que sustentou movimentos políticos anteriores às eleições de 2018 e implicou em mudanças de comportamento substanciais. Após a produção da tese, tem-se a consciência de que outros caminhos teóricos poderiam ser percorridos e as materialidades discursivas poderiam ser analisadas através de outros prismas. Contudo o presente estudo, alicerçado em sua fundamentação teórica, une-se a outros da área da linguagem e da área das ciências sociais que pretendem promover discussões sobre fenômenos recentes que estão atrelados a manifestações ideológicas de um passado que teima em ser reproduzido, cujas principais características são o autoritarismo e a arbitrariedade, tão comuns ao período de exceção.

Essa maneira ideologizada de gerir as instituições públicas e de censurar as ações compreendidas como de esquerda ou progressistas, trouxe consequências que inviabilizam o desenvolvimento natural da sociedade. A ADLF e esse trabalho propiciaram ao leitor ferramentas a fim de que se possa compreender os movimentos discursivos e seus impactos. Por meio dessa análise, foi importante perceber os ataques aos setores importantes da sociedade como a cultura e a educação. Como o discurso de ódio foi instituído e disseminado, a fim de se ter ganhos políticos, o que proporcionou uma polarização social, fomentando a ameaça das diversidades e de quaisquer sentidos ou práticas que não correspondam ao conservadorismo e ao liberalismo.

Por fim, constatou-se que práticas reacionárias, ancoradas em uma ideologia conservadora, trouxeram consequências indeléveis, sobretudo, para o Brasil contemporâneo. A precarização de políticas públicas que estimulem o bem-estar social, a negação da ciência como ferramenta de desenvolvimento, a censura de atividades culturais e o reducionismo das questões que envolvem o ensino sinalizam o obscurantismo no qual se inseriu a sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

- ACHARD, Pierre. *Memória e produção discursiva do sentido*. In: ACHARD, P. et al. (Org.) *Papel da memória*. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 2015.
- ADAN, Jean-Michel. *Imagens de si e esquematização do orador: Pétain e De Gaulle em junho de 1940*. In: *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. (Org. Ruth Amossy). São Paulo: Contexto, 2008.
- AIUB, Giovani F. *Arquivo em Análise do Discurso: uma breve discussão sobre a trajetória teórico-metodológica do analista*. LEITURA MACEIÓ, N.50, JUL./DEZ. 2012.
- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1983.
- AMARAL, B. Maria Virgínia. *A dialética do arquivo: “pensar par trás”, entender o presente e mudar o futuro*. Revista Conexão Letras, vol., 9, n.11- Porto Alegre: UFRGS, 2014.
- AMOSSY, Ruth. *Da noção retórica de ethos à análise do discurso*. In: *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. (Org. Ruth Amossy). São Paulo: Contexto, 2008a.
- AMOSSY, Ruth. *O ethos na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos*. In: *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. (Org. Ruth Amossy). São Paulo: Contexto, 2008b.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 1998.
- BOBBIO, Norberto, 1909- *Dicionário de política* / Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1ª ed., 1998.
- BURGESS, Jean e GREEN, Joshua. *YouTube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade*. São Paulo: Aleph, 2009.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- DA MATA, Mário J. *Na mira da censura: movimento estudantil ontem e hoje cerceado pelo discurso oficial*. In: *Silêncio, memória, resistência: a política e o político na análise do discurso*. Campinas: Pontes Editores, 2019.
- DA SILVA, Elizete. *Protestantes e o governo militar*. In: *Ditadura Militar na Bahia: novos olhares, novos objetos, novos horizontes* / Grimaldo Carneiro Zachariadhes (organizador). Salvador: EDUFBA, 2009.
- DIAS, Cristiane. *Análise do discurso digital: sobre o arquivo e a constituição do corpus*. *Revista Estudos Linguísticos*, v. 44, n. 3. São Paulo, 2015.
- DUCROT, Oswald. *O Dizer e o dito*. São Paulo: Editora Pontes, 1987.
- FRENTRESS, James & WICKHAM, Chris. *Memória Social: novas perspectivas sobre o passado*. Lisboa: Teorema, 1992.
- FIORIN, José Luiz. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 3.ed. São Paulo: Loyola, 2014.

- GADET, Françoise. *Prefácio de Por Uma Análise Automática do Discurso*. In: *Por Uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. (2014). Campinas: Editora Unicamp, 2014.
- GASPARI, Elio. *A ditadura envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GASPARI, Elio. *A ditadura encurralada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- HADDAD, Galit. *Ethos Prévio e ethos discursivo: o exemplo de Romain Rolland*. In: *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. (Org. Ruth Amossy). São Paulo: Contexto, 2008.
- IBOBE. *Pesquisa*. Disponível em: <<https://exame.com/brasil/pesquisa-ibope-comprova-que-brasileiros-estao-mais-conservadores/>>. Acesso em: 4 jul. 2020.
- JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. Editora Aleph, 2009.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. *A Estetização do Mundo: Viver na era do capitalismo artista*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2015.
- LOSANO, Andreia A. Casanova. *Os livros didáticos de história e a Doutrina da Segurança Nacional*. São Paulo: Universidade Metodista. (Dissertação de Mestrado), 2006.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Tradução Freda Indursky. Campinas: Pontes; Ed. da Unicamp, 1997.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Editora Cortez. 2005.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Ethos, cenografia, incorporação*. In: *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. (Org. Ruth Amossy). São Paulo: Contexto, 2008.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e Análise do Discurso*. 1ª ed. – São Paulo: Parábola Editorial. 2015.
- MALDIDIER, Denise. *A Inquietação do discurso – (Re)ler Michel Pêcheux Hoje*. Campinas. Pontes 2013.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio & XAVIER, Antônio Carlos (org.). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- MARIANI, S. C. Bethânia. *Da incompletude do arquivo: teorias e gestos nos percursos de leitura*. *Discurso e memória: o arquivo e a língua*, v. 24, n. 1 [31], jan./jun – Campinas, 2016.
- MELO, Izabel de Fatima C. *No meio do caminho uma Jornada, ou era ela o caminho?* in *Ditadura Militar na Bahia: novos olhares, novos objetos, novos horizontes* / Grimaldo carneiro Zachariadhes (organizador). Salvador: EDUFBA, 2009.
- MEMÓRIAS DA DITADURA. *Educação básica: doutrina de educação básica nas escolas*. 2020. Disponível em: <<http://memoriasdaditadura.org.br/educacao-basica/>> Acesso em: 10 jul.2020.
- MONTAÑO, Sonia. *A construção do usuário na cultura audiovisual do YouTube*. *Revista Famecos mídia, cultura e tecnologia*. Porto Alegre-RS. v. 24, n. 2, maio, junho, julho e agosto de 2017.
- MOSTAÇO, Edécio. *Teatro e Política, Arena Oficina e Opinião*. São Paulo: Annablume, 2016.

- NETTO, P. José. *Pequena história da ditadura brasileira (1964-1985)*. São Paulo: Cortez, 2014.
- ORLANDI, Eni. *Discurso e texto*. Campinas: Pontes, 2001.
- ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, Pontes, 2005.
- ORLANDI, Eni. *As Formas do Silêncio*. Campinas, Unicamp, 2007
- ORLANDI, Eni. *Discurso em análise: sujeito, sentido e ideologia*. 2 ed. Campinas: Pontes, 2012
- ORLANDI, Eni. *Maio de 1968: os silêncios da memória*. In: ACHARD, P. et al. (Org.) *Papel da memória*. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 2015.
- PAVEAU, Marie-Anne. *Les énoncés na tifsdu web: analyse Du discours dès réseaux sociaux numériques (Twitter, Facebook, Pinterest)*. Campinas: Unicamp, 2014. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/anexos/MAP-Conf.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2020.
- PÊCHEUX, Michel. *Ler o arquivo hoje*. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. (org.). *Gestos de Leitura da história no discurso*. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010.
- PÊCHEUX, Michel. *Papel da memória*. In: ACHARD, P. et al. (Org.) *Papel da memória*. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 2015.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2014.
- PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 3. Ed. Tradução Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2002.
- PINHEIRO, MILTON. *Os comunistas e a ditadura burgo-militar: os impasses da transição*. In: PINHEIRO, MILTON. (org.). *Ditadura o que resta da transição*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- THOMPSON, B. John. *Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- VIEIRA, ROSÂNGELA. *Ecos da ditadura na sociedade brasileira (1964-2014)*. Rosângela de Lima Vieira (org.). – Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

CORPUS DA PESQUISA

CANAL DO ROMARIO. *VOCÊ FOI DOUTRINADO NA ESCOLA!* DISPONÍVEL EM: <<HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=FOTQEUMGPJS>>. ACESSO EM: 20 JAN. 2019.

IDEIAS RADICAIS. *Como lidar com seu professor de esquerda?*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Ar1D2lxKmrs>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

MAMAEFALEI. *De onde vem a DOUTRINAÇÃO?*- Paulo Freire. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1cd1TjS_v4Y>. Acesso em: 15 jan. 2019.

MAMAEFALEI. *MBL Censura Exposição Queermuseu do Santander*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FiSNvXJYmP4>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

MARISA, PAULA. *A exposição empoderade do Santander*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dL-FhdVcC5w>>. Acesso em: 21 jan. 2019.

MBL - MOVIMENTO BRASIL LIVRE. *Kim Katagui cobra decência e bom senso de “artistas” do MAM*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9MIGAO2ILv8>>. Acesso em: 22 jan. 2019.

RUA DIRETA. *A depravação do Queermuseu/Santander*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kNpVC1xxbMo>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

VEJAPONTOCOM. *Queermuseu: A vitória das trevas*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3oIr4VmVACA>>. Acesso em: 27 jan. 2019.

Anexo A – COMUNISMO INTERNACIONAL - SUMÁRIO INFORMATIVO - 02/FEVEREIRO 1973

b. O VERDADEIRO "TERRORISMO CULTURAL" NA AMÉRICA LATINA: A DISTORÇÃO E A NIPULAÇÃO DE FATOS E NOTÍCIAS PELAS AGÊNCIAS DE PROPAGANDA COMUNISTAS - O VASTO EMPREGO, PELO MCI, DOS INSTRUMENTOS E MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA PARA SEUS MALÉVOLOS DESÍGNIOS

**Beati Mortuique in Domino moriuntur".*

Felizes os que descansam no Senhor.

Mais uma vez, aqui nos reunimos para homenagear nossos companheiros que, em 1935, pela sua bravura, pelo seu heroísmo, pelo seu acendrado amor à Pátria tombaram pelas armas assassinas dos comunistas.

Reverenciando aqueles que foram vítimas da intentona comunista de 27 de novembro de 1935, não o devemos fazer com açodamento, como se tivéssemos de nos afastar deste local, e desta data tão cheia de recordações, e tão propícia à meditação. Fazêmo-lo cora o respeito que eles nos merecem e requerem de nós.

A comemoração da intentona comunista de 35, em nosso país, relembra-nos a ação desumana e covarde do comunismo, numa época que já se distancia de nós, mas que jamais será por nós esquecida.

Os caminhos que os dirigentes marxistas, de diversas linhas, seguem hoje, nem sempre são os da violência aberta, e do emprego da força militar; outros, os da infiltração silenciosa e solerte, do favorecimento de dissensões internacionais, do aproveitamento de crises políticas, da exploração do descontentamento de multidões sofredoras, lhes parecem mais curtos e seguros.

O comunismo não mudou em nada, de atitudes e de procedimento, nos dias atuais. A tática empregada é que se modifica, parcialmente, em alguns países. Preferem, os corifeus da ditadura marxista, a estratégia silenciosa da infiltração sorrateira, em todas as organizações políticas, econômicas e culturais dos países de regimes diversos.

Pretendem conquistar a juventude, principalmente, descrevendo e explorando as situações de injustiça e dominação existentes no mundo, e ocultando, zelosa e cinicamente, ou negando, descaradamente, a supressão de prerrogativas irrenunciáveis da criatura humana nos regimes comunistas. Mudam os planos estratégicos, mas não termina a guerra aberta contra a religião e a manutenção da ordem.

Presa fácil são os jovens, pois estes constituem massa de manobra ideal, por sua imaturidade, idealismo, desprendimento, espírito exibicionista, anseios reformistas e pela natural simpatia que despertam em todas as camadas da população. Em sua linha de ação, os comunistas procuram infiltrar-se nas Faculdades de Filosofia, justamente porque ali são formados os professores do curso secundário. Em sua atuação junto aos estudantes, os agentes comunistas utilizam-se da chantagem, da coação psicológica, dos tóxicos e, frequente e despidoramente, da atração sexual, propagando e difundindo o amor-livre. Pobre e desventurada juventude, se não lhe acorrermos para ajudá-la!

Os comunistas não descansam na sua faina de destruição. Partem para uma criminosa campanha de deliquescência mental que vem sendo empreendida no Brasil, através da imprensa e de outros meios de comunicação coletiva (com honrosas exceções).

O rádio e a TV se deram as mãos, num conúbio diabólico, para manipular o que poderíamos chamar "agitação político-sexual". Como são ágeis e astutos os criadores do mal! Eles não procuram atacar, frontalmente, os princípios de estabilidade da família, nem recomendam, abertamente, uma revolução brusca e imediata nos padrões de comportamento sexual. O que esses agentes da sexomania desejam é vencer, aos poucos, a resistência contra a imoralidade, e revestir as aberrações – que tão bem sabem criar - com um manto de dignidade aparente e, por fim, criar, nas vítimas dessa fraude, uma consciência tranquila, um estado de espírito confortável e complacente com o amoralismo por eles implantado em nossa Pátria.

E se nos fosse dado ouvir a voz dos nossos companheiros, aqui memorados, ouviríamos essa advertência: o amoralismo e a imoralidade se espriam, livremente, pelas revistas chamadas "científicas"; através de programas de TV, os "shows" e "sketches" entram, casa adentro, desfibrando e anestesiando a juventude. Não é preciso investigar meticulosamente. Basta comprar, abrir ao acaso e ler qualquer revista ilustrada, dessas que inundam as bancas e dominam o mercado editorial, sobretudo ultimamente. Quase todas elas vinculadas a redes de veículos financiados pelo supercapitalismo internacional, cujo anestesiante imperialismo de corrupção não parece suscitar, em muitos círculos, a mesma repulsa que proclamam face às manifestações, reais ou fantasiosas, do imperialismo que se pode enxergar através dos óculos embaciados do marxismo.

Nesse acervo fétido de dissolvência moral, podemos, sem medo de errar, dizer que, num futuro bem próximo, teremos uma juventude desfibrada física, moral e espiritualmente. E depois? Depois, num futuro remoto, teremos famílias desagregadas, dissolvidas moralmente, incapazes de serem aquilo que nos foi ensinado em casa, e nos bancos escolares: a família e o cerne da Pátria!

E do silêncio dos seus túmulos, a voz dos nossos companheiros chegaria aos nossos ouvidos, para dizer-nos, novamente, que o comunista é ardiloso, e sagaz. Que ele se transveste de padre e de professor; de aluno e de camponês; de piedoso católico e extremado protestante. Diria-nos que ele, o comunista, vai ao campo e às escolas; às fabricas e às igrejas; à cátedra e à magistratura, para engodar, mentir e ilaquear a boa-fé dos incautos.

Nas escolas, ele viola e estupra as inteligências dos jovens, nelas instilando o germe da descrença, da mentira e do ódio. No campo, ele se faz de bonzinho, pregando uma justiça social, por ele rejeitada e odiada. Junto aos patrões, ele, tentador diabólico, insinua o lucro fácil, e sopra-lhes ao ouvido que devem usar os homens como vis instrumentos de lucro, e não os estimar senão na proporção do vigor de seus braços. Nas Igrejas, ele começa pela demitização, para chegar a negação dos dogmas da nossa fé. E o pobre "Povo de Deus", tão falsamente glorificado como "povo", e tão desprezado por ser de Deus, procura, em derredor de si, sinais. Não procura sinais dos tempos, que esses já os tem em demasia: procura sinais de Deus. E esses sinais esmaecem, pela ação corrosiva do comunismo, entre aqueles que se ordenaram para ser os guardiães da fé. Dá-me vontade de alongar, aqui, a voz queixosa do Salmista: "Até quando, Senhor, o opressor nos insultara? Até quando blasfemarás contra o Teu nome o inimigo? E Porque, sim porque encolhes Tua destra? [...] Lembra-te, o inimigo insulta Javé e os insensatos blasfemam Teu nome". Nessa a apóstrofe atrevida, se podemos clamar aos céus gritando: "Levanta-Te, Senhor!" por mais forte razão podemos gritar a todos que detém nas mãos parcelas

de poder, e mostrar uma impaciência que vem do amor, uma impaciência que se nutre de esperança, uma impaciência que é um aspecto rude, avesso, mas ainda assim, genuíno da própria paciência.

Impacientâmo-nos porque o sabemos indefinido e mimetista: adapta-se a qualquer ambiente, usa de todos os meios, lícitos ou ilícitos - não importa - para atingir o fim a que se propõe.

Sabêmo-lo amante da anarquia e da pobreza; da miséria e da fome, porque nisto está o seu caldo de cultura para a revolta. Mas também sabemos que ele, quando vê a fome e a miséria, a pobreza e anarquia bateram em retirada e, em seu lugar, chegarem a ordem e a disciplina, o progresso e o desenvolvimento, aí, ele trinca e range os dentes, de raiva e de revolta. É aí, então, que ele se serve de todos os meios, até da democracia, para se lançar ao ataque. É aí que ele parte para a imprensa, para o rádio e a televisão, poluindo esses meios admiráveis de comunicação social. Esperto e vivo, ele parte para o campo científico e fala em psicanálise; no pedagógico, em educação sexual; no literário, em erotismo obrigatório; na publicidade, ele usa a baixa propaganda, e no teatro, ele urde a exibição indecente, orientada para a obscenidade.

Na moda feminina, ele aparece explorando o sexo; abala e quebra o respeito dos filhos pelos pais; nos templos, ele penetra para minar e destruir a fé que nos legaram os nossos maiores e, não contente, parte para a campanha de descrédito, e procura mobilizar, contra a sua própria Pátria, a opinião pública internacional, através da mentira e da distorção de fatos.

O comunista, artiloso e macio, frio e calculista, se veste de legislador e penetra os Congressos, para legislar contra a família que, "divinamente constituída, tem, por elementos orgânicos, a honra, a disciplina, a fidelidade, a benquerença e o sacrifício". Mas o comunista conspurca a honra, fomenta a indisciplina, detesta a fidelidade, porque afeito a quebra de compromissos. O comunista odeia a benquerença, porque esposa o ódio. Ao sacrifício, ele opõe as boas posições de onde possa, bem refestelado, em macias poltronas, proteger seus apaniguados, colocando-os, de- pois de bem escolhidos, em funções onde possam ser úteis ao Partido da traição e da mentira, onde a pessoa humana seja aviltada e espoliada das suas liberdades.

Honrando os nossos bravos irmãos que há 37 anos tombaram assassinados por ele mentos covardes e abjetos, tenhamos a coragem e a disposição para resistir aos ataques rasteiros desses infatigáveis detratores da honra e da dignidade.

E neste dia, e neste templo, pecamos a Deus que, na sua infinita bondade, faça com que nós sejamos sempre fiéis à memória dos nossos bravos irmãos que tombaram para que nós, seus companheiros, e o Brasil, permanecêssemos de pé.

*Que Deus guarde suas almas. **